



O

ALABAMA



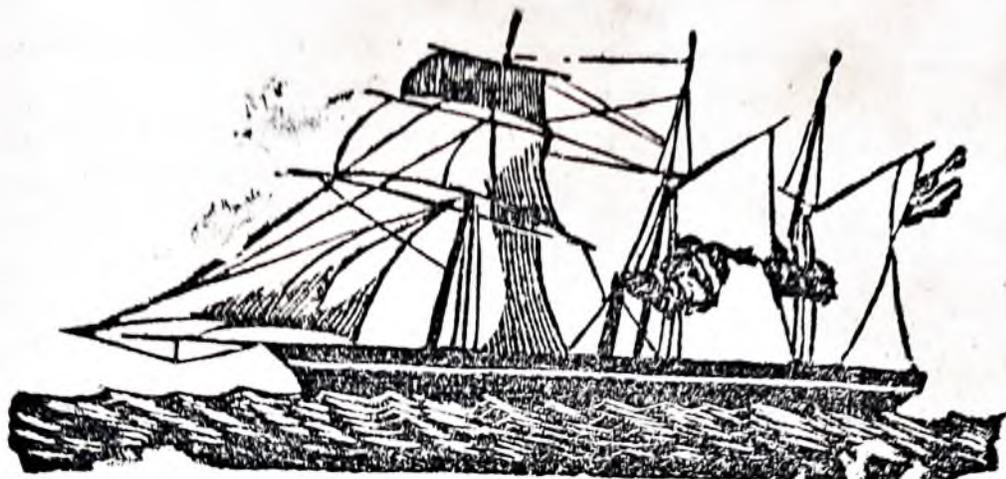
1865

A

1867



H. B.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

2 DE OUTUBRO DE 1866.

SERIE 11.<sup>a</sup>—N.<sup>o</sup> 107

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1.<sup>o</sup> de outubro de 1866.

Officio ao Illm Sr. delegado de policia, participando-lhe que mora na rua dos Carvoeiros, sobrado n.<sup>o</sup> 11, 2.<sup>o</sup> andar, quina para a rua d'Ajuda, uma mulher de idade, a qual tem em seu poder uma menina á quem castiga 6 e 8 vezes no dia com palmatoadas. Por qualquer da cá aquella palha é a criança refrescada com 12 a 18 bolos. Pede-se á S. S. providencias que façam cessar tal proceder.

—Ao mesmo, no mesmo sentido, a respeito de uma infeliz menina existente em poder de uma mulher de má vida de nome Umbellina, moradora ao Maciel, por baixo da casa da familia Moura e Mattos. Essa mulher, da-se ao vicio de embriaguez diariamente, o nesse estado, dá-lhe a mania para trucidar a pobre menina. Espera-se que S. S. dê providencias que livrem a infeliz da sanha de tão pessima mulher, incapaz por seu procedimento e vida desregrada de ter uma pupilla.

—Estamos para ter revolução na Bahia?

—V. está sonhando, homem?

—Quem diz é o presidente.

—Ora ha de V. andar a metter o nome do presidente em suas pilherias!

—O Sr. agora é quem quer metter o caso a bulha.

Ora veja:

*Expediente do governo do dia*  
25 de setembro.

«Officio ao Dr. chefe de policia.— Em resposta ao officio de V. S. datado de hontem, tenho a dizer-lhe que deverá V. S. cumprir a lei, fazendo punir a aquelles que tentarem perturbar a ordem publica.»

Já vê que não é graça minha; por que a coisa vem de fonte limpa.

—Ha cousas que por mais authorisadas que sejam, me parecem carapetões, ou graças de algum divertido.

—E' verdade que uma noite, no tempo do Sr. Dantas, andou a cidade toda debaixo de armas, e no fim de contas, disseram que foi uma coruja que piou.

### VARIÉDADE.

#### A mulher teimosa.

«Mistress Phillips pretendia ir a um beneficio, que se dava na igreja Nova. Seu marido negou-lhe a licença pedida, dizendo-lhe que tinha muito que fazer em casa, e que por aquella vez não havia remedio se não ficar.

—E por que não hei de ir? perguntou Mistress Phillips assanhada como uma cobra.

—Porque tens que fazer em casa, tornou o marido, com muita tranquillidade.

—Hei de ir, hei de ir.

—Não has de ir, não has de ir.

—Não vou? Pois então vou cortar um dedo, com esta faca.

O marido riu-se.

Então a heroica dona, para mostrar que não era mulher para graça, pôe a mão em cima da meza, levanta a faca, e..... truz! lá vae o dedo com a breca.

—Então vou, ou não vou? repergunta ella cheia de ufania, depois deste acto de heroismo.

—Não; responde o marido segunda vez.

—Não! torna a dizer a mulher, Zumba! lá vae outro dedo pelo caminho do primeiro

Mr. Phillips julgou que devia por termo a esta carniceria.

Mandou chamar o cirurgião: mas em quanto elle fazia o curativo dos dous dedos mutilados, repetia a heroica ao marido que, se lhe não dava licença para ir ao beneficio, ia cortar uma mão! »

## A PEDIDO

—Sr. commandante, mande formar sua gente, que quero passar revista.

.....  
—Sr., eu sou doente; tenho o osso do quadril uma polegada fora do lugar.

—Isso não é commigo.

.....  
—Quem é aqui F.?

—E' esse soldado que acabou de fallar a V. Ex.

—Ah, é esse! é realmente doente; mande-o sahir da forma; já tinha dado ordem para ser dispensado.

—Aqui está, Sr.

—Está dispensado, pode se ir embora.

—Ha homens que de tudo se aproveitam!

Valem-se da desgraça e miseria dos infelizes para tirar proveito, impondo aos desgraçados condições pouco honestas.

—O que quer dizer com isso?

—Um factó abominavel praticado por um sujeito.

—Ouçamos.

—Uma infeliz disputa liberdade com um homem poderoso por seu dinheiro. Obteve sentença contra si, com visivel offensa da lei, e tendo de recorrer a um tribunal superior, viu-se privada por falta de meios, para realizar esse desejo.

Recorreu sa almas benificentes e para isso veiu a capital recommendada a duas ou tres pessoas.

Um destes, enviou-a a um tal *Chicotada* que ha em Latronopolis, para que lhe desse uma esmola.

*Chicotada* viu a rapariga e lubrico como é, teve logo para ella sentimentos impudicos. Tomou um papel que ella levava, assignou 5\$ rs., deitou *p. g.*, e depois com uma cedula de 5\$ rs. na mão propoz a infeliz condições pouco decentes, que ella repelliu; guardou *Chicotada* o dinheiro, e disse que fosse receber no dia seguinte, dia em que ella retirava-se para sua terra. Com effeito ella apresentou-se no escriptorio de *Chicotada*, e então quiz com violencia alcançar o que não tinha podido por maneiras doces; houve lucta pertinaz, e a rapariga sabiu toda esfarapada e perdeu a viagem, porque o vapor sabia ás 11 horas, e *Chicotada* trancou-a até depois de meio dia. Vendo que nem a força saciava o seu reprovado intento, despediu-a sem dar o dinheiro que tinha assignado, e que tinha já deitado o competente *p. g.*; e assim passou como um dos que concorreu para a obra meritoria da liberdade da rapariga.

—Ora essa! Si o Sr. me contasse isso de outra pessoa eu me admirava, mas do *Chicotada!* De que não é elle capaz!....

—Capitão, si realisa-se um factó, tenho optimas cousas a contar-lhe.

—De quem?

—Do *José* primo do *Duarte*, irmão do *Ferreira* e do capitão *Antonio Pedra-osso*.

—Diga logo porque tenho sede nestes dous tratantes.

—Não. Tenha paciencia que até ver si se realisa o saque horroroso que elles querem dar nas algibeiras de um pobre artista, onerado de familia, con-

lar lhe hei tudo mendamento, e ai,  
ai!.....

— Por acto do 26 do corrente foi nomeado o cidadão Justino Augusto de *Sento-Sé*, para *ajudante* do coronel J. Nunes do *Sento-Sé*, na commissão do transportar para o rio de Sr. Francisco o vapor *Presidente Dantas*.

— Que musica foi uma que tocou a 29 do passado no *abarracamento* do chefe militar?

— A de tostão e dez reis.

— Não presta?

— E porque não ha de ser assim? Si não se exercitam, não ensaiam.

— A razão?

— Porque o mestre gostou sempre de andar a duas amarras. Ensina a dous ternos, e cuida mais do outro, do que deste.

— E' mau isso.

— Encarregou a mestrança a um moço que é leigo na materia, além disso sardo e encherça pouco. Faça idéa o que pode fazer.

— Mas isso é culpa do inspector da musica.

— Condescendencias.... amisades.

— Com prejuizo de quem dá seu dinheiro, é mau.

— O commandante é quem pode resolver isso.

— Cá cá cá cá.

Isto só pelo diabo!

Não sabe, capitão, *Mr. de Regó* diz que não deu o cavaco, mas coitado está da salla para a cosinha. Diz que quem o botou no *Alabama* é um sujeito que anda pelos lados do *Theatro* á noite. Gato ruivo do que uza nisso cuida. Si por la elle não andasse em seu modo de vida, de certo não atinaria com o cuj.

Promette escalar ceus e terra, esbandalhar nas gazetas seu pobre criado.

Puf! puf! puf!

Temos de ver este *Bertholdo* com a espada de Carlos Magno afrontar tudo para despicar-se, o eu de largo cantarei minha quadrinha:

Meu Reguinho, não se perca

Deixe o mundo corio vae,  
Aproveite seus estudos  
Para gosto de seu pac.

Deixe esse bello officio  
De corrector de *donzellas*,  
Tenho pena de lhe ver  
Nodoado de *mazellas*.

Vá plantar os seus pepinos  
Na horta de S. Francisco,  
Si o negocio não render-lhe  
Vá p'ra limpeza do cisco.

— O *theatro* vae ás mil maravilhas!  
Parece que tudo conspira para um deleixo completo!

Vendem dous bilhetes com um só numero, do que resulta conflictos, que é preciso a intervenção da *authoridade* para acalmal os.

— Lá isso é descuido da empresa.

— De vez em quando apparece um eclipse, como na noite de 18 do p. p., em que os espectadores andaram a jogar a *cabra-cega*.

— Homem, deixe lá; o *Custodio* anda zangado com a *sahida* do *Martins*.

— Por isso não; que ficou para substituil-o o *Monteiro*, que tambem *faz* boas graças a gente.

— E quem substituirá o *Bento*?

— O *Lucas*, que é um perfeito actor.

— Não cassue, tratemos de outra cousa.

— Naquelle casa decididamente mora *juden*.

— E não lhe pareça. O que praticam alli é mesmo *judiação*.

— A *moralidade* publica, o pudor, a *honestidade* são atrozmente *judiadas*.

— Si passa um homem com uma mulher, elles sem saberem si são casados, si é uma senhora honesta que vae com seu irmão, dirigem mil *graçolas* pesadas, proprias de *moleques* de terreiro, e que somente são *supportadas* nesta terra que atura tudo quanto é *aventureiro* e *ladrão*, que vem deste mundo.

— Ficam nus dentro da casa e fazem mil *patifarias*.

— E vão para o hotel visinho, embebedam-se, e de lá pintam *peruta* para a rua.

—N'uma rua tão publica como é a rua de *Cima!*

—Deixe estar, o dia em que passar algum estabonado com sua mulher ou moça, e que elles forem se metter a gatto, não hão de gostar.

—Agora eu acho que era melhor a policia os mandar, chamar e lhes fazer sentir tão feio modo de vida, impondo-lhes a condição de viverem nesta terra como homens de bem e não como perarvilhos e devassos. Evitava assim algum desaguisado; muito mais quando me consta que a ella chegou a fama dos eujes.

—Estes meliantes são os taes que andam a impingir ahi por fora metaes falsos por ouro de lei.

—No dia 23 do p. passado, deu-se um factio por sua natureza tão subversivo e revoltante que não podemos deixar de dar publicidade.

Indo um homem de cor preta comprar carne em um dos talhos da Baixa dos Sapateiros, e não se agradando do logar que lhe dera o cortador, que era branco, pediu-lhe como era muito natural carne d'outro logar, ao que teve em resposta — *não, só ha daqui* (apontando-lhe para as suas pernas,) insulto esse que teve em retribuição outro insulto. Porém o tal carniceiro, julgando talvez que o comprador por ser crioulo devia atural-o, lança-se sobre elle, empunhando a faca de cortar carne, e teria satisfeito os seus damnados intentos, a não ser um grande concurso de pessoas que apresentou-se defendendo o pobre homem, que estaria hoje cecando com os anjos! Isto passou-se na vista de um fiscal, que mostrou-se impassivel a tão innocente brincadeira.

—Desses é que deviam ir mostrar valentia aos paraguayos, em vez de estarem aqui para maltratarem quem vae comprar com seu dinheiro.

—Quanta gente entra e sahe todo dia naquella casa a *descida dos Palmitos!*

—Acho que alli ha cousa.

—Ouve-se um sussurro continuo como de quem sobe algum monte ou ladeira.

—O chefe da cassuada é aquelle empregado capocira que jurou no processo *gravata.*

—O chefe de policia é quem pode decifrar aquelle enigma, visitando os de surpresa antes que elles tenham tempo de se esconderem n'algum *boião.*

Sr. Redactor. — Em rectificação a uma noticia sobre um carneiro pegado pelo Julio Feijoada, cumpre dizer que é verdade ter sido o carneiro preso no logar alludido, porém foi entregue ao empregado da policia Adão de tal.

## ANNUNCIOS.

Quem quizer comprar uma escrava, crioula, de 20 annos incompletos, sabendo coser, cosinhar, dirija-se a casa de Pasto, defronte do Theatro Publico n. 93, para ajustar com sua senhora.

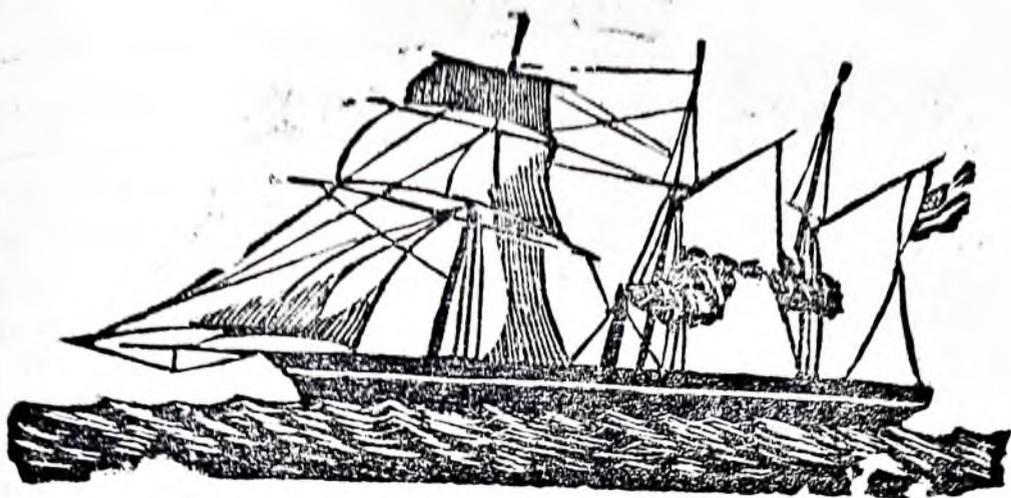
Na mesma casa, precisa-se alugar uma ama, para o serviço interno, e externo; prefere-se pessoa de idade.

Pede-se ao esculptor que trabalha a ladeira da Fonte dos Padres, o favor de vir a rua Direita da Misericordia, loja n.º 4, para tratar negocio que não ignora.

## DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 do ulbo de 1866.

Vende-se uma pequena roça, com casa, sita ao Sangradouro com 15 braças de frente e 30 de fundo em terreno foreiro aos herdeiros do finado Castro Neves; a casa é terrea na frente e assobradada no fundo, tem duas sallas, quatro quartos, cosinha, dispensa, armazem etc. Trata-se na rua da Misericordia n. 31.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

4 DE OUTUBRO DE 1866.

SERIE 11.<sup>a</sup>—N.º 108

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicaçõ-s. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 3 de outubro de 1866.

Não houve expediente.

—A empreza do theatro deu em vaza-barris.

—E o empresario?

—Vae tomar fresco na Ilha das Fontes.

—E os empregados?

—Estão a vêr navios.

—O que fez elle da subvenção que recebeu hontem, na thesouraria?

—Eu sei ca! O que me dizem é que em recompensa dos esforços com que trabalhou para regenerar o theatro, foi absolvido das multas.

—Meu amigo, este mundo é para quem é.

—Quem tem fortuna ganha, quem não tem perde e apanha.

—Esta cidade vae bem!

Hontem uma negrinha de 9 annos, que consta, ser escrava do Sr. Xavier de Castro, morador ao Candial, sahiu á noite para comprar gaz, dous sujeitos agarram-na e estruparam-na mesmo na rua.

—Bom, bom, em quanto a cousa vae por lá vae bem.

—Não sei si dê credito a isso.

—A que?

—Que o presidente mandou embarcar como *voluntario* no batalhão Pedro 2.º a um individuo que está sendo processado por crime de morte pela subdelegacia da Victoria!

—Pois o Sr. Leão Velloso vae la dar guarida a criminosos, esquivando-os ao castigo da lei, homem? Não sei mais o que hão de dizer.

—Pois disseram-me; e que até o subdelegado ia requisitar da policia da corte o homem.

## VARIEDADE.

Copia fiel de um requerimento de certo empregado do mato, feito ao Juiz do Paz do seu districto para chamar a conciliação a thesouraria por estar a dever o seu ordenado.

Ill, Sr. Juiz de Paz. — Diz F... que a lei da Patria é igual para todo o Christiano, como diz o nosso pacto se-deral dos Poderes politicos da Constituição; e si mesmo S. M. I. pode ser chamado a presença pacificativa de V. S., como não pode o suplicante cobrar juridicamente o seu ordenado, que lhe deve o Exm suplicado Thesouro do erario!!! Não ha injustiça tão *impatriotica*, e *aristocratica* e tão injusta, do que gas-

tar-se tanta effusão de prata, e moedas papeis; só para todos os dias empurrar-se os nossos *conterranos*, e patricios pela barra fóra para irem se expixarem lá pos essas *religiões* montanhosas dos matos dessas terras, que estão reboliças de Republicas, e outros suplementos; segundo tenho lido no vocabufario da folha grande que constitue o Jornal da Cidade do Maranhão

Ill. Sr. Juiz de Paz, e Meretissimo preopinante, como pode um saco vazio se por em pé, como diz a Sagrada Escripura? Assim como pode um cidadão honrado comer, dar de comer, ir beber, e cobrir a mulheres, e a filhos do vestuario e andar com a sua cara limpa, e sem sujidade? O meu compadre Pitomba me aconselhou, que decesse a Maranhão e me queixasse ao Sr. Presidente, que afigura pelo Congresso dos Representantes: mas para que passar por este *encomodo*, e voltar ainda mais *imprevisto*?... Todavia uso da *dificuldade*, que me confere as *lezes* Geraes, que he mais forte que essas feitas lá mesmo; por tanto requeiro a *voça* pacificativa Senhoria, que me mande citar o dito Thescuro na pessoa do Thesoureiro ou do Contador, ou do Almojarife, por que cada diabo governa sua semana, ou dos *Inspectores*, correndo logo as revelias todas a demanda. E no caso contraditorio, quando lhe seja disponivel, nem sufrivel, então mande-me huma intiuza Deprecaiva ao Juiz de Santo Antonio que *concupinado* com o meu procurador a quem tambem lhe faço, posão cobrar juridicamente sem desatenção alguma o importe das prepinas do meu ordenado, e custas *na forma* do Codigo tanto do Proceço, como Crim. para que não padeção as partes de qualquer empregado do serviço, nem se veja a miseria do proximo padecendo fome por causa da crueldade d'hum Thesouro desumano, e *aristocrata*, que despreza a legitimidade de cada hum na posse de quo lhe compete.

Deos Guarde a V S, e por isso

P a V. Ill. Sr. Juiz de Paz conciliativo assim queira lhe fazer pelo muito que

R. J.

(Marm. Mar.)

## A PEDIDO

— Os bajuladores e rabo-levas do poder andam a apadrinhar o acto de feroz despotismo praticado contra David Candido Monteiro, com o facto de ter elle, na occasião de ser preso, resistido, e depois faltado com o respeito ao capitão Seixas.

— Desculpa banal, defeza podre, nascida do instincto vil de adulação, com que querem a todo transe acobertar o mais requintado vandalismo, a mais violenta arbitrariedade.

Si David commetteu um crime, si faltou com o devido respeito a seu superior, ahi estavam as leis do paiz, para punit-o; instaurasem-lhe um processo, sugelassem-no a um conselho, mas não lhe roubassem o direito. Não é esmagando a lei que se mantém o imperio da lei.

— E sabe-se muito bem, como são imprudentes os agentes da guarda nacional; prendem um homem, que tem consciencia de que não está sujeito a guarda nacional, este por mais moderadamente que lhes observe que não está subordinado a authoridade do commandante de guarda nacional, não é attendido, de mais é provocado, por excessos dos taes agentes, de maneira a exbaurir a paciencia de um santo, e é a razão por que se dão muitos conflictos.

— E que authoridade tem um commandante da guarda nacional, para á sua ordem, se prender qualquer cidadão na rua, que não esta verificado si é guarda ou não?

Eu entendo que é uma resistencia bem feita.

— Mas entenderam que o homem, por que provocado, commetteu uma imprudencia, devia no Paraguay espiar a sua falta, tendo para lá mandando ja outro em seu lugar.

— Desaquartelou o 3.º batalhão de guarda nacional.

— E aquartelou o 6.º

— Enganou-se; foi apenas uma ala.

— Isso é novo para mim. Sem du-

vida alguma capricho do presidente.

—Porque diz isso?

—Porque até agora não aquartellavam alas, e sim batalhões.

—Porém dizem que o 6.º não tem gente.

—Engana-se, entrou com 70 e tantas praças para o quartel, quando outros tem entrado com muito menos. E a razão de estar elle desmontado prova de mais, que para regularisal-o é preciso aquartellar com seus officiaes e estado maior, a exemplo dos outros que entram com 40 e 50 praças e sahem com 250 a 300, o que não acontecerá estando o batalhão adido a outro.

—Talvez seja por economia.

—Ora deixe-me! Não se lembraram de fazer economia à respeito de outros, e agora com o 6.º batalhão é que apparece! O que me parece é que ha ali algum proposito occulto.

—Capitão, o *trem dos nauticos* em Latronopolis é um covil de grileiros. E' fechar os olhos alli e esbarrar com um dos taes.

—Com excepções.

—Rarissimas.

Quer ouvir a *estrategia* de que usa um *sabido* alli para *surripiar* o trabalho alheio?

—O *arraes-maior*, que é uma cabeça capaz dos maiores commettimentos cavillosos e que tem um espirito proprio para toda sorte de alacridades, descobriu uma ganancia para ficar com os cobres de seus subordinados.

—Como?

—No pagamento; á quem trabalha 13 dias elle paga 12, e assim proporcionalmente etc.

—E os prejudicados por que não reclamam?

—Eu lhe digo. O homem tem inteira jurisdicção sobre os pobres *fendedores* ou *sulcadores d'agua*; pela mais pequena falta commettida, ordena ao *assentador* que deite *abaixo* o dia do trabalhador; succede ás vezes, que um *marcante* trabalha até 5 horas, e no fim do dia por capricho de seu *arraes*, deita-se-lhe o dia *abaixo*. Assim, quando chega a quinzena, elle to-

ma a folha em mão do sujeito que faz os *apontamentos*, recebe o dinheiro e retira-se para um logar reservado que tem, e alli vae pagando a sua vontade. Depois V. Ex., sabe que o *trem dos nauticos* em Latronopolis, não fica longe da presiganga, e ninguem quer ir passeiar a bordo, e por tanto não querem intrigas com o homem.

—Isso esta me parecendo fabula.

—E' verdade purissima. Deixe lhe contar um caso recente:

Na *terceira oitava* de mez passado houve pagamento e um trabalhador vendeu a sua quinzena a um sujeito parente do *Agostinho* a gente de um *deposito d'agua*; quando o homem foi receber os cobres o nosso *arraes* quiz pagar-lhe apenas 22 dias, dizendo que é quanto tinha o *fendedor do mez*; mas o parente do *Agostinho* que ja tinha visto a *folha* em mão do *assentador*, e sãbia os dias de trabalho do homem, reclamou, fez alarido, bradou, e o meliante não teve remedio se não cabir com a chelpa por inteiro, para a coisa não ficar muito devulgada.

Então ainda duvida V. Ex.?

—Eu sei, homem, certas cousas parecem ineriveis.

—Pois então ouça este caso que ainda é melhor, acontec'do com o Oliveira da venda. (Continúa)

—Não sabe d'uma cousa?

—O que é?

—Um certo *pelludo* que é alferes da *guarda civica*, e negociante á custa dos outros, diz que só gosta de ir para a guarda do *paço do governador*, por que de lá entretem namoro para a *casa* de um personagem *muito alto*, e gabase de receber olhares ternos, e até de ter sido mimoseado com um cravo!

Da-se maior besta?!

—E elle o que quer, casar?

—Qual, si elle é casado. E que o não fosse, a moça ia lá dar sê de semelhante burrigo.

—E é bastante ousado o tal *pelludo*...

—E além de *pelludo*, é burrigo.

—Como é o nome desse insolente bisborria?

— Vou dar-lho as iniciaes na pala-  
 3 1 2  
 vra *pelludo*. Estão numeradas.  
 — Em que freguezia mora?  
 — Digo o milagre, mas não o santo.  
 — Diga sempre por *Sant'Anna* por  
 que quero mandar o cujo para o *Passo*  
*da Patria*.

#### A CANÇÃO DO VOLUNTARIO.

Sou da patria Voluntario  
 Contra o feroz aduersario,  
 Que á minha Patria insultou:  
 Puz a farda e a muchilla;  
 Que em taes casos não vacilla  
 Quem o Brazil sempre amou.

Deixei amigos,—parentes,  
 Trouxe saudades pungentes  
 Das prendas do coração:  
 Mas... um soldado não chora,  
 Combater só devo agora  
 Nas filas do batalhão.

Não me assustou o marchar,  
 Muito menos o embarcar  
 P'ra tão remota paragem;  
 Guiou-me a fé, a esperança  
 D'alcançar crúa vingança  
 D'esse barbaro selvagem.

Aprendi a disciplina,  
 Já manejo a carabina,  
 E á bayoneta carregó;  
 O quadrado eu sei formar,  
 Muito bem sei avançar,  
 Tiros certos descarregó.

Como não ser transformado  
 Tão depressa n'um soldado  
 Com tão grande general?  
 E' homem que não descança,  
 Que p'ra o inimigo avança  
 Com denodo sem egual!

A' cavallo a todo o instante  
 Eil-o sempre vigilante  
 Pela brazileira gloria:  
 Não vacilla uma só vez  
 Na heroica intrepidez  
 Com que obtém a victoria.

Era bello vê-lo quando,  
 Para este lado saltando,  
 Terra inimiga pisou!  
 Comitiva escaça tendo,  
 Para a frente foi rompendo.  
 E o caminho nos mostrou.

.....  
 .....

Avante, soldados, avante!  
 Que um só brado se levante  
 Dos bravos entre a fileira:  
 Ou morrer á mão armada,  
 Ou termos por nós plantada  
 N'Assumpção nossa bandeira.

(Extr.)

— Capitão, em Latronopolis não ha  
 mais casa vasia para se morar?

— Porque?

— Porque na rua de Santa Teté, mo-  
 ra um homem dentro de uma panella.

— Pois entregue-o ao cozinheiro,  
 para fazer delle um assado; e si elle  
 gritar pelo *Papa rato*, atire-o na  
 cloaca.

— Para o batalhão 103 de Monte-  
 Alto foram nomeados:

2<sup>a</sup> Companhia — Tenente Ernesto  
*Pereira da Silva Castro*; alferes Joa-  
 quim *Pereira da Silva Castro*.

3<sup>a</sup> Companhia — Capitão Manuel  
*Joaquim de Magalhães*; tenente Anto-  
 nio *Joaquim de Magalhães*.

#### ANNUNCIOS.

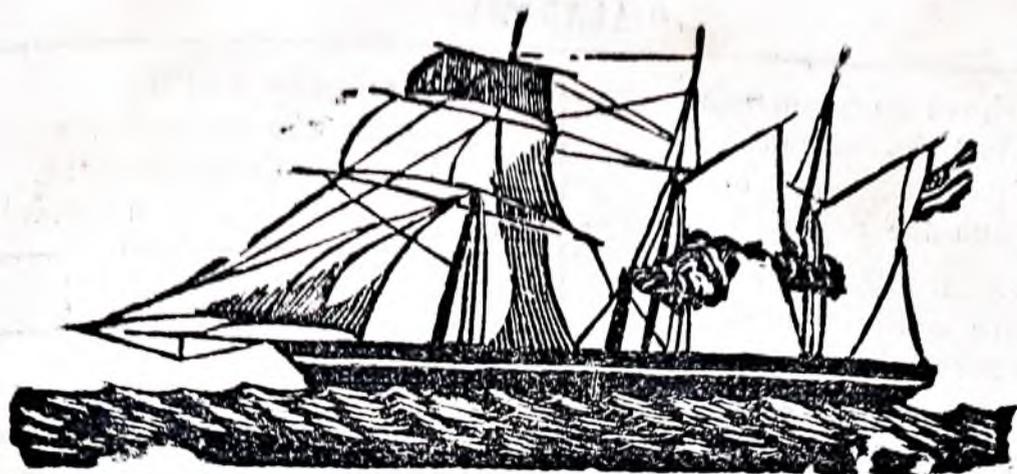
Quem quizer comprar uma escrava,  
 crioula, de 20 annos incompletos, sa-  
 bendo coser, cosinhar, dirija-se a casa  
 de Pasto, defronte do Theatro Publico  
 n. 93, para ajustar com sua senhora.

Na mesma casa, precisa-se alugar  
 uma ama, para o serviço interno, e  
 externo; prefere-se pessoa de idade.

#### DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo  
 obtido do governo da provincia, carta  
 de authorisação na forma do decreto  
 n. 2692 de 14 de novembro de 1860,  
 para dar dinheiro a premio sobre pe-  
 nhores de ouro e prata com as forma-  
 lidades exigidas pelo mesmo decreto;  
 faz publico que do dia 30 em diante  
 recebe penhores diariamente, das 7 horas  
 da manhan até as 5 da tarde, na 3.<sup>a</sup>  
 casa passando o azylo da Misericordia  
 ao Campo da Polvora. Bahia 26 do  
 ulho de 1866.

Breve sahirá á luz a nova modinha  
 brazileira intitulada—**Nada possui**  
**neste mundo.**



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

6 DE OUTUBRO DE 1866.

SERIE 11.<sup>a</sup>—N.<sup>o</sup> 109

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n.<sup>o</sup> 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de outubro de 1866.

Officio á Illma. camara, pedindo-lhe que mande concertar dous immundos canos que ha na rua da Forca, que não só incommodam aos moradores, como a quem passa, com a singularidade de ficar um bom nas ventas do fiscal Raphael.

—Só assim se tapará o terrivel sorvedouro que ha em frente do arsenal de guerra.

—Porque?

—Porque ahí está a companhia de calceteiros.

—A proposito, explique-me, que quer dizer isso?

—E' uma companhia para concertar as ruas. O mestre tem obrigação de andar *passeiando* para ver onde ha buracos, tapal-os e tem por isso o insignificante jornal de 3\$ rs. diarios. Só em sapatos o homem gasta um dinheirão.

—Seria bom que S. Ex. mandasse dar um cavallo para o homem montar nelle.

—Ha tambem deposito de materias pelas freguezias.

—Bom, bom; e que elles sejam *bem depositados*.

—Negue agora, si é capaz, que a cabeça de S. Ex. não é uma cabeça grande!

### Carta do compadre da cidade ao compadre da roça.

Compadre—Que uma perfeita  
V. desfructando vá,  
E que Deus o persevero  
Dos paraguayos de cá.

E da risonha ventura  
Tenha sempre o cofre aberto,  
E' tudo quanto lhe almeja  
Seu compadre e amigo certo.

—Julguei que V. viesse  
Assistir a exposição  
Que na verdade, meu rico,  
Esteve de encher a mão.

Muitos objectos raros  
Vi eu a figurar nella;...  
Espetos de camarão  
Testo de barro e panella.

Bella semente de cravo  
Mettida n'um papellão,  
Um tipiti por 1\$ rs  
Comprado em primeira mão.

—Abriu-se o cofre das graças,  
E quasi faz explosão,  
Despejou tantas mercês  
Que espalharam-se no chão.

Grossa chuva do commondas  
Toda esta terra alagou;  
Não houve gato nem rato  
Que na sua não pegou.

Agora se oncontro alguém  
Que quero cumprimentar,  
Vou perguntando primeiro —  
Com lhe hei de tratar?

O rol dos agraciados  
Foi tal nesta enxurrada,  
Que se houver nova fornada  
Será de gente agarrada.

Ministerio que faz graça,  
Na opinião do paiz  
Está bem desengraçado;  
É o Saraiva quem diz.

— Cumpre agora lhe dizer  
Que o homem a quem me refiro,  
Foi no vapor que passou  
A' Europa dar seu giro.

É um costume, compadre,  
Que inda não pude entender,  
Usado por nossos homens  
Quando deixam o poder.

É raro o nosso estadista,  
(Não sei se nisso ha misterio)  
Que não se larga p'ra Europa  
Quando sabe do ministerio.

— Já deve saber por lá,  
Que um decreto d'estouro  
Adiou as eleições  
P'ra fevereiro vindouro.

Eu que para deputado,  
Queria por sua via  
Me encaixar, desanimei  
Com isso, que não previa.

Porque sei que para o anno  
A cousa se ha de arranjar  
De maneira que os felizes  
Somente tenham logar.

— Eu não sei porque motivo  
O Sr. Silveira e Souza,  
Regeitou a presidencia  
Antes de provar da cousa.

Agora vem outro homem  
La das bandas do Pará,  
Que quando pegar nas redeas  
Tudo montado achará.

— O Sr. Leão Velloso

Governador do Pará,  
Parece que muito breve  
Vae-se, e nos deixa só cá.  
(*Continúa.*)

## VARIÉDADE.

### Eoa filha!!

Uma mulher coberta de farrapos, com cara de doente, apresentou-se ha tempos no tribunal de policia de Westminster e disse que queria fallar ao magistrado. Um porteiro levou-a á sala da audiencia, onde ella foi encoitar-se ao banco das testemunhas.

— Que tem você miha santa? disse-lhe o magistrado.

— O que tenho Sr. juiz? Não tenho nada, mesmo nada, nem um centil, e por isso qua não como ha dons dias.

— Não tem amigos nem parentes?

— Tenho uma filha casada.

— E o que faz o marido de sua filha?

— É padeiro.

— Pois o marido de sua filha é padeiro, e você morre a fome? Official, vá buscar a padeira.

Passado um quarto de hora, o official voltou acompanhado por uma mulher nova, bonita e bem vestida.

É filha desta pobre mulher? perguntou-lhe o juiz.

Son sim, senhor.

— E porque a deixa andar neste estado de miseria?

— Isto não é commigo.

— Ingrata! gritou a mãe; não te lembrás que fui eu que te criei?

— Lembra, mas o seu leite não lhe custava dinheiro, e nós se queremos pão compramos a farinha.

O Juiz, espantado com tal descaramento, disse ao escrivão que desse duas libras a pobre velha.

## A PEDIDO

Sr. capitão do Alabama. — Talvez por mal informado publicou V. Ex. no expediente do 1.º do corrente um officio ao Illm. Sr. delegado de policia, em que me accusa de castigar uma moçuna que tenho em meu poder.

Tal informação é menos exacta, o que provarei, si preciso fór, com as

familias da vizinhança, e estou prompta a apresental-a a qualquer autoridade que o exija.

Não sei mesmo a quem attribua tão cavillosa informação, a não ser algum despeitado gazeo, pelo facto de haver eu castigado a menina com 4 bolos, em virtude de querer o tal tolo fazer della seu mercurio. Si com isto pequei muita gente tem feito o mesmo.

*Umbellina Apolonia da Silva.*

—Muxingueiro!

—Prompto!

—Conheces um homem que se inculca de casado, mettido a valente, morador no campo do *Barbas-de-alhos*?

—Conheço um cujo que diz que é casado, mas eu que não como araras, julgo que elle é casado como os passaros, ou quadrupedes. Não sei se será este.

—E' elle mesmo.

—E si não fôr, pergunto ao *Theophilo*.

—Pois vae e dizo-lhe que amanha domingo, bebam menos, para não se enfeitarem tanto como nos anteriores, e depois na *chanfornada*, darem espectáculo, principiando por desentoadas modinhas, e acabando com barulhos e por offender e insultar a vizinhança; do contrario serão encarregados da limpeza da cloaca do navio por tempo de um mez.

—Que foi isso, Sr. *Flora*?

Levou Vm. a sova de bocca calada!

Isto succede a quem gosta de andar por toda parte!

—Quem lhe contou? Foi um caso passado fora de horas!

—Ora, o que é que se faz neste mundo que não se vem a saber?

Vm. foi entrar naquella casa da rua *Torta*, e o sujeito do 1.º andar, julgando que era ladrão foi de cacete e deu-lhe uma boa coça, que o Sr. chapou calado, por quo nada podia dizer.

—Por favor não diga mais nada que me envergonha, o eu não quero que

minha conhecida da rua *Misericordiosa* saiba.

—Então bem, calemo-nos.

## PARTE COMMERCIAL.

PRACA DE LATRONOPOLIS 5 DE OUTUBRO,  
A'S 3 HORAS DA TARDE.

*Cotações officiaes da junta dos corretores.*

*Cambios*—Subiram com a mudança do mez mariano. As beatas estão assanhadas.

*Honra*.—Sem valor.

*Descontos*.—*Merito*—Baixou a 30 por c. de abatimento.

*Metaes*.—*Globulos de liberdade*—50 quintas despotismo.

*Grammas de intelligencia*—50 ga'ões de estu:idez.

*Joaquim Mulcreado*, presidente.  
*Gatuno*, secretario.

ESTABELECIMENTOS DE CREDITO.

*Directores da presente semana.*

*Companhia do olho vivo.*

Manuel Florence

Dionisio D. Ratão

Cadete Moreno.

*Companhia dos chorões.*

Joaquim Parteiro

Duarte.

*Sociedade Mercurio.*

Mané Bahia.

Rego.

## Revista do mercado.

O mercado de Latronopolis durante as ultimas semanas tem andado em redemoinho.

Importantes transacções tem se feito em contemporisações e afilhadagens.

Tem havido avultadas compras e vendas de *delapidacões*.

O governo comprou por conta propria uma *machina* vinda na barca *Eleição* da ilha de *Reacção* para montar na provincia.

Vendeu-se sobre agoa uma partida de *inercia* chegada na barca *Desmazelo* por conta da edilidade.

Fez-se uma transacção que não transpirou, nos espelhos da galera naufragada *Catccolo*.

Em *especulações* realisaram-se algumas transacções, mais ou menos importantes.

Vendeu-se uma pequena partida de *illegalidades* vinda da ilha da *Presidencia*, na barca *Desmandos*.

### Movimento do mercado.

*Acareza.*—Os depositos estão amontoados; sem embargo do que, os possuidores estão firmes á espera de melhores ofertas.

*Alegria.*—A importada pelo vapor *Cruzeiro* que nos trouxe a noticia da tomada de Curuzú abarrotou o mercado, si bem que fosse de qualidade mediana.

*Boa-fé*—Enjoada.

*Charidade.*—Não ha.

*Cynismo.*—Grande suprimento. O mercado está abarrotado.

*Desordens.*—Apezar de abastecido o mercado, tendem á subir o preço por que são cotadas.

*Devassidão.*—Abundancia.

*Desmantellamentos.*—Os que haviam foram arrematados para o theatro.

*Escandulos.*—A granel.

*Enredos.*—Firme.

*Jesuitas.*—A importação cresce. A noticia da boa sabida que esta mercadoria vae tendo entre nós, já chegou até a Polonia, donde consta breve chegará uma remessa.

*Noivos.*—Falta absoluta: o mercado acha-se inteiramente desprovido desta util mercadoria. Todos os correctores e zangões estão encarregados pelos papaes e mãães para comprarem della, mas não a encontram. Em outro tempo vinham do Porto regularmente alguns carregamentos, porém de certa epocha para cá a importação tem escaciado muito do estrangeiro, e alguns que apparecem são vindos de cabotagem.

*Patriotismo.*—Frouxo.

*Probidade.*—Escaszez absoluta.

*Sisudez.*—A pouca que ha é cotada por alto preço.

### IMPORTAÇÃO.

#### MANIFESTO.

Palhabote *Diabo Cóxo* da cidade de S. Carlos em 2 de outubro:

2 caixotes massa fulminante, 10 frascos *linguarites*, 2 encerados pouca vergonha, 12 cabos detracção, 2 mangotes mordacidade, 12 embrulhos drogas falsificadas.

### EXPORTAÇÃO.

#### DESPACHOS MARITIMOS EM 4 DE OUTUBRO.

*Para fora de Latronopolis.*

*Passo da Patria:* brigue *Oliveira*, capitão *David*; 25 mangotes *bestialidades*, 10 baris *namcro-salpreso*, 10 volumes preparativos para jogo, 5 caixas *ajuntamentos*, 1 embrulho, infracções de posturas, 2 encerados objectos para seduzir meninos e estudantes a faltarem suas obrigações.

#### GENEROS DESPACHADOS EM 4 DO OUTUBRO.

*Para dentro de Latronopolis.*

*Ribeira do Trem*, salucho *Joã*; *Candido da Costa*, 10 saccos *usura*, 4 *barricas usurpação*, 8 *gigos latrocínios*.

#### DESCARGAS POR BALDEAÇÃO.

*Chalupa empenada*,—*Zé Monturo*—*corcovas e bigodes postiços*.

*Sumaca*—*D. Bebé*—*servilismo e baixeza*.

### MOVIMENTO DO PORTO.

#### ENTRADAS.

*Concupiscentopolis*—em 15, dias bergantin sensual *S. Caetano*; capitão *Alberto de Souza*; passageiros o repartidor *Seixas*; algumas moças seduzidas, 25 meninos filhos de diversas mães, orphãos abandonados por seu pae; carga 3 *ancoreta defloramentos*, 5 *pipas lascivia*, 12 *arrobas manhas*, 2122 *arrateis malvadez*.

#### SABIDAS.

*Ilha dos Rochedos*—barca cynica *Santo Antonio*, capitão *Vianna*; passageiros um padre, um vaqueiro, e duas mocinhas; carga 2 pacotes *luxuria*; 4 volumes, *bigamia*, 25 *garralões atrocidades*, 8 *cestos malcreações*.

### ANNUNCIOS.

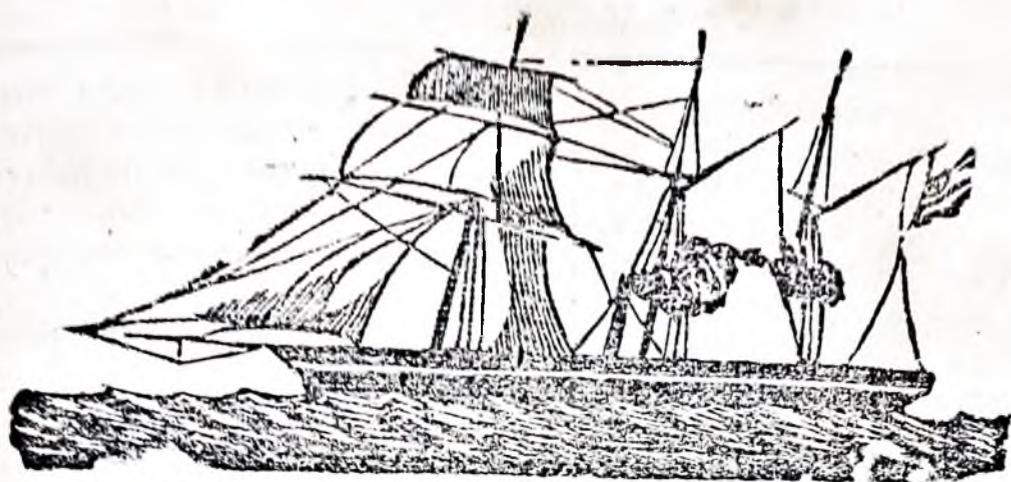
#### DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Misericórdia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de ulho de 1866.

Quem quizer comprar uma escrava, crioula, de 20 annos incompletos, sabendo coser, cosinhar, dirija-se a casa de Pasto, defronte do Theatro Publico n. 93, para ajustar com sua senhora.

Na mesma casa, precisa-se alugar uma ama, para o serviço interno, e externo; prefere-se pessoa de odado.

*Typ. de Marques, Aristides, Igrapiuna.*



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

9 DE OUTUBRO DE 1866.

SERIE 11.<sup>o</sup>—N.<sup>o</sup> 110

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de outubro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que no armazem, intitulado Passo da Patria, ha um divertimento ou jogo denominado *bagatella*, á primeira vista innocente, porém que em suas consequencias pode trazer resultados funestos, em relação as pessoas que o frequentam, por serem em sua maioria estudantes e moços que não tem rendimento com que possam dar-se a tal *divertimento*, em que, consta, alguns tem dispendido quantias avultadas. A' vista de tão justas ponderações, uma vez que é licito esse systema de jogos, espera-se que S. S. mande chamar os proprietarios do dito estabelecimento, e os admoeste para que não admitta alli filhos familias, estudantes, e sim pessoas que estejam no caso de gastar o que é seu, sem prejuizo de seus paes ou terceiras pessoas.

«—Sr. fiscal, veja este pezo de 5 libras de carne, que tem uma de menos.

«—Não tenho nada com isso, minha obrigação é verificar o numero que está na porta do talho.

—Onde foi isso?

—No *Cimo* dos Sapateiros, no dia 3.

—Em que açougue foi comprada a carne?

—No do Borgia.

—Tem-se dado boas cousinhas depois do tal Regulamento.

No Cabeça deram na especulação de substituir demadrugada a carne.

—Com que fim?

—Supponha que o talho n.<sup>o</sup> tanto tem carne a 160, e outro a 200 rs.; o de preço de 160 passa metade da carne para o de 200, para apurar o preço.

—Ah! já me disseram isso, mas foi desta forma:

Em S. Bento, ha cortadores que escolhem os melhores pezos e separam; quando alguém pede dalli, elles respondem que está vendido; depois que o talho de preço mais caro acaba a carne, elles passam o peso para alli o vendem-no pelo preço que este estava vendendo.

—E' uma especulação fraudulenta.

—E o povo é quem sofre; e por ahí já vê que de nada lhe aproveitou o Regulamento monstro.

—O que vale é que o superintendente ja demittiu um fiscal, e estou certo que elle não tolerará abusos que cheguem ao seu conhecimento.

—Explica-me uma cousa?

—Si souber, com muito gosto.

—Assim como ha no matadouro publico um medico para examinar que a carne do gado vaccum, que dalli sahe, seja san, afim de que a população não se veja exposta a comer carne doente, por que razão, pergunto eu, não se ha de proceder da mesma forma a respeito das carnes de porco e carneiro, as quaes se vendem sem o menor escrúpulo ou exame?

—Homem, a sua lembrança não é má, mas quem lhe pode dar explicação é a camara municipal e o presidente da provincia.

### A PEDIDO

—E' de um procedimento irregular a familia do escrivão leirão!

—Porque diz isto?

—Por que gostam de cuspir em quem está em seu quintal, ou a quem passa na rua.

—As moças querem casamento, e como não acham, adoptaram o proceder das *donzellas* do becco do Grelo.

—Parece-me que é isto!

—Boa especulação!... Além de luerativa pouco trabalhosa!

—Com quem falla?

—Com aquelle *empregado particular* capoeira, que jurou no processo Gravata.

—Que faz o moço?

—Como é empregado na *eschola d'arte de mitigar as doenças*, deu na industria de limpar os bolços dos *meninos aprendizes*.

—Então elle é do olho-vivo?

—Aproxima-se.

—Não entendo. Ou é ou não é.

—E' intermedio; meio olho-vivo, meio *capasorio*.

—Explique-se.

—Quer dizer que elle safa os cobres dos rapazes, sem dar *golpe* nos bolços.

—E' magico?

—Parece.

—Faz favor de acabar com isso?

—O sujeito faz todos os mezes na

*eschola* uma rifa que nunca corre, o fica com os cobres, com a maior sem cerimonia; alguma vez quando corre, o objecto tirado é de valor insignificante e dez vezes menor ao que annunciou.

—E os rapazes para que compram bilhetes, si sabem que é esperteza?

—Pela dependencia em que estão para com o cujo, por causa das sahdas e entradas d'aula, cahem com os 2 bicos, para agradal-o. Embora depois andem pregando papeis pelas paredes, queixando-se ao director da especulação do tal magano.

—E o director que faz?

—Nada. O sujeito leva o abuso a rifar até *boiões* vazios e *pintos*.

—Mas o director deve saber que é escandalo o empregado de um estabelecimento de ensino, usar de semelhante meio, para extorquir o dinheiro dos *aprendizes*.

—Mas como não ha de ser assim, si o homem além de andar de chapéu à *turina* para indicar valentia, é protegido do *Rodolpho*?

### DEVANEIOS D'UM SOLDADO.

Ja no Passo da Patria se ostenta  
Do Brasil o pendão vencedor;  
Só o nosso marchar affugenta  
Esse vil inimigo e traidor.

Não assusta a valentes soldados  
D'um tyranno o poder illusorio:  
Muito em breve seremos vingados,  
Que por chefe nós temos Osorio.

Mas... *aguarda, D. Lopes um raio:*  
Que tambem não vae isto a matar:  
Tu fugiste e te foste p'ra o matto  
Nós t' iremos lá mesmo apanhar.

Tu atiras metralha sem conta,  
E a pé firme resistem os nossos:  
Uma peça das nossas aponta,  
Vôa um carro e bastantes dos vossos!

Que lições que tu tens apanhado,  
E iuda assim tu nos queres gritar!  
Deixa estar, —porqu' então mais salgado  
O negocio te ha de custar.

Do Brasil o soldado não teme  
Esperar, quando espera ganhar:  
O almirante lá tem mão no leme,  
E é Osorio quem te ha de acabar.

Cava bem essa terra malheta,  
Forma fossos, trincheiras, e vallos,  
Nossos toques aprende, e imita,  
Acabeunha os teus pobres vassallos;

Quando for da vingança chegado  
O extremo e solemne momento,  
Ficará teu trabalho burlado,  
Sem esp'rança de ter salvamento.

Abundante ração, vestuário,  
Tratamento bom tudo nós temos,  
Com os teus, se observa o contrario;  
Causa dó quando ás vezes os vemos.

Uns bonets que parecem tigellas,  
Calças rotas,—camisa encarnada.  
Pés descalços—com finas canellas,  
Sem barriga,—a feição esmirrada.

Eis o typo dos grandes soldados  
A' quem mandas, cruel, p'ra o combate:  
Resistir como podem, coitados,  
Ao dos nossos terrivel embate?

Quando Deus em seu alto destino  
Um tyranno, qual és, quer perder,  
Da razão o despoja, e do tino;  
Presumido e vaidoso o faz ser.

Presumpção e vaidade te matam,  
Que só ellas tens actos dictaram;  
Tuas forças não mais desacatam  
A visinhos que não te insultaram.

Ai! D. Lopes, que em breve termina  
Teu reinado o poder transitorio:  
Protecção por nós temos Divina;  
Viva a patria, o monarcha, e Ozorio.

Tuyuty, 28 de junho de 1866.

(Extr.)

—Justiça do ceu! . . . que a da terra  
não me valle.

—O que é isso senhora, o que tem  
Vm?

—Quem é pobre nesta terra valle  
meos que um cachorro; a lei para o  
fraco é chimera, e o direito nullidade.

—Que motivos tem Vm. para expri-  
mir-se tão amargamente a respeito do  
seu paiz?

—Que motivos? Pois não repara  
como estou arranhada, com as faces  
maltratadas?

Eu uma pobre e inofensiva mulher,  
sou ignominiosamente offendida, chi-  
coteada; e porque sou pobre, fraca e  
desamparada, não encontro justiça on-  
de devia esperal-a. e meu aggressor  
ufana-se de tão aviltante afronta.

—Quem é esse desalmado espadan-  
chin?

—O filho de um *bemaventurado* da  
epocha.

—Já que por *condescendencias* mal  
entendidas, a Sra. não encontra repara-  
ção a tão grave offensa, recorra ao chefe  
de policia, que estou certo, lhe attende-  
rá, pois não estamos nos sertões do  
*Sento-Sé*.

—Eu sei, meu Sr.! O melhor é  
entregar a *Nossa Senhora da Penha*,  
unico juiz para quem não tem valor  
as contemplações e conveniencias mun-  
danas.

—O Sr. Manuel Norberto d'Oliveira  
Luttgardes, é do numero dos *felizes*.

—No mesmo dia em que pediu de-  
missão de professor do Arraial dos  
Ablligidos, foi nomeado escripturario  
do matadouro publico.

Officio ao commandante do *Alabama*  
afim de que mande que o seu muxin-  
gueiro venha á terra, prenda e conduza  
para seu bordo, um velho cuja mono-  
mania deu-lhe para tomar perigosos  
excitantes com risco de vida e servir de  
testa de ferro de Villamansinha, afim de  
que, no primeiro vapor que seguir para  
o Rio de Janeiro, seja o referido velho  
conduzido, por conta d'este governo,  
para o hospicio de Pedro 2.<sup>o</sup> para tra-  
tar-se, evitando assim que o infeliz  
continúe a delapidar sua fortuna por  
insinuações perfidas que vem da refe-  
rida Villamansinha em satisfação uni-  
camente de invejosos e calumniadores,  
que, abusando do estado lamentavel do  
alienação mental do mesmo velho, tanto  
o tem comprometido. Outro sim este  
governo tem por conveniente recom-  
mendar lhe que, uma vez verificada a  
prizão do mencionado velho, não pas-  
sem pela casa da Christa de Gallo afim  
de não tornar-se furioso, como tem  
acontecido; levando-o com todo o cui-  
dado e zelo até o porão do navio, sendo,  
porém, com elle *clemente* até que ad-  
ministram-lhe os banhos de *caldas*  
para o que já este governo expediu as  
convenientes ordens.

Cumpro igualmente que V. Ex. mande puz o gajeiro do prda, acompanhado do grumeto, preen lam tambem e conduzam à seu bordo a um bobo que anda montado n'uma egoa, conservando-o nos ferros até que, em occasião opportuna, seja deportado para a Ilha dos traidores, para o Cabo Verde, visto como, por um phenomeno inexplicavel, refuga a todas as cruces, especialmente a que existe na estrada d'Aldeia dos Indios.

Asseguro a V. S. a minha estima e consideração.

Palacio do governo de Latronopolis  
14 de setembro de 1866.

*Vice-leão.*

Sr. capitão commandante da corveta  
à vapor *Alabama*.

#### MOTTE.

*O dinheiro mal ganhado  
Por força ha de ter mau fim.*

#### GLOSA.

E' licor envenenado,  
E' peor que lama e cisco,  
Vale menos que um marisco  
*O dinheiro mal ganhado.*  
Quem o tem vive damnado,  
Faz figura de Caim;  
Fuja bem longe de mim  
Tal dinheiro de conquista,  
Que o ladrão contrabandista  
*Por força ha de ter mau fim.*

#### VARIÉDADE.

##### Revista social.

*Crioulas.*—Andam em torvelinho para a festa da Piedade que é no dia 21. A raparigada prepara-se para a festa do Rosario de João Pereira, e os amadores da fructa andam bem *apertados*. As costureiras não tem mãos a medir com o preparo das toalhinhãs.

O Ignacio ourives, anda n'uma dobadoura com a promptificação de rosarios e pulseiras. Já não faz da tenda á noite casa de palestra da vida alheia.

A Bernarda fez a encomenda de um rosario cujas contas são da grossura de nozes.

A Henriqueta olho de vidro espera um par de pulseiras de conchinhãs engrazadas

em ouro mas iço que lhe cheguem às curvas dos braços.

Em toalhinhãs consta que de mais apurado gosto serão apresentadas pela Afca dos Santos e Bernardina do Balbino.

A Henriqueta Cercozio pretende apresentar uma rica eamisa aberta pela imperatriz do Haiti, e que figurou ha pouco na exposição do Porto.

No dia da festa de S. Francisco, ás 3 horas da manha ja a porta da egreja estava atupetada. E' para tomar logar diziam ellas.

*Churas.*—O mez passado cabiram bastantes, De s louvado, a ponto de amolecerem até a estrada de ferro. Bem diz o adagio—agua molle em pedra dura tanto dá que até fura.

*Engeitados.*—Os da fortuna são em maior numero que os da roda. Não obstante alli ha muitos. Um doudo que conhecemos não comprehende isto. Diz elle, que as moças solteiras não tem filho; as casadas criam os seus, as perdidas não precisam occultar os que dão á luz, como é que alli ha tanta criança?

São raciocinios de doudo.

*Estado sanitario.*—O actual só é lisongeiro para os medicos, boticarios e empresarios de carros funebres, que estão todos fazendo saffra.

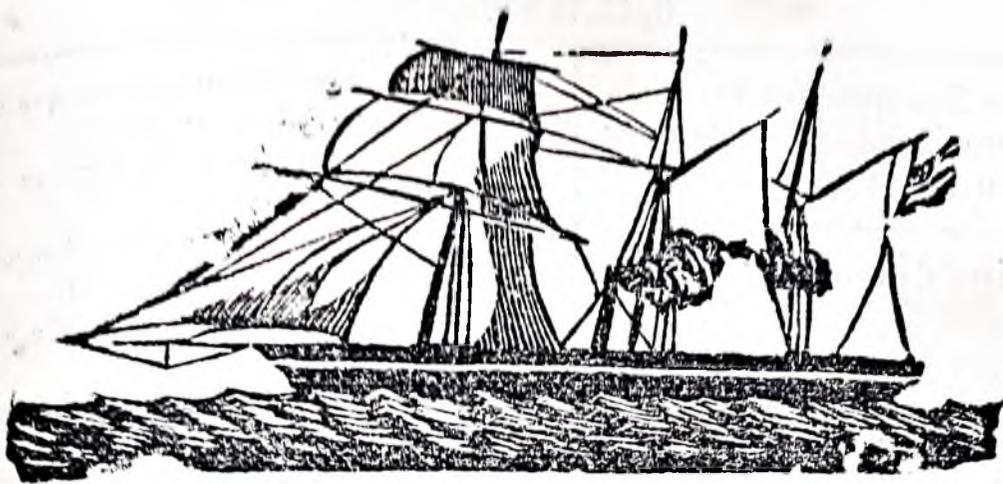
*Solteirões.*—Continúa abundante esta praga de zangões da vida... Só vemos um remedio para extinguil-a: é impôr-se-lhe um tributo de captação.

#### ANNUNCIOS.

##### DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manha até as 5 da tarde, na 3.<sup>a</sup> casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 do ulho de 1866.

*Typ. de Marques, Aristides, Igrapiúna.*



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

11 DE OUTUBRO DE 1866.

SERIE 12.<sup>o</sup>—N.<sup>o</sup> 111

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de outubro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. delegado de policia, levando ao seu conhecimento o tyrannico procedimeto da crioula Rufina, moradora em Santo Antonio da Mouraria n.<sup>o</sup> 51, para com um filho menor de nome Victor, a quem castiga severa e desabridamente noite e dia, o que se torna um incommodo para a vizinbança; razão porque pede-se a S. S. providencias.

—Julguei que agora pudesse comer carne de melhor qualidade, com a reforma que deram aos açougues; enganai-me. Nunca veiu para casa carne mais mal pezada, e peor.

—Pois eu não; depois da nova ordem de cousas tenho tido sempre carne excellente, e muito bem pezada.

—Ensine-me como, que quero me aproveitar da licção.

—Meu amigo, saude é geito; quem é tollo anda magro.

—Isso não vem ao caso; diga-me si é por meio de alguma descoberta que conseguiu ter todos os dias carne bem pezada.

—Não; apenas gratifico o cortador com dous vintens em cada libra; e elle por gratidão, ha dias em que manda-me pezos de carne sem um osso! . . . .

—Está bom, vou ver si me arranjo tambem com algum.

—Os empregados das companhias de vapores tem ordenança?

—Não me consta.

—Pergunto isso porque as vezes encontro um de soldado atraz carregando embrulhos, não sei si isso é á moda *bahiana*.

—Quer que lhe falle *franco*? Esta nossa terra é cheia destas cousas. Pode ser que o homem seja parente de algum militar, commandante, etc., e por isso ande de soldado na trazeira.

—E' celebre o Regulamento do matadouro!

—Ha tão poucos dias que está em execução, e tem ja passado por cinquenta mil transformações!

Cada dia vem no *Diario* uma alteração!

Benza Deus a cabeça que o confecionou!

—São melhoramentos que a pratica vao demonstrando serem necessarios.

—Eu creio que por mais remendos e batoques que lhe deitem nunca cor-

responderá aos fins que teve em vista a assemblea provincial—pau que torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

—Os bolociros da companhia de Vehiculos ou andam desatinados, ou são muito inexperientes.

Houve um enterro na Preguiça, e um dos taes sujeitos não sabendo dirigir os animacs deixou-os desembestar e embarafustar pelo becco do Peixe; uma pobre preta que estava sentada mal teve tempo de levantar-se, e assim mesmo ficou com o pé esmagado!

E o facto passou desaperecebido!

—Que gritos são aquelles na Estrada Nova? Parece que estão matando alguem!

—E' um campeão que de faca em punho corrige a sua Dulcinéa que lhe faltou a fé.

—Pois a estas horas? meia hora depois de meia noite!...

—E apesar dos gritos não apparece um soldado!

—E note que são horas em que se rendem as patrulhas, e alli é o caminho habitual dellas.

—Quem sabe si hoje houve patrulhas? Ha falta de soldados.

—Vou mandar perguntar ao commandante si na noite de 7, a policia não rondou.

---

## VARIÉDADE.

---

### A pobreza.

Na epocha actual a pobreza é um delicto.

Nascer pobre quasi que equivale a nascer delinquente.

Nascer rico e ficar pobre é uma desgraça que parece um crime.

A pobreza é tão feia que todos lhe voltam as costas.

O pobre é como o leproso, de quem ninguém se quer aproximar com medo de contagiar-se.

Um mendigo é um ente proscrito.

Só pelo facto de ser, é inferior ao seu semelhante.

Ninguém o trata como creatura que tem cabeça para pensar, olhos para chorar, coração para sentir.

E' pouco mais que um insecto que qual-quer pode pisar com os pés

Até os cães antipatisam com os indigentes!

E por isso dizer-se mendigo, é o mesmo que dizer-se ladrão, cousa ruim.

Dar esmola é alimentar o vicio e a preguiça.

Compadecer-se do indigente é fomentar a perversão.

A capa da pobreza encobre ás vezes falsidade e malicia, porém se culpamos o pobre, culpamos tambem a sociedade que deixando a pobreza em abandono, permite que ella se entregue ao commercio da infamia.

Existem mil associações philantropicas e outras verdadeiramente charitativas: porém tudo isto não remedeia o mal sinão parcialmente, e é somente para contrabalançar as tendencias da epocha.

Presentemente só queremos o que produz alguma cousa.

Busca-se o valor e não homem.

Aprecia-se o producto e não a pessoa.

E um mendigo nada vale.

E como o tempo vale dinheiro, «timis is money,» o mendigo que detém o mercador no seu caminho, o estorva, e arrebatallhe um instante que é um pedaço de ouro.

Assim por cada mão que dá uma esmola, ha cem linguas que respondem um insulto.

Por cada coração que se compadecer da desgraça, ha cem cabeças que chebergam impostura na supplica do indigente.

Da civilização se pode dizer o mesmo que escreveram sobre a sepultura de um usurario:

«Fez estylo, e hospitaes para a pobreza, porém tambem fez os pobres.»

O pobre que fôr honrado, ou furta para comer ou morre de fome.

A fome não sabe o que é virtude.

Hontem a miseria.

Hoje o pão furtado.

Amanha a prisão.

Tal é a historia do mendigo.

---

## A PEDIDO

---

—O' tu, gallego, passa para aqui.

—Um xadito reberente do xiuhori capitão do Alabama.

—Dispensó a cortezia. São manhas de besta quando peiada, que não pode dar couces.

Então andas aqui em Latronopolis muito insolento a pimpar de ricasso, o a maltractar os pobres operarios que cabem debaixo de tuas ordens?

—Xinhor capitão, esta terra aqui axim é cumpôsta de inbejosos; não pode ca um homem, adquirir alguma cousa com o suor de seu trabalho, que não se beja logo n'uma roda biba de mal-grenças.

—E tens a arrogancia de dizes em minha presença, que esta terra onde fostes gente é composta de invejosos?

—Estou a dizeri a berdade; são inbejosos e preguiçosos; não querem trabalhar, não querem votar um cesto na caveça e carregari, gostam mais de andarem atrabancados com um biolão a enxeri a rua de pernas, e quando vispam um homem a possuir alguma cousita, a inbeja lhe começa a morderi os calcanhares, e entram a maldizeri da sorte.

—E por ventura infame mariola, foi carregando barro que em poucos annos adquiriste uma fortuna problematica?

—A minha fortuna ganhei-a eu de sociedade com o *Vurnardo*, feitor do Domingos pequenito.

—Bigarim dos infernos, queres me illudir? E' possivel que um servente de obras enriqueça da meia noite para o dia, sem usar de traficancias?

—Xinhor capitão, o homem tinha opde si *metter a mão* a bontade, e eu aconselhado pelo *Dias*, não fui molle, tratei de me armari.

—E roubastes a fartar, com uma gana tal, que em meia duzia de annos ficastes repleto!

—Não rouvei; arranjei-me assim por maneiras, sem dar na bista, como fazem os homens amantes de seu int'resse.

—Roubastes, ladravaz, e continuás ainda a roubar.

—Isso não, xinhor; hoje sou um homem tão limpo como o fundo de um tanque.

—E por isso andas a saquear o salario dos pobres operarios que trabalham nas tuas obras.

—Não ha tal, sou pontuali nos meus pagamentos; nos savados não fico a deberi a nenhum.

—E por que ajustas com elles por um preço e pagas-lhes outro, além do os maltractar com palavras desairosas?

—Xinhor capitão, eu bem disse a bossa exceilencia que era inbeja que tinham de meu cavedal.

—Traficante, não tens praticado esse latrocinio com os pobres *levantadores de paredes*, e *trabalhadores de madeira* na obra da *Alta dos sapateiros*?

—Isso é o *Mureira* que é encarregado della, não sou eu.

—Eu te direi, si és tu ou não.

(*Continúa.*)

—Capitão, não se pode ter confiança nos homens da epocha.

—Que novidade é esta?

—Ha bem pouco tempo um velho filho de *Hypocrates* abusou da confiança nelle depositada para levar a deshonra ao seio de uma familia, embora depois houvesse reparação.

—Agora, outro da mesma seita, que parece vindo de terras de *Mouro*, e que mora n'uma casa feita d'uma *taboa grande*, vae soccorrer a uma infeliz, e é nessa occasião que leva o arrojo de satisfazer seus torpes intentos, com a mais requintada hypocrisia, abusando assim da confiança nelle depositada por seu amigo.

—Com effeito é um infame!

—Pois o facto é serio, e não quero mais comental-o.

—Em quanto os capociras andam á noite a fazer desordens, o recrutamento prosegue sobre os filhos unicos de viuvas, menores e escravos.

Vá vendo por aqui:

Manuel Francisco d'Assumpção, pedindo a baixa de seu filho menor João de Deus, que fôra recrutado.

Antonia Joaquina da Solidade Torres, pedindo a soltura de seu escravo crioulo de nome Justino, que fôra recrutado e dado como contingente da guarda nacional.

D. Abbade geral do S. Bento, pedindo a entrega do pardo Benjamim, escravo do referido mosteiro, que fôra recrutado.

Manuel José de Souza, pedindo a entrega de seu filho menor de nome Liberato José do Souza.

Commandador Polroso d'Albuquerque, pedindo a soltura de seu escravo crioulo do nome Jeremias, que fôra recrutado.

Henriqueta Maria da Conceição, pedindo a soltura de sua cria de nome João de Lima Rocha.

Manuel da Cruz Jorge Gomes, casado, com 4 filhos recrutado para a armada, pedindo ser posto em liberdade.

Maria Joanna Dias, reclamando a soltura de seu filho Lino de Cerqueira Dias, menor de nove annos.

Maria José Alves, pedindo a entrega de seu escravo, que se acha com praça no batalhão de voluntarios Pedro II, de nome João Baptista, indo para o mesmo corpo como contingente da guarda nacional, e preso nesta cidade.

### POESIA

*feita por um afilhado a seu padrinho no dia de seu proprio casamento.*

A minha patente é de ajudante;  
O meu posto é Mané,  
Quê assentado quê em pé  
Estou vendo meu padrinho Caribé.

Lá estão batendo na porta,  
Helena vae ver quem é,  
Quê assentado quê em pé  
Estou vendo meu padrinho Carilé.  
Feira, 1866.

{(Continuação.)}

—Sr. *Madeira da Suecia*, de novo volvo ao Sr..

—Ainda mais? Não basta a esfrega que já me deu?

—E porque não, si o Sr. continúa incorregivel em seu procedimento?

—Capitão, não dê ouvidos a accusações injustas e infundadas, são os meus desafectos que calumniam-me.

—Injusta! Uma cousa notoria!

Pois ha em Latronopolis quem ignore que o Sr. por causa de uma negra pervertida e debochada, expulsou para fora de casa seus filhos, sem um motivo plausivel?

Que no tempo em que sua virtuosa e

excellente mulher ora viva, foi victima de despresos e grosseirias por causa dessa infame Afra, a qual authorisada pela ousadia que o Sr. lhe dava, tinha a insolencia de ir insultar a pobre senhora em sua casa, que os desgostos e dissabores, occasionados por esse tratamento pouco airoso que o Sr. lhe dava, concorreram para sua morte?

E o Sr., sem o menor pejo, pouco mais de dous annos depois do passamento da exemplar senhora, colloca no leito conjugal essa mulher dissoluta e perdida! E como remate de iniquidade enxota de sua casa, a seus filhos e filhas, como se tange um cão coberto de lepra! Isso é o cumulo da mais cynica perversidade!

—Capitão, quem tem dor é que geme. Cada um sabe de si e Deus de todos. Eu sei os motivos que me obrigaram a dar este passo.

—Não foi mais do que o seu espirito avido de dinheiro. Como a negrinha tem o uso-fructo das casinhas que lhe deixou o velho padre, o Sr. visou que d'ahi podia ter algum resultado, induziu-a a ir para sua casa; e como ella impoz que para lá não iria, estando suas filhas, o Sr. rebaixou se a humilhante coudição que ella lhe ditava; despediu-as de casa sem se lhe importar que destino iam ellas ter.

Muito poder tem o dinheiro sobre a natureza de certos entes, meu Deus!

—Nao, Sr. capitão, eu sou um homem charitativo....

—Prova a que teve com suas filhas, virgens de conducta irreprehensivel.

—....e desinteressado....

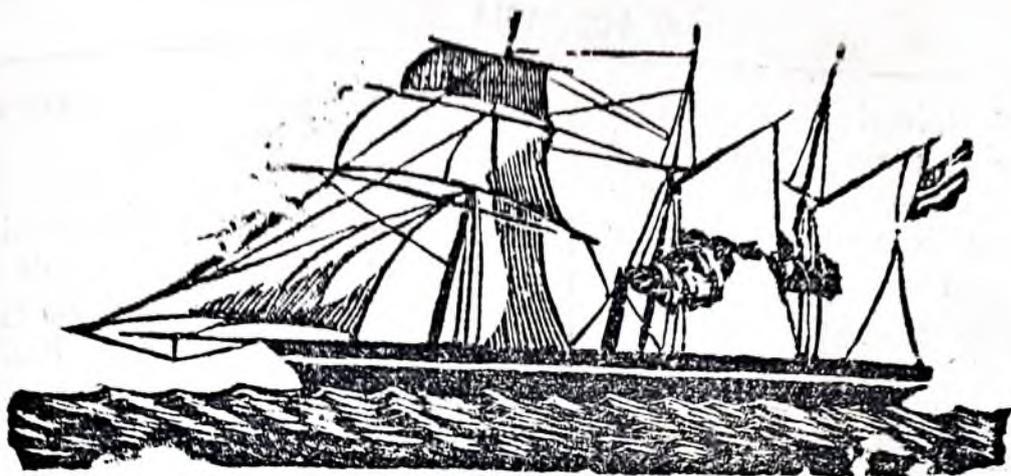
—E que o diga os feitos praticados naquella celebre viagem á Chapada e aquella metamorphose instantanea de fortuna.

—Jesus! Sabe disso?.... Quem lhe contou?.....

—Si sei disso? Quer ouvir? Ouça:  
(Continua.)

### ANNUNCIOS.

Uma pessoa habilitada propõe-se a ensinar desenho em casas particulares; quem pretender dirija-se a esta typ.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 13 DE OUTUBRO DE 1866. SERIE 12.<sup>a</sup>—N.º 112

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 eries, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de outubro de 1866.

Officio a camara municipal, pedindo-lhe que lance um olhar benigno para o becco do Padre Sá que se acha em repugnante e asqueroso estado: um formidavel cano que sahe de um muro, alaga todo becco e vae desaguar na ladeira do Alvo, produzindo uma sedentina impossivel de supportar; a Illma. comprehende o damno que deve causar a saude tal estado de porcaria, em um verão rigoroso, como se apresenta o actual, e por isso deve dar um puxo e mandar remover aquelle foco de infecção, o que pode ser feito até a custa do proprietario do mencionado muro.

—Oh! caso raro e digno de memoria!

—Venha manso! Nada de espalhafatos.

—O caso não é para menos; estou estupefacto, maravilhado, boqui-aberto!

—De que, meu ramalhudo?

—De ver as modificações que apresenta a natureza.

—Viu algum boi voar?

—Pouco menos; um cordeiro morando na cova de um leão.

—Ora essa! Si Vm. passasse na noite de 10 pela Praça e olhasse para Palacio, havia de ver tambem um gordo e soberbo carneiro na sala presidencial.

—Na noite de 10 andaram por esta cidade dous individuos que se diziam bebados, a fazerem barulhos e provocarem desordens. Um delles consta chamar-se Sampaio; anda pela cidade baixa, na industria de escamotagens, e as vezes vende charutos. O outro parecia estrangeiro.

Entraram na pastellaria do Sr. Marcolino, quebraram garrafas, copos, etc. N'uma liboca Atraz da Sé, quebraram chicaras, pratos, copos, além de quererem dar no dono da casa; foram ao botequim do João Gualberto e fizeram lá o diabo a quatro, e em muitas outras partes.

Na rua deram socos e empurrões em muitas pessoas.

—E' preciso o Sr. Dr. chefe de policia tomar contas a esses tropiantes.

### A PEDIDO

—Que mamata! que mamata!  
Bem diz Vm. que este mundo é para quem é!

Vivam os patoteiros!

—O homem quiz mostrar que não é só á sua familia que elle trata de arranjar. Tambem dispensa suas fatias o bem grossas com a gente do peito.

—É verdade; ao passo que não ha vasa em que não encaixe um filhote, elle vae se lembrando dos amigos especie de caracteres de cera.

—Agora o que resta é lembrar ao povo que as eleições batem á porta, o que elle deve votar para deputado no futuro candidato pelo 1.º circulo, que assim tão limpamente lhe acaba de sugar uma boa parte de suor.

—Vi um *agradecimento* ao presidente da provincia, no *Diario* de terça feira, assignado por um *guarda nacional*?

—Ha gente que quer por força que os mais comam araras! Ou então julgam que estamos na Costa de Africa.

—O misterioso *guarda nacional* nem declara o nome, nem qual o acto de justiça que lhe faz a alma regurgitar de satisfação.

—Eu acho que o Sr. Leão Velloso, a pensar bem, devia antes dispensar aquelle vivo epigramma á sua administração.

—Eu já ouvi dizer que o guarda nacional é um tal Bebé, que acaba de encaixar um irmão *intencionalmente* em certa *rasca*.

—Pela virgem *Santa Clara*! Si eu tivesse filhas não as mandava educar naquelle collegio.

—Então porque?

—Nem por Deus Padre! Queria lá minhas filhas desmoralizadas e pervertidas. Ha alli um rapazola de seus 10 para 12 annos, que é o diabo em pelle; *pinta* com as meninas e anda sempre aos *tombos* com ellas pelos corredores.

—E a professora?

—A professora se importa lá; tomara ella tempo para andar em rusga com o marido, que é outro que tal, quando vem da rua *esquentado*. Si o Sr. ouvir a maneira porque se atassalham de lingua, fica pasmado; faça idea por

ahi da moralidade de uma casa de educação nestas condições.

Deixe lhe contar um caso:

Ha dias foi o *visitador* fiscalisar o collegio, e a professora teve de apresentar-lhe os livros de que usa em sua aula, para elle examinal-os. Disto succedeu que elle ficasse mais *conchegado* a professora; entretanto nessa occasião entrou o marido um pouco na *pimenta*. Em quanto o *fiscal* alli esteve nada disse; mas quando este sahio, puchou uma faca para sua mulher, dirigindo-lhe os termos mais injuriosos — *«esta, tu não dizes que odéias a mulato, e como vim achar aquelle bode recostado sobre teu hombro? boje matote-te, f. . . . b. . . . »*

As meninas ficaram alvoraçadas e amedrontadas com o barulho infernal; houve cadeiras quebradas, ouriós entornados, mesas viradas e etc.

—Por isso o *Jaciato* me contou que quando passa de manhã com o *Lopes*, vê elle na janella nã por dentro da vidraça.

—Lá isso tem desculpa, é de manhã, está á vontade em sua casa.

—Com tudo é feio n'uma casa de ensino, principalmente para o sexo feminino.

—Si eu soubesse que o Sr. chefe do ensino dava providencias, dirigia-me a elle.

—E porque não ha de dar?

Ao menos mandando retirar dalli o tal menino estoporado.

—Ora vamos a ver.

—Capitão, os dous ladrões dos quaes lhe fallei no ante-penultimo numero do seu jornal, querem de facto dar principio ao mais horroroso roubo, que se tem feito nesta terra.

—Quem são elles? são tantos que só pelo nome é que posso conhecê-los.

—O capitão Antonio Pedra-osso, e o seu comparsa, o José que mora no Quarto, primo do Ferreira.

—Ah! agora me lembro desses dous safados já tao conhecidos pelas infamias que tem practicado.

—Todas as infamias que elles tem

commettido umas sobre as outras não equivalem a esta.

—Então, conto logo isso, pois desejo mandar o muxingueiro dar duas tacadas de couro crú na cara despejada daquelles dous miseraveis.

—Fica para o outro numero, capitão, porque a historia é grande, e eu tenho alem disso de expor ao publico a vida destes dous salteadores d'algoibeira alheia eguaes em tudo á Roberto e Margarão, celebres ladrões hespanhoes.

—Como se invade a casa de um cidadão a noite!

—Onde foi isso?

—Na ladeira do *Carpinteiro do No-ro Testamento*.

Invadem a casa, e arrastam de dentro o dono! Como vae a garantia individual em nossa terra!

—Que motivo tiveram para tamanha violencia?

—O homem era mal visto por alguém, que assentou por meio do actual recrutamento vingar-se. O homem é guarda nacional em serviço, e estava dispensado por alguns dias, em quanto realisava os seus disporios.

A pesar disso, viu sua casa á noite cercada, vasculhada, remexida e elle arrancado della como malfeitor.

—Vinganças pequeninas! Por isso tu não gosto de morar nessas freguezias de *bofes e mamões*.

#### MOTTE.

*Reinos, thronos, não igualam,  
A' posse d'um coração.*

#### GLOSA.

Muitos a vida exhallam  
Accumulando riqueza,  
A uma feliz pobreza  
*Reinos, thronos, não igualam,*  
Outros a existencia rallam  
Por possuir um brazão;  
Querem só o galardão  
De possuir prata e ouro,  
Eu julgo maior thezouro  
A' posse d'um coração.

M. J.

## PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 11 DE OUTUBRO,  
A'S 3 HORAS DA TARDE.

*Cotações officiaes da junta dos corretores.*

#### Cambios.

Dinheiro—Grande difficuldade. Apenas o banco das *Transacções ignoleis* empresta algum a curtos prazos.

O cambio sobre o mil-simo de *honradêz* fluctua entre duas e tres onças de *de-pravação*.

#### Saques.

Sobre a Praça do Forum fizeram-se alguns saques de *suborno e corrupção*.

#### Frete.

Freteu-se o salucho *Meloso* para conduzir uma partida de *peita* e 4:000\$ rs. em ouro da cidade de S. Calmon ao porto de *Lavras*.

*Jouquim Malcreado*, presidente.  
*Gatuno*, secretario.

#### ESTABELECIMENTOS DE CREDITO.

*Directores da presente semana.*

*Companhia de usurarios.*

Thomaz Perné.

Henriques de Mello.

*Traficancias forenses.*

Silva *Go-arte*.

Malacachias.

#### Revista do mercado.

Na semana que finda, o movimento commercial de nossa praça foi animadissimo.

Foi fertillissima de importantes transacções; e no periodo della realisaram-se no mercado compras e vendas de algum valor.

A de maior monta entretanto, foi a venda do carregamento de *repotismc*, vindo de *Leão* no brigue *Castro*; por conta dos consignatarios *Rebello e Velloso*. Transpiraram os preços porque foi vendida a carga entre 9:000\$ a 10:000\$ rs.

Reallhou-se para consumo a carga de *caçada humana* vinda na barca *Terror*.

O mercado de *coherencia* esteve bastante frouxo e desanimado. Em *torpezas* fez-se alguma coisa apesar de serem avultadas as existencias em primeira mão.

Foi vendido em leilão por achar-se alguma coisa avariado o carregamento de *abuso de consciencia*, vindo no brigue-escuna *Meuro* precedente de *Talcoas grandes*.

Foi comprada sobre agua com destino a reexportação para a *Conceição* a carga de *pegdes* vinda na escuna *Destacamento*.

Ainda não transpirou por quanto foi

vendido o carregamento de calçamentos da praça Estrada Velha vindo da cidade da Valla. Ha quem assevere porém que foi ao preço de 12:000\$ rs.

Espera-se a cada momento a escuna *Guarda Nacional* que deve trazer algumas partidas de remoções.

Exporta-se para a côrte alguns volumes de insinuações no patacho *Demissão*.

Realizou-se a transacção, por intermedio do corrector Abutre, de um lote de atrevimentos e malcreações da barca *Rocha* vinda de *Vianna* á consignação de uma sociedade de *pretinhos*.

Em esbanjamentos fizeram-se largas transacções.

### Movimento do mercado.

*Adulação*.—Acha consumidores a toda hora; a procura é excessiva.

*Bebedeiras*.—Tem apparecido algumas no mercado. A existencia é sofrivel.

*Corrupção*.—Os depositos estão supridissimos. Retalhou-se para o consumo o carregamento da *Charrua Presidente*.

*Candura*.—Os compradores nem si quer apparecem.

*Filhotismo*.—Ha abundancia, porém é todo comprado pelo governo para suprimimento das actuaes circumstancias.

O carregamento da barca *Depredação* está depositado no gabinete *secretario* do governador.

*Independencia*.—Desconhecido no mercado.

*Liberdade*.—A pouca que ha no mercado em breve terá desaparecido.

*Mentira*.—Avultadas existencias, mandou-se expor á venda uma partida por conta official vinda do *Paraguay* na barca *Noticias*.

*Paciencia*.—A vinda pelo patacho sofredor *Povo* está a esgotar-se.

*Pudor*.—Nenhuma. Falta absoluta; assim como nenhuma procura.

*Simplicidade*.—A que ha é falsificada.

*Violencia*.—Entrou um carregamento na barca *Subdelegado*, vindo do porto do *Bose* com escala por *S. José* que está em ser.

*Venalidade*.—Cada dia entram novos carregamentos.

### IMPORTAÇÃO.

#### MANIFESTO.

*Brigue Barretto*, capitão *Pinto*, vindo da ilha de *S. João* em.... de outubro:

400 saccos estupidez, 300 mangotes bestalidades, 500 mangotes pouca vergonha, 1 caixa contendo titulos de fidalguia de certo escrivão leirão, com direcção ao mór da municipalidade para registral-os; 4 gaiolas curios, ou curios, 500 saccos de-

pravação, 2 ratociras de pegar jovens para casamentos, 3 volumes pertences de um sargento de policia, 100 caixõesinhos insulto e insolencia, para uso da familia do capitão e 1 caixinha contendo uma carta de alforria.

### EXPORTAÇÃO.

#### DESPACHOS MARITIMOS A 10.

#### Para dentro de *Latronopolis*.

Porto dos Tenebrosos. — barca *Zé-Monturo*, com 25 rédes, 50 *tarrafas*, 50 *monzuás*, e 60 *gererés* para pesca de *pitús*.

*Flot de ville* — barca *Hotel*, com 12 *arrateis gritaria*, 8 rolos *algazarra*.

#### GENEROS DESPACHADOS EM 10 DE OUTUBRO.

#### Para dentro de *Latronopolis*.

*Villa da Empalmação* bergantin *Feliz*; *Berto da Sila*, 10 paneiros *torpezas*, 20 *cunhetes infamias*, 11 *quartolas gatunices*, 3 *mangotes estupro*; *J da Horta* 1 cofre *arrombado*.

### MOVIMENTO DO PORTO.

#### SAHIDAS.

*Oliveira*, — pacote *frascario S. Antonio*, capitão *Barros*; *passag. Chicotada*; carga 2 peças *traficancias*, 10 *almudes estrategias*, 15 rolos *quebras fraudulentas*, 12 centos *lascivia*.

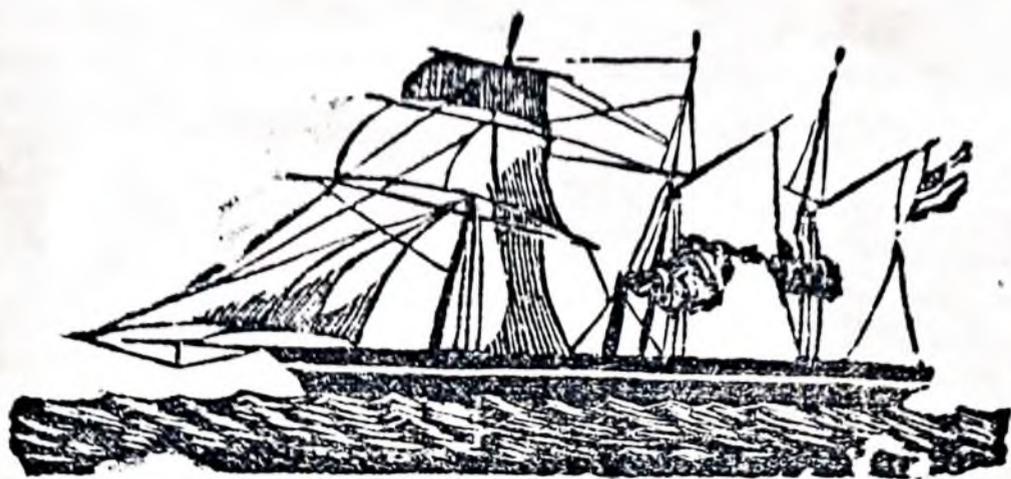
### ANNUNCIOS.

Pergunta-se a quem competir, si uma burlesca *authoridade policial*, pode de sua alta *recreação*, prender a qualquer pessoa por *meras informações* e estas ministradas por uma *mulher devassa* e em *perfeito estado de embriaguez*; e si tambem pode mandar *espancar* por seus *esbirras* ao *preso*, levando-o em um *estado completo de nudez* pelas *ruas*?

*O Jure-ema.*

A 8\$0000 o sacco de *fobá de milho* com 9/4 vende-se á *Baixa de Sapateiros* pulha n.º 9.

Uma pessoa habilitada propõe-se a ensinar *dosenho* em *casas particular es*; quem pretender *dirija-so* a esta *typ*.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

16 DE OUTUBRO DE 1866.

SERIE 12.<sup>o</sup>—N.<sup>o</sup> 113

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por aeries, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de outubro de 1866.

Não houve expediente.

—A nossa camara municipal, por 10\$ rs., concede licença aos padeiros para roubar escandalosamente ao povo.

—Deixo-se de historias, isso é impossível.

—E' o que lhe affirmo, e eu só affirmo quando vejo.

—Gracejos!

—Estou a lhe fallar serio, e o Sr. a tomar por graça!

Os fiscaes pegam um vendedor de pão, acham o pezo notavelmente alterado, o roubo é evidentemente crasso, e por tanto é multado o sujeito; este paga os 10\$ rs. da multa, e segue a vender ao povo, um genero que não tem o pezo legal, e que acaba de ser condemnado.

—E que concluo Vm. dahi?

—Que não é o bem estar e commo-didade da população, que induz a camara a impor multas aos infractores, ladrões, e damnificadores da saude do povo, e sim para arranjar cobres com que encha seu cofre, o qual da maneira que encho, esvasia, sem que o povo saiba em que.

—E eu digo que anima a gana dos especuladores. Porque o sujeito, sabendo que pagando a multa pode a sua vontade vender pão com o pezo roubado, quando fabrica este, dá logo o desconto do que tem de pagar de multa, e o que lhe ha de ficar de lucro. E depois nem sempre os fiscaes os encontrarão para multetar.

Porém eu creio que ha engano de sua parte, não é possível que a camara consinta em tal extorsão.

—Já lhe disse que só affirmo o que vejo. Ainda no dia 13, vi o fiscal Castillo multetar um preto da padaria Saboeiro, cujo pezo de pão era uma verdadeira ladrocia, e dahi a 5 minutos, elle vendia o mesmo pão.

—Pois então graças a nossa edilidade que tão zelosa se mostra pelos interesses de seus municipes.

—Faz favor de me dizer quantos matadouros ha em Latronopolis?

—Um, é sabido.

—Pois eu garanto-lhe que não.

—O Sr. diga quantos são.

—Ha um publico e mais de um particular.

—Está que não sabia.

—Pois fique sabendo. Nas Barrocas pequenas ha um sitio chamado Curralinho; ahi mata-se constantemente gado que é conduzido demadrugada e ex-

posto a venda n'um lugar onde não passam bichos peçohentos.

—O Sr. descobre cousas!

—Isso contou-me o Antonio filho do José, que tambem lho dissera o Oliveira, homem entendido nestas cousas.

—Pode ser; mas a difficuldades está onde elles adquirem bois.

—Ora essa! Vão esperar na estrada e compram os bois chamados mongos, ou cançados, e os conduzem paulatinamente.

Na Solidão ha uma sociedade de tres que exerce egual industria naquellas partes.

Na praia onde agua é tão mansa, que os meninos tomam banho esfolam-se constantemente bois e ninguem sabe o destino que se lhe dá, a não ser que vão para o buxo dos viventes.

—Homem, já que tratamos de gado, o que significa depois das horas marcadas para a vendagem, n'uma casa de frente do lugar da matança tocar-se busio, e gritar-se *chega para o barato?*

—E' o resto que fica da vendagem que se manda vender alli.

—Assim nas barbas de quem governa?

—E então? Não sabo como são as cousas em nossa terra?

—Está bem bom! Gosto disse.

—Tudo isso é para felicidade deste povo, tão difficil de contentar, e que de joelhos não agradece a incansavel sollicitude dos nossos paes barrigudos.

—Não sei mais até onde ha de dar o olho-vivo!

Até na casinhola do guarda do chariz de S. Bento, vão os maganos procurar o que não guardaram!

—Pois até lá! O que acharam?

—Pulgas! Julgaram que o homem deixava alli dinheiro; deram o primeiro assalto e acharam um gallo. Não desenganados, foram segunda vez, arrombaram a porta, e perderam o trabalho, porque se acharam em brancos.

—Hontem entregou as redeas do governo desta provincia o Sr. Leão Veloso ao Sr. Francisco Liberato de Mat-

los, enquanto chega o proprietario do lugar.

—Em que ficou a *brouguilhada* do vigario da Rua do Passo com os *prelinhos* do Rosario.

—O Arcebispo decidiu a questão delegando ao vigario da Victoria, poderes para fazer a festa como entendesse.

—Foi uma de cachupeleta! O Rocha Vianna não esperava por esta; ver um intruso metter o bico nos seus dominios!

—Foi a maneira de acabar com aquella vergonhiera. Capricho de parto a parte, e o desrespeito, o escandalo se reproduzindo no templo do Senhor!

—Graças ao Sr. Arcebispo.

—Diga-me alguma coisa do Snl.

—O mais importante ja deram as gazetas diarias.

Conferencia do Lopez com o Mitre.

Um revez parcial que sofremos.

Nova leva de 1,050 homens na nossa guarda nacional, além de 150 homens do mar.

Agora se si quizer ouvir o extracto de uma carta datada de Curuzú a 23 de setembro, e que vem no *Jornal do Commercio*:

—Serve.

«O ataque foi vigoroso, forçando o inimigo a abandonar a sua primeira linha de entrincheamento, que consistia n'um valado de doze palmos de largo e dez de fundos com o correspondente para-peito garnecido de artilharia de campanha, que retirou.

«Transposto este primeiro obstaculo de baixo de uma chuva de metralha, que largara um grande numero de peças de 68 e 32, foi impossivel abordar o centro da segunda linha de defeza, que consistia em altos parapeitos, com um fosso de vinte sete palmos de largura e de oito de profundidade, em cujos extremos haviam levantado o terreno, e sobre elle construido dous fortes baluartes que estavam como toda a linha, equipados de grossa artilharia, existindo entre os dous entrincheamentos um banhado, que haviam tornado insuperavel, collocando sobre elle abatizes. Em presenca, pois, de tantos e tão poderosos obstaculos foi impossivel levar de assalto tão forte po-

vigão, na qual o inimigo havia concentrado a maior parte de suas forças. Mesmo assim, da columna da esquerda, segundo as informações que tenho, penetraram no forte de Curupaity mais de 40 bravos, que chegaram a apoderar-se de 4 bocas de fogo, e que foram victimas de seu patriotismo.»

—Gloria a elles! Resta ver si o governo deixara ao desamparo as familias desses heroes.

—Seus nomes ainda eram desconhecidos, segundo diz o general visconde de Porto Alegre na parte que dá ao ministro:

«Logo que tenha conhecimento dos nomes dos bravos, que penetraram no forte de Curupaity que trato de indagar, leval-os-hei á presença de V. Ex. para que não fique sem recompensa não so estes como outros actos de verdadeira abnegação.»

—Deus permitta que não fiquem esquecidos.

Pelo Norte o que ha?

—La está recolhido a Casa de Detenção o Dr Borges da Fonseca e alguns companheiros, em consequencia de um conflicto entre a policia e os mesmos, na reunião popular de 30 de setembro, no pateo da matriz de S, José.

—Vejamos o que diz o *Interesse Publico* sobre a perseguição que sofrem seus antigos correligionarios da republica.

## CORRESPONDENCIA ENCYCLOPEDICA DO ALABAMA.

CORTE, 9 DE OUTUBRO.

Amaroletico capitão — Tres cousas precisa o navegante: mar sereno, vento de feição e aguada no porão—; ajunto-lhe mais uma boa saude e tudo vae á mil maravilhas.

Em couza de comprimento

Sempre sirvo com usura,

Para os amigos—do peito

Evito sempre—a grossura.

Começando pelo principio, dou-lhe parte que, o Leão dessa terra foi demittido e mandado seguir para o Pará, onde:

Novos arns, novos climas,

Vae saudoso respirar,

Vae achar *mitmosas* cousas  
Proprias para refrescar.

E então, não lhe disse, que elle largava a teta? Meu amigo—dous duros não fazem um muro—

Manesinho, gritou, fallou, pediu, chorou, mas, mestre Zacarias, . . . nada, nada, nada, nada e ao bicho andar mandou.

Nem ao menos tem a dita de ver seguir o batalhão de *libertos*.

E' o mundo, amigo, assim,

—Morre o homem deixa fama

Mas, vá manso p'ra o Pará.

Si não lá.... chupa banana.

Coitado do moço,  
Coitadinho d'elle,  
Fez tantos serviços  
Mangaram com elle.

Vamos á outra cousa.

Quando se dizia que Lopez prometia á seus soldados, que, si morressem nos ataques, ressuscitariam n'Assumpção, acharam impossivel que assim acontecesse; entretanto é o que se está dando por cá. Os bravos que morrem na campanha, ressuscitam aqui, cada qual melhor *encouraçado*.

Quero dizer o Silvado, não morreu, está aqui no Dique—é o mesmo que dizer-lhe, que o *encouraçado Nemesis* foi chrisnado *Silvado*, em honra desse bravo commandante do *Rio de Janeiro*, que morreu.

Gratidão da patria, é sempre generosa.

Deixou mulher, deixou filhos,  
P'ra defender a Nação,  
Morreu.... cil-o *encouraçado*,  
A familia tem—feijão.

A' proposito da guerra:

Lopez veiu, em pessoa, á nosso exercito pedir paz.

Fallou com o general Mitre, mas. . . nada conseguiu. Seria assim? Conversou CINCO horas com o nosso general, arre, fallaram muito, cinco horas!

O que é certo é que ninguem sabe o o que se passou, porque o nosso *amavel e ameno* Quintanilha Jordão, não quiz, apesar de convidado, achar-se presente, para nos contar a função:

Ninguem sabe si a tal paz,  
Era seria, ou brincadeira,

Porque o general estava;  
D'hemorrhoides no trazeira.

De sorte que, o general Mitre, fol-  
lou, conversou e tratou. . . . não, elle  
não tratou nada: disse, *que os governos  
eram os que resolveriam.*

Porem seria isso mesmo?

Quanto á mim . . . . .

Mitre, não é bobo novo,  
Já é muito adiantado,  
Deus queira q'elle não mostre  
Que não é Mitre,—é *mitrado.*

Entretanto ao despota, não agradou  
a resposta, porque retirando-se;  
Qual fera bravia, em bosque sombrio,  
Que ruga, que urra, damnada e feroz  
De volta em seu campo, pratica em seguida  
Mais um crime horrivel tremendo e atroz.

Que foi, mandar fuzilar o comman-  
dante, que teve a audacia de consentir,  
que os soldados *recebessem carne e fa-  
rinha*, que os nossos lhe haviam dado.

Bonita acção; que magnanimidade!!!

Depois disso, ja houve um combate,  
ou ataque no forte Curupaity.

Foi um combate ruidoso,  
Entre um e outro travado,  
Mas o forte ficou sendo  
Pela fera—dominado.

Meu amigo, de tudo isso concluo. . .  
qual, mentira, eu não concluo nada.  
Assim fosse eu bobo; nesse tempo em  
que se precisa de gente para o exercito  
e se recruta para voluntario.

Por fallar em voluntario. Saiba que,  
no batalhão do disdincto Manuel Cunha,  
veiu um rapasinho como tal, que disse  
ter sido pegado na manhan em que o  
batalhão embarcava, e immediatamen-  
te fóra mandado para bordo.

Esse rapazinho é escravo do Sr. Bar-  
ros Itaparica, e tinha ido á comprar  
pão.

O que aconteceu foi que elle che-  
gando aqui, fugiu do quartel, metten-  
se em casa de *um grande*; o batalhão  
embarcou, elle ficou, e hoje segue para  
essa provincia, remettido a seu Sr.

Nada de espanto.

La vae outro. No mesmo batalhão  
veiu um crioulo casado, sapateiro, que  
ja havia sido ahi cadete de Zuavos, o  
qual diz, pedira ao presidente, e elle  
lhe dera, uma passagem do governo

para aqui. Refero elle mais que, *nessa*  
ocassiao conversava Manuel Cunha com  
o Leão O que é certo porem foi, que ao  
soltar o pobre crioulo, viu-se preso por  
dous sargentos *voluntarios* do Sr. Cu-  
nha, e mettido no xadrez do quartel do  
Campo; dizendo Cunha que o presi-  
dente lhe dissera ser mais um volunta-  
rio que vinha.

Que bello modo de pescar!!!

Entretanto o homem trasia *cocos,*  
*azeite de deudê e panos da Costa,* tudo  
no valor de 400\$ rs. e creio que sem  
isso ficou.

Ignoto si foi solto, ou si ficou vo-  
luntario.

E calle-se pois a Bahia  
Que, qual ovelha em sertão,  
Vê seus fillos devorados  
Por tão sanhudo leão.

Felizmente ahi vae entrar na geren-  
cia dos negocios o Sr. Dr. Liberato de  
Mattos; caracter honesto, ha de conti-  
nuar á ser o que tem sido até hoje.

Entenderam que a Bahia  
Ha de ser pateo de bicho  
Por isso sae um, vem outro  
Sem nenhum ter pouso fixo.

Já tivemos lá um pinto  
Depois nos deram um leão  
Agora este vae se embora  
Pra dar lugar ao leitão.

Vou concluir com algumas noticias  
ag adaveis á *marinhagem* do barco.

*Brasilina e da Hora*  
*Maricus Japi-assú*  
*Romualdas, Salomés*  
Já não comem carurú.

*A irman da mata-fome*  
*A Virginia paneleira*  
*E Antonia do Chaves*  
Só usam de cabelleira.

Cá está a *Traviata*  
Muf gamenha e faccira,  
Bem como *Flora canaria*  
Lá na praia de cazeira.

Está a *Geralda*, a *irman*  
E a *Ritinha namby*,  
Tem muito povo, só falta  
*Damasia e Coroacy.*

O *Chaves la*, era *ecio*,  
Aqui vive d'azeiteiro,  
Nao quer que *Antonia receba*  
Sem elle ver o diabeiro.

La nisso creio que tem rasão.

Adeus, bravo capitão,  
De gosto Ilcêncio esta,  
Desejando que o encontro  
De saúde para festa.

O que por lá estão tendo  
Ja o temos ca passado,  
—Trez corpos nacionaes  
Vão ser, heje, aquartelados

Sou com todo cumprimento.

*O Patusco.*

## A PEDIDO

—Só em Latronopolis se consente  
tamãha ladroeira! Como se rouba tão  
descaradamente o suor do povo!

—O que é la isso, meu rico?

—Um empregado publico pede uma  
licença de tres mezes, para tratar de  
sua saúde, que lhe é concedida, e du-  
rante este tempo vae arranjar a escrip-  
turação de uma padaria, apresentan-  
do-se com inaudito escandalo na mes-  
ma todos os dias, com honras de guar-  
da-livros.

—Nesse caso elle é menos culpado  
do que quem tolera a bandalheira.

—E' que todos elles são uns tratan-  
tes, e querem encher a barriga com o  
sangue do povo, e com receio de que se  
não engasguem, se quizerem comer só,  
consentem nas *empalmações* de quanto  
ladroasso por ali anda.

—Pode me dizer quem é esse esper-  
to, para quem ha tanta tolerancia?

—Sei que é empregado, mais não  
lhe sei ao certo o nome; porém não só  
o *Carlos* me disse que elle se chamava  
*Manuel* como tambem o *Silva*.

—E' dos *felizes*, meu rico, o que se  
la de fazer?

—O vigario Abutre não sahe agora  
do curral dos bois!

—De que se admira? O corvo volteja  
sempre aonde ha carniça.

—Ah! pensei que o homem ia prestar  
os ultimos officios de sua profissão a-  
quelles moribundos.

O dinheiro do usurario não pode  
chegar sinão para as mãos esperdula-

rias. Morre um diabo destes, e os zan-  
gões rodeiam o cadaver da victima,  
para lhe sugarem o producto das suas  
especulações hediondas. Si deixa filhas,  
cada qual se mostra mais habilitado  
para possuir uma dellas. Os tutores  
querem ellas para seus filhos, sobrinhos  
etc. Os procuradores tratantes procu-  
ram por artes de berliques e berloques,  
tambem arranjam uma fatia servin-  
do de mercurio. A mãe messalina tam-  
bem não clvida levar sua cartinha á  
filha por mando de um dos namorados  
para d'ahi lhe resultar algum proveito,  
porque ficou desamparada.

Emfim é um labyrintho tal, que afinal  
de contas ficaraõ tolos logrados, e  
clupando no dèdo.

Aprovidencia, que sob e tolos vel',  
não deixará todavia que paguem os  
justos pelos peccadores.

Até os subdelegados querem sua fa-  
tia de tal espolio—alguns ha que são  
verdadeiros espoletas, infames e tra-  
tantes, que tiram de si baldões para  
atirarem sobre aquelles, que lhe estão  
acima de toda excepção.

Não se lembraram do tempo em que  
frequentavam o largo do Theatro, o  
que mercadejavam com a honra das  
proprias. ...., para hoje se inculcarem  
protectores, miseraveis que ainda estão  
no caso de merecerem protecção.

*O Cuboclo.*

—Olhe que este Bebé não toma  
vergonha!

—Deixe o moço; nasceu para servil,  
o que quer que lhe faça?

—Tal ente, nasceu somente para  
rojar-se ás plantas de quem pode ati-  
rar lhe uma migalha.

Sabe que no paquete p.p passou aqui  
o futuro governador de Latronopolis,  
que ia á sua casa tratar de arranjos  
domesticos, para depois vir empunhar  
as redeas da governança.

O homem esteve algumas horas em  
terra, e desejou ver a um moço com  
cuja familia entretém relações, e a  
quem por costume caseiro chamam  
*pombo*, quando seu nome é outro.

O animal rasteiro, apenas teve conhe-  
cimento do desejo de seu futuro amo,

sem que ninguém lhe encomendasse, deu de mão ao chapéu, o qual cavallo desembestado, desceu as escadas do paço, e lá se foi em procura do moço. A todos que encontrava, perguntava suado como uma besta de carga, onde mora F., e antes de acabar de ouvir a resposta largava-se a galope, não descansando em quanto não descobriu a morada do rapaz.

[\*] — Quiz se recommendar antes do tempo.

— Si os governadores de Latronopolis gostarem de aventuras nocturnas encontram em Bebé um excellente *Mercurio*.

— Aspirante João de Deus!

— Prompto.

— Vá ao interior da Casa em que se faz oração a Nossa Senhora das *Barrocas* pequenas e traga-me a cachações um salabardote que vive lá homisiado.

— Capitão, esse meliante já lá não está; encafurnou-se agora em casa da sua *fluminica* Maricas Janoca, na rua que sem vento faz *poeira*.

— Pois vá lá, agarral-o, tome sentido, que o bicharoco é *sabido* e pode escafeder-se no caminho.

— Deixe a cousa por minha conta; elle não gosta si vier com parte de *calungamea*.

— Estou certo do bom desempenho da commissão; siga viagem.

.....  
— Capitão, fui encontrar o magano em dulce farniente deitado no collo da Dulcinéa, á fresca, ten-lo por vestuario apenas um chambre de chitão de ramagens; ao pé delles, sobre uma cadeira, estava uma bojudá garrafa de vinho e um copasio, onde elle tomava suas *goladas* de vez em quando; um violão sobre a marquezá; em uma meza alguns objectos originaes do Pará, entre os quaes uma *mimosa* obra; alguns livros como Thereza Philosopha, Album da rapazeada, Memoria de Fr. Saturnino, Memoria de Fr. Martinho, As filhas de Jerusalém, etc. Agarrei-o pelo tontico e trouxe a presença de V. Ex.

— O' lá, só bregeiroto, anda V. com suas patifarias a desmoralisar a sua classe já tão desacreditada?

— Si ella está desacreditada não é pelos meus maus feitos antes de eu os praticar, já ella o estava.

— E V. concorre poderosamente com elles, para tornar-se mais visivel esse desprestigio em que ella tem cahido.

— Ora diga-me, é proprio de um sacerdote andar por casas de authoridades por causa de mulheres meretrizes?

E por que a concubina repudiou-o por outro amante, V. tem o cynismo de chamar seu contendor aos tribunaes?

E depois da scena vergonhosa passada em casa do juiz, em que a mulher disse de V. o que Mafoma não disse do toucinho, V. tem o descaro de ir metter-se em casa dessa mesma mulher, com sambas e bebedeiras, e para remate de safatez solemnisa com um grande pagode as *pazes*, que fez com sua *barrigan*, onde embebedou-se a ponto de cahir?

Ora padre, isso é uma descarção sem limites.

— Capitão, antes de padre sou homem, e todos nós temos nossas fraquezas.

— V. *padre*, é a lascivia em figura de homem; o *Sabino* é quem sabe lhé definir.

— Capitão, dispense-me por quem é.

— Vou fazer isso mesmo.

Muxingueiro! Leva esse aza preta para o porão e trancafia-o lá; todos os dias de manhan será empregado na baldeação do navio, até segunda ordem.

— Salabardote, marche.

— Valha-me o *Manuel* companheiro de meus pagodes.

— A bom santo se encomenda, chama-me pelo *Fcnseca*.

(Continuação.)

— Capitão, estou ás voltas com o vigario de Mataluim.

— Ainda não cançou?

— Tanto tem elle de incorrigivel, como eu de incansavel em soval-o.

— Era melhor deixal-o — quem não tem vergonha todo mundo é seu.

— Por isso mesmo hei de zurzil o.

— Mas para que perder o tempo o o sabão lavando a cabeça do burro?

— Sei que elle é duro de queixo o não acode á espora assim com duas razões; mas hei de bater-lhe até ver si faço moça naquella lata sem verniz; ao menos para que todos fiquem de sobre-aviso, quem é tal azemola.

A Vitalina poz-se ao fresco, depois da desavença que teve com o reverendo e foi procurar sua vida. O padre quando soube, inchou a caleça, e foi buscal-a, mas ella para fazel-o rabiarse esconden-se, e mandeu dizer-lhe que não voltava mais para sua companhia, pois estava aborrecido delle. O furioso aza-preta atendo em zelos arrombou a casa em que suppunha que ella estara, e não a encontrando quiz tocar fogo na arca da roupa. Mas Vitalina que é sagaz, por cautella tinha posto a arca a bom recato em mão de um sujeito conhecido no logar pelo Viveiro. Elle soube, e foi a Viveiro, que lhe desse a arca, allegando que aquillo custava seu dinheiro; este declarou-lhe formalmente que só sahiria para o poder de Vitalina que é quem lh'a tinha entregado. O vigarete possesso, inchou como baiacú, blaterou, tornou-se côr de enxofre, mas vendo que nada alcançava, encarapitou-se no rocinante e fez volta batida gritando— o Alabama não ha de fallar de mim só, e si Vitalina não voltar para casa torno-me um assassino, mas ella não leva o bocado a bocca, e não só ella será victima como aquelle que tiver a ousadia de querer ser meu rival; e assim chegou n'uma povoação chamada Cova de defunto, de sorte que os moradores o comeram por doudo; e só depois que o homem entrou no seu natural costume de deboche, se persuadiram do contrario.

Dahi largou-se para o logar brochado e para desafogar a paixão que sentia mandou preparar uma cejata de peixe e cachaça, e formou um samba.

Metteu-se nelle, de viola em punho entou a chula— *O' Maria Thereza quem te deu esta saia*, — e rolou o pagode até demadragada, porém a meia noite ja o padre não era gente e rosna-

va como um porco, suando em bagas, e exballando um cheiro de restillo que enjoava a qualquer.

— Quo padre damnado!

— Quando elle principion o samba mandou convidar o preto *Dehú*, seitor da fazenda, mas este respondeu a negrinha Catita, que tinha levado o recado:

Eu não vae ni censala de cravo que eu govrena, sinhô Bigaro, qué que meu gente fica dicarado como elle, esse fazenda nunca foi di esse samba e bebedeira, elle não tem vregonha de gazeta ta fallando, eu não qué minha nome fallado como di elle, caba seu bebedeira vae simbora pra seu pregueria; esse sinhô braneo bigaro é minha peccado.

— E' o suprasimum da relaxação! }

— Não vê como elle anda nesta cidade, á laia de patusco— Calça e colete branco, gravatinha de meia polugada, chapau de Havana ao lançante, parecendo que vem de algum deboche.

— E não sei quem deve olhar para essas cousas, o que faz.

(*Con'inúa.*)

#### MOTTE.

*Quem tem amor tem ciúmes,  
Quem tem ciúmes quer bem;  
Quem ciúmes ignora  
E' certo que amor não tem.*

#### GLOSA.

*Não te enfades, n'icha bella,  
Si ás vezes ralho contigo,  
Pois sabes que um peito amigo  
Não 'stá livre de esparella;  
Tú és sempre a minha estrella,  
Eu não adoro outros numes,  
Só por ti accendo os lumes  
Na pyra de amor contente,  
Bem sabes a lei corrente  
— Quem tem amor tem ciúmes.*

*Pelo contrario; isso prova  
Que mais e mais eu te amo,  
Que cada vez mais me inflamo  
Com fé viva e alma nova;  
Roupa, velha que se escova,  
Mais que a nova lastro tem;  
Que muito pois, que eu tambem  
De vez em quando te escove?  
Não precisas que te o prove:  
— Quem tem ciúmes quer bem,*

Um amante pavorrento  
 Callado, triste, seturno,  
 Não serve, é velho cothurno,  
 Indigno de um pensamento;  
 Mas o que é ciumento,  
 Raivoso, ao menos uma hora,  
 E' rico; ah! esse adora,  
 Cede a vida por um beijo;  
 Porém não vale um desejo,  
 — *Quem ciumes ignora.*

Concorda com meus desejos,  
 Nem é muito o que te peço:  
 Si alguma vez te aborreço,  
 Destroe tudo com teus beijos:  
 Quem não tem destes lampejos  
 Não vale si quer vintem,  
 Só ciuma quem quer bem  
 E no amor acha perfumes;  
 Mas quem não sente ciumes  
 — *E' certo que amor não tem.*

---

## VARIÉDADE.

---

### SORRISO.

O sorriso da *criança* traduz a innocencia e a emulidez celeste, de que seus labios e sua alama ve n impregnados.

Aquella abandono, aquella franqueza, aquella imprevidencia, aquella mimo, tudo aquillo vem do ceu.

Nem o menor vislumbre de maldade, nem a mais pequenina sombra de cousa que não seja a pareza sublime de sua excelsa natureza.

O sorriso da *virgem* tem ainda a unção suave dessa magestade divino; mais ja se resente de um quer que é de malicia, que não é sinão deste mundo.

Sem embargo essa malicia é involuntaria inestudada, a modo de fatal.

Nella não ha o proposito assentado de provocar.

O que tem de vagamente nocivo, não é da virgem, é do mundo.

O que nelle existe de máu pode comparar-se a fumaça, deixada por uma vela sobre a transparencia de um vidro limpo; não ha assendessem, que elle se couservara limpo e immaculado sempre.

Differente é o *sorriso da donzella*.

Este tem a consciencia do calculo a premeditação da vaidade.

A mulher sorri com a firme intenção de agradar, sorri para prender.

E' a primeira arma de suas conquistas arma poderosa e t rível, de que se serve para a consecução de um fim desejado.

Pode dizer-se que, assim como o olhar é a mais franca e completa expressão d'alma, o sorriso reune como em synthese, todas as forças da seducção do seu corpo.

Si no olhar ella vence pela natureza, no sorri ella triumpho, não so pela natureza mais principalmente pelo artificio.

O olhar da donzella raras vezes é pensado, meditado ou polido, em quanto que o sorriso é sempre tudo isso.

Quando a mulher chega a calcular o olhar, calcula todas as suas accões, todos os seus desejos todos os seus pensamentos.

Dixa de ser uma donzella para ser simplesmente uma mulher.

O sorriso da mulher *mãe* a respeito do filho, toca a meta de virtudes incompreensíveis.

A mulher está no mundo, mais aquelle sorriso não é do mundo.

Está no meio da miseria mais aquelle sorriso tem opulencia de soberba magestade.

A mulher não é criança, nem virgem, nem donzella, e todavia seu sorriso é superior ao da criança, por que tem pureza e consciencia, superior ao da virgem, por que não tem malicia, superior ao da donzella, por que não tem egoismo.

O sorriso de mãe é uma epopéa de abnegação.

E' um monumento grandioso de generosidades sobrenaturaes.

No sorriso de mãe adivinham-se todos os impossiveis da dedicação, todas as maravilhas de amor, todas as grandzas de que o coração e a alma encerram de augusto e angelico.

Sorriso de mãe! E' a natureza vista pelo seu lado divino, e isto é, o universo dos prodigios.

(*Jornal do Recife:*)

---

### As edades do homem.

Cada idade tem suas molas que a fazem mover, diz um moralista: mas o homem é sempre o mesmo. Aos dez annos é dominado pelos brinquedos; aos vinte, por uma mulher, aos trinta pelos prazeres, aos quarenta pela ambição, aos cincoenta, pela avareza. Haverá n'este espaço de tempo um pequeno lugar reservado a sabedoria?

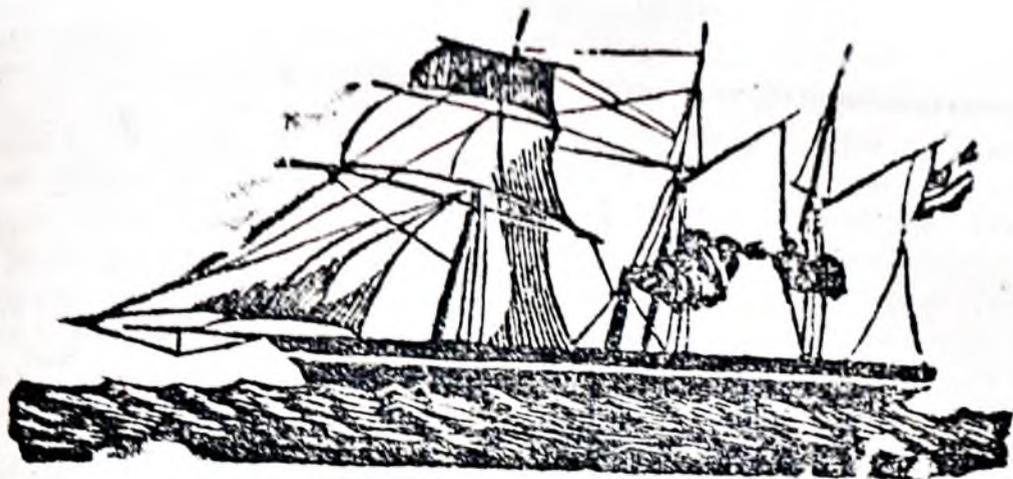
---

### ANNUNCIOS.

---

#### Atenção.

A 8\$000 o sacco de sobá do milho com 9/4 vendo-so á Baixa de Sapatoiros L.lha n.º. 9.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

20 DE OUTUBRO DE 1866.

SERIE 42.<sup>a</sup>—N.º 114

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de outubro de 1866.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que agarre certo macaco que vive nas janellas do Forum a fazer gatimanhas, e o traga para bordo, a fim de se lhe mandar torcer os bigodes no cabrestante do navio. Cumpra.

—Sahiu á luz a *Democracia Pacifica*, periodico consagrado a advogar as liberdades publicas; segundo diz no seu programma.

—Deus lhe conceda muitos dias de vida.

—Leu a noticia que dá o *Interesse Publico* sobre a sahida do Sr. Leão Velloso e posse do Sr. Liberato de Mattos na administração da provincia?

—Li, e admirei-me que o homem não dirigisse uma palavra de louvor ao astro que sahiu, ao passo que enche de encomios ao que entrou.

—Aquillo ou quer dizer que o Sr. Leão Velloso dirigiu pessimamente esta provincia, ou que o velho republicano esqueceu se completamente do sol no oc-

caso para entregar-se ao sol que nasco.

—Sobre tudo são dignas de commorar-se estas palavras:

« Das honradas mãos de S. Ex. não passará por certo um legado ominoso, ás do Exm. Sr. Leitão da Cunha, brevemente esperado »

—Si isto não é a condemnação de um passado coberto de desvarios e dissipações, eu não sei o que lhe diga.

—La ia levando a breca o vapor *Dous de Julho!*

—Bagatella! o peor era quem vinha dentro, por que aquella velha traqui-tanda pouco vale.

—Sahiu de Cachoeira segunda-feira as 9 e meia, depois da hora do almoço, e não sei porque descuido foi se encarapitar n'um banco do arcia de frente de Capivary.

Foi uma scena de terror, impossivel de descrever; a caldeira esquentou ao ultimo grao, o capitão estava atonito, a explosão era imminente, e la se ia tudo com os peccados; felizmente um foguista conseguiu com uma alavanca arrombal-a, o que produziu um horri-vel estampido, que prostrou todos os passageiros, os quaes não esperavam por aquella infernal detonação. Nessa occasião ia tudo morrendo asphyxiado com a exhalação do fumo do carvão de pedra; hoave gente que se quiz atirar

n'agoa; o que valeu é que depois de dez minutos, dissiparam-se as nuvens de fumaça.

—E o vapor seguiu?

—Qual! lá esteve até que o Dr. Trasibulo mandou um barco e dezoito canoas em soccorro. Então descarregado o vapor conseguiu safar-se d'onde estava escanxado, e seguir viagem para a capital, onde chegou no outro dia ás 8 horas, á unhas de cavallo!

—Em que apertos não se viu aquella gente!

—Talvez devido ao descuido d'alguem!

—Por mais sinistros que se dê na tal Companhia nunca ha cuidado!

### Carta do Chico Gato soldado voluntario a sua prima Maria da Conceição.

Lhe escrevo, prima querida,  
Estas linhas mal traçadas,  
A' muito custo rimadas,  
Por musa desembaxada;  
E' na linguagem despida  
Das flores da poesia;  
Mas, desculpe, hoje é mania;  
E' uso escrever-se asneiras,  
Quem ganha são as fleiras  
Destes vates d'agoa fria.

Estou no campo de Marte,  
De carabina na mão,  
Faço faxina e plantão,  
Tomo café, tomo mate,  
As vezes vou ao combate;  
E' um dia de prazer!  
E olhe, quanto a comer,  
Me dão até marmelada,  
Creia, não é *cassoada*,  
Até leite p'ra beber.

Isto é vida regalada,  
Sempre em completa folia;  
Durmo de noite e de dia,  
Passeio e não faço nada;  
Si V. fór namorada  
De algum distincto orador,  
Poeta ou mesmo escriptor,  
Ou patriota de *raça*,  
Faça o bicho assentar praça  
Mande-o p'ra cá por favor!

Aqui nobreza se ganha

Condecorações honrosas,  
*Cruzeiros, Christos e Rosas*  
Basta uma simples façanha;  
Nao é mister tanta sanha  
Como lá nas eleições,  
Onde rolam bofetões  
Casados e cacetadas,  
E muitas vezes facadas  
P'ra ter condecorações.

Eu prima, em que fui fallar,  
De eleições? Santa Maria!  
Deus me livre que algum dia  
Tenha dellas me occupar;  
Porque lhe vou confessar  
Não quero ser deputado,  
Me convém mais ser soldado,  
P'ra defender minha terra,  
E não faltar sobre a guerra  
E por lá ficar sentado. . . . .

Olhe, não quero tambem,  
Ser escriptor de jornal,  
Que se s'ppõe general,  
Vence aqui, destroça além,  
E ganhando seu vintem  
Na santa paz elle vae,  
De seu commodo não sabe,  
*Discorre*. . . . . entusiasmado  
Porém não quer ser soldado,  
E nem vir ao Paraguay.

Desculpe, prima adorada,  
Si fui um tanto *massante*,  
Mas, espere um só instante,  
Lhe dou a carta acabada:  
Não seja tão *reservada*,  
Quem escreve a um namorado  
Pode sem ser reparado  
Escrever ao primo ausente;  
Adcus, viva alegremente,  
Seu primo amigo e creado

(Chico Gato.)

### A PEDIDO

—Ha gente neste mundo que quando morre não leva consigo o dinheiro porque não pode!

—Ora esta! ha gente que não come a propria trampa porque não pode.

—Destes é um certo cujo que co-nheço.

—Quem é elle?

—Um sujeito que rejeitou uma co-

bertura de cabeça porque pediram-lhe 12\$ rs.

—Por isso não; cada um compra o que lhe faz conta.

—Ouça primeiro o caso, para depois apreciar-o.

Em *Cama-comú* os tabareus fabricam com timbô *coberturas de cabeça* de admiravel perfeição, e extraordinario primor. O nosso sovinao mandou por uma pessoa encommendar uma das taes *coberturas*, que era para mandar figurar na exposição que tem de haver á margem d'um *rio* no mez de *janeiro*, e recommendou toda perfeição e esmero. Feita a encommenda, o tabareu encarregado da obra, empregou todo o cuidado para que ella sabbisse digna do assumpto a que era destinada; e com effeito, depois de alguns dias de trabalho, apresentou a quem lhe tinha encarregado da factura uma obra primorosa; este remetteu-a ao tal sovina, que ficou muito agrada lo della, e mandou logo acondicional-a e embarcar para seguir viagem; porém quando soube que o preço era 12\$ rs. mandou incontinenti buscal-a a bordo, e regeitou á pessoa, á quem tinha dado a encommenda, a qual com cara de laçao foi entregal-a ao tabareu, que perdeu seu trabalho.

—Que miseria! Vão ver que é algum ricasso!

—Não é lá essas cousas, porém também não é necessitado; é homem de *negocio*, socio do *João*.

—Ah! já sei, um que foi caixeiro do *Cezimbra*.

—Esse mesmo.

—Ora isso é vergonha! Um homem daquelles praticar tamanha vilania.

Pede-se ao Sr. Quarenta Portinholas que deixe-se de imposturações de sabio para com seus companheiros de musica; cuide em estudar suas lições; pois entra mez e sahe mez e não as dá, e si não dá para o fubá desocupe o logar. Não queira perder o bocal ou ter alguns repiques de sinos na freguezia dos queijos. Quem lhe avisa seu amigo é.

*Tres amantes da paz.*

—Aspirante!

—Prompto.

—Vá áquelle sujeito que de magro qual *carrica* fica inchado como perú, quando lhe dão o tratamento de general, e pergunte-lhe quando pretende seguir para o logar d'onde veio, mandando na teta da pobre mulata velha uma bem grossa chupeta.

—E si esse covarde não me der resposta?

—Rasgue-lhe os canhões, que já uma vez este pusilamine virou por occasião de um glorioso combate, que houve em eras passadas; e depois exponha esse poltrão ao desprezo publico para não andar a alardeiar entre nós façanhas e bravatas.

## PANTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 19 DE OUTUBRO,  
A'S 3 HORAS DA TARDE.

*Cotações officiaes da junta dos corretores.*

*Descontos.*

Sociedade — Aposentadorias compradas — 10 *contos* de lucro.

Banco das Transacções ignobeis — a quem mais de.

Praça do Forum — Continúa a descontar sobre corrupção.

*Saques.*

Neste genero realisou-se uma importante operação na presente semana. A companhia do olho vivo saccou de alguns artistas dramaticos quantia superior a 400\$ rs; a transacção foi feita por meio de *chaves falsas*.

*Joaquim Malcreado*, presidente.

*Catuno*, secretario.

## Revista do mercado.

O horisonte commercial da nossa praça na semana que passamos em revista, foi bastante limpido; quer dizer, que no seu periodo as transacções foram animadissimas.

Aimportação e exportação foi variada.

Uma das transacções mais notaveis foi a de uma partida de *fuga clandestina* realisada por intermedio do corretor *Sero* para exportação.

Fallou-se na venda de uma outra partida deste genero pertencente a carga do brigue *Campo-bello* depositada no trapiche *Corre-*

ção, para ser reexportada para o estrangeiro; porém por ora não transpirou.

No mercado de *calotes* fez-se alguma coisa. O carregamento do brigue *Figueiredo* foi comprado sobre agua por conta da casa *Rebello*, por agencia do corrector *Custodio*.

Acaba de entrar o patacho *Abutre* carregado de *retratações* cuja qualidade, informam-nos, não é satisfactoria, por estar infeccionada de *subterfugios*.

Em *bebedeiras* fizeram-se transacções para consumo.

Entraram e sahiram navios de diversas procedencias.

Entre estes sahio o brigue *Presidente* carregado de *ganancias*, *furminas*, *arranjos* de familia, *dividas pagas*, *violencias*, *cynismo*, etc., *incapacidade administrativa*, *ingratidão*, etc.

### Movimento do mercado.

*Arbitrariedades*.—Depois da sahida do *Melloso* cessou a procura deste genero.

*Conflictos*.—Auinados. Obtiveram melhores preços o carregamento do patacho *Rocha* procedente de *Vianna*, consignado aos pretinhos da sociedade *Rosario*.

*Civildade*.—Na falta absoluta deste genero os especuladores suprem-no com *grosseria*.

*Empregos*.—Difficis; permutam-se por *moeda sonante*.

*Falsificações*.—As que vieram ao mercado foi por conta da guerrilha dos *taverneiros*.

*Frouxidão*.—Ha muita, mais é toda absorvida pela municipalidade para bem da população.

*Honestidade*.—A pouca que ha, é de pessima qualidade por se achar baldeada de *depravação* pelos especuladores.

*Veixames*.—A população está suprida deste genero, graças a solicitude paternal do governo.

### IMPORTAÇÃO.

#### MANIFESTO.

Brigue poltrão *Erva-isco* da cidade da *Covardia*:

4 caixas medo, 2 canhetes terror, 5 ancoretas susto, 4 volumes pavor, 6 paneiros carreiras, 2 quartolas ganancia, 4 fardão de canhões virados, 1 ceroula borrada.

### EXPORTAÇÃO.

#### DESPACHOS MARITIMOS A 18.

*Para fora de Latronopolis.*

Porto da *Liscinta*; barca feminil *Justino*, 21 pacotes *impudencia*, 400 batoques, 236 roslas.

### MOVIMENTO DO PORTO.

#### SAHIDA.

Terra das borrachas—paquete *Leão* 4.<sup>o</sup>, commandante Pedro, passageiros diversos; carga—10:000\$ em moeda, producto de aposentadorias, 9:000\$ ditos lucros d'uma calçada, 4:000\$ ditos de uma transacção pouco airosa, a entregar a casa *Veloso & C.<sup>a</sup>*; 10 caixões bagagem d'um governador contendo arbitrariedades, violencias e mamadeiras.

#### ENTRADA.

Cidade da *Insolencia*—em 32 ds. palhabote *S. Bernardo*, eq. 13, cap. *Dias*; passageiro *B. Moreira*; carga—*altivez*, *malcreações*, *atrevimentos*, *latrocinios*, 625 volumes *Arte de enriquecer da noite para o dia*—do *Dr. Surripio*, 6,252 langas de cal, 625 barcadas de barro, idem idem *arcia*, 1266 quintaes pedras de cantaria roubadas, 452 embrulhos folhas de trabalhadores alterados.

### LEILÃO COMMERCIAL.

Hoje ao meio dia na praça da *Protervia*, por intermedio do corrector *José*, será vendida, sem reserva, os salvados da barca *Paulina*, naufragados nas costas de *Campos* consignadas, a casa *Lima* desta praça; a saber—722 pacotes *alcovitice*, 263 peças pouca vergonha, 18 rolos *abusos d'authoridade*, 12 caixas *bixas*, por conta da casa *finada* *A. Machado*, 21 quintaes *defforamentos*.

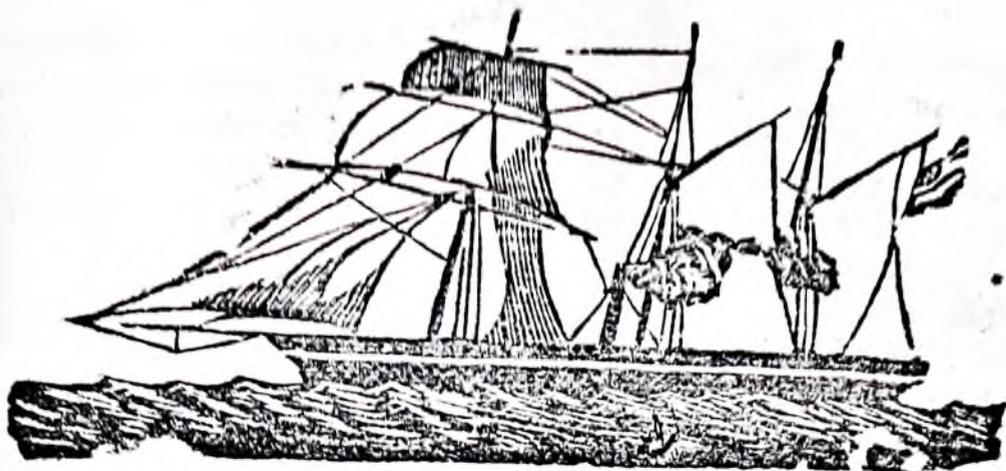
### ANNUNCIOS.

—Sao tantos a queixarem-se de *preições* que só um *Rothchild* os pode remediar.

—A que vem isso?

—Ora isto a que vem! Pois um *oculo* que enxergando poucos lucros em sua fabrica de *descredito*, trabalha assim para ver si arranja assignantes para ter uma boa tela, o nesse caso pode dar-lho alguns dos seus, por que assim elle se calará, porque diz que os assignantes serão privilegiados.

—Bem sendo assim sim.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

23 DE OUTUBRO DE 1866.

SERIE 12.<sup>a</sup>—N.º 115

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de outubro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando a attenção de S. S. para a l'ja n.º 41 G, á rua Direita do Collegio, onde alguns trabalhadores de sapateiro tem o costume de chamar as mulheres que passam e quando estas não lhe dão attenção, elles desfiam uma meada de palavras, que muito offendem a moral; tendo de mais um delles o ar ojo de esbofetear aquellas que repellem as injurias como ainda no sabbado acconteceu. Espera-se por tanto que S. S. dispensará por um pouco sua attenção sobre aquelles tafues.

—O povo está morrendo a fome, o clamor é geral, a imprensa brada e nada de providencias!

As 7 horas da manhan não se acha mais carne. A especulação aproveita-se do ensejo para olevar o peixe a preço fabuloso e sustentar a carestia!

Não sei onde iremos parar!

—E não sei ao que é devido isso. Porque se dissesse que a carne acaba cedo pela affluencia do povo e que então quem ia mais tarde não achava, bem. Porem é á maioria a queixar-se,

signal de que o genero é pouco e não chega para todos; si uma pessoa vae ás 5 ou 6 horas, não pode comprar pelo barulho e aglomeração de gente nos talhos, ás 7 horas não ha mais carne ou si ha, é algum resto de pessima qualidade. Ora isto é exhaurir a paciencia do povo!

Porque o Sr. presidente não ordena que se mate maior numero de rezes, uma vez que as que se talham actualmente não satisfaz as necessidades publicas?

—E o *Pharol* a dizer que tudo isto é para proteger este ou aquelle sujeito; que de proposito matam-se poucos bois para tornar o preço elevado, e nenhum cavaco se dá a um negocio, que tão de perto afecta os interesses deste paciente povo!

—Capitão, um acto meritorio e digno de elogio, que me informam.

—Pode fallar.

—Um portuguez alugou uma rapariga, parda, escrava, para ama do leite. O Sr. vendo-a em outra casa que não era a do amo, perguntou-lhe o que fazia alli e ordenou-lhe que o seguisse, ao que ella se recusou, dizendo que estava alli por mandado do seu amo.

Estomagado o Sr., foi a policia e fez com que a escrava viesse a presença

do chefe, e dalli quiz que ella fosse castigada por desobediente; porom o portuguez apresentou-se, e não querendo que a mulher que criava seu filho fosse castigada, exigiu que abrissem processo pela sua liberdade. O Sr. depois de muita pertinacia em teimar que a infeliz fosse castigada, concordou em dar-lhe a liberdade exigindo para isso 1:900\$ rs. que recebeu do portuguez. Não acha que é uma acção nobre?

—Si é exacto isso, honra a esse philantropico portuguez.

—Em quanto se manda dar passagens gratuitas aos escravos dos amigos do governo, e á mulheres incognitas, um voluntario da patria queixa-se amargamente que voltando do Sul doente, e indo ao governo esmolar uma passagem até Caehoeira, teve em resposta que estava muito moço e fosse trabalhar!

—Para lhe poder dar credito deve me dizer o nome desse voluntario.

—Chama-se Galdino Nunes de Amorim, marchou na 4.<sup>a</sup> companhia do Princeza Leopoldina.

—Ha cousas que só eu vendo, acredito.

—Quem anda de noite vê muita cousa!

—Isso é exacto. Mas o que ha de novo?

—Uma mulher que foi ao theatro no sabbado vestida de homem em companhia de um caixeiro.

—Passa-tempo de quem não tem em que cuidar. Capricho de mulher, extravagancia caixeiral.

—Quando sahio, a rapazada poz-se-lhe na pista até descobrir-lhe o sexo. Foi presa, mas a patrulha não quiz conduzi-la.

—Preguiça do caminhar.

E o caixeiro?

—Esse amante do progresso feminil logo que viu o caldo entornado escapuliu.

—Ja começam as badernas á noite. No sabbado andou a *Carijó*, mulher

estabanada, a bradar aqui-del-tei e a fazer algazarra, no meio d'uma sucia de chupistas.

—E' preciso que as authoridades prestem attenção a isto.

—A policia anda recrutando á paisana.

—Porém que policia, meu amigo! O irmão das Bolachinhas e uma sucia de meninos eguaes á elle, que andam promovendo barulhos, como no sabbado atraz da Sé. Aquillo é querer crear conflictos e não recrutar.

—Começam outra vez os absurdos no recrutamento da guarda nacional!

—Isso é materia velha, não adianta nada. Com tudo, si tem alguma cousa á respeito, pode dizer.

—O Sr. Germano Moreira de Borburema serviu sempre no batalhão da Sé como sargento; dahi embarcou para o Sul feito alferes do batalhão Princeza Leopoldina, e de la voltou inspecionado. Agora é o Sr. Borburema intimado que foi tirado para fazer parte do contingente que tem de dar o batalhão de Sant'Anna! . . . .

O que quer dizer isto? . . . Onde estamos nós? . . . Pois não é mais na moda que mandar-se agarrar uma pessoa por dons malsins, e dizer que é para completar o contingente do batalhão tal? Quem vê tão arrojado arbitrio ao que tem de se admirar do despotismo de Lopez?

—E' que nós vemos os defeitos dos outros, mas não enchemos os nossos.

## VARIED DE.

### ESPERTEZA DE CALOTEIRO.

Lê-se no *Jornal do Recife*:

—Compadre, disse um andaloz, a um seu amigo, é necessario que Vm. me pague o que me deve, ou que se disponha a seguir-me á casa do alcaide.

—Viva Vm. mil annes, replicou o devendor, com a mesma vontade que daria a minha alma a Deus, daria a Vm. o restosinho que lhe devo.

—Não duvido, porém Vm. dirá isso diante do alcaide.

—Não ha inconveniente, porém Vm. vê que não é decente que eu vá á casa do S. S. com este traje. Si Vm. me emprestasse a capa.

Diante do alcaide.

—O senhor diz (exclamou o alcaide) que Vm. lhe deve 200 reales.

—E' certo: Porém V. S. não conhece (replicou o devedor,) que este senhor está doado? Ha mais de um mez que lhe da a mania de dizer que todo o mundo lhe deve.

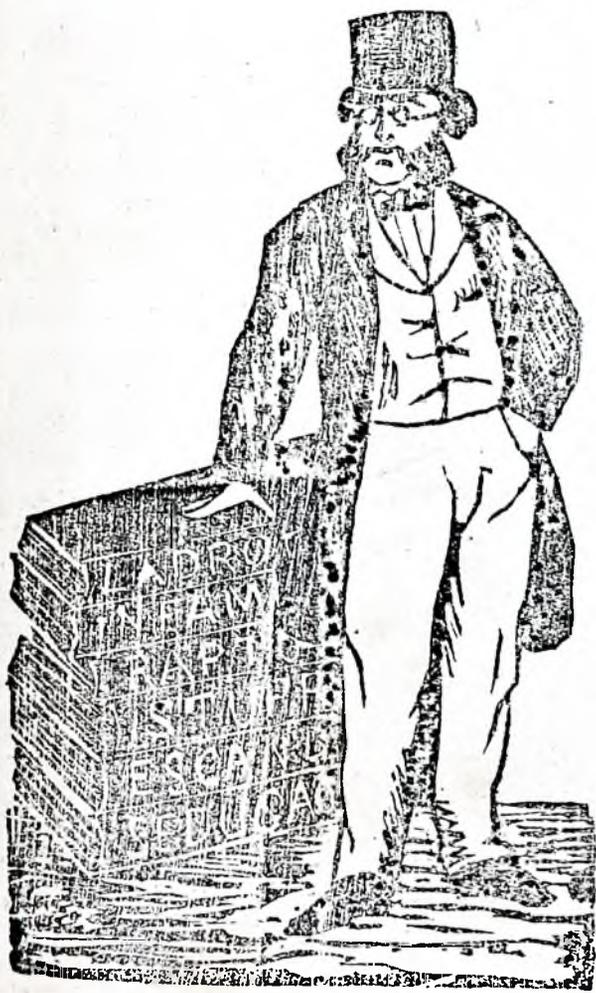
Muito é que lhe não tenho lembrado dizer que a capa é d'elle.

—Digo que ella é minha, por que lhe emprestei...

—Basta, (replicou o alcaide) vão Vms. com Deus. E si Vm. não quer dormir na cadeia, disse ao credor, não me incomode com suas loucuras.

(Extr.)

## A PEDIDO



(Continuação do Sr. Gatuno.)

—Capitão, permitta que abra um parenthesis na historia do Sr. Gatuno. Quero contar-lhe uma façanha d'elle, a qual por ser de data recentissima merece especial menção. Depois reatarei o fio á narração.

—Pode seguir o carro.

—Em Latronopolis houve um mili-

tar de nome *Fonte de ouro*. Era casado com uma virtuosa senhora, e tinha alguns filhinhos fructos de seu consorcio.

O Sr. Gatuno inculcava-se de amigo dedicado do valente militar, e este acreditava nos fingidos rapa-pés, que calculadamente lhe fazia a besta.

Como soldado que era, o dever da honra e a obediencia de sua classe, o chamaram para longe do lar domestico, e o militar brioso teve de abandonar os charcos penhores de seu coração, para ir onde o cumprimento de deveres o estava acenando.

Antes de partir foi despedir-se do refalsado amigo, e recommendou-lhe sua familia, que ficava só, e elle, o hypocrita, prometteu velar por ella.

Na ausencia do marido intentou, o sagaz animal humano frequentar miudamente a casa, mas a senhora, que tinha feito proposito de não admittir visitas na ausencia de seu marido, recebia-o seccamente e com esquivança; o Sr. Gatuno percebeu a repulsa, o retirou-se afrontado, e não procurou mais saber da familia.

O militar morreu gloriosamente no campo da honra, combatendo por sua patria, legando á sua familia a mais extrema pobreza. O soldo de um militar subalterno é nenhum para sustentar uma familia crescida, mormente sendo elle dividido em duas partes. Assim aquella familia, que vivia pareamente com a parte do soldo que lhe deixara seu chefe, com a morte d'elle teve seus azares e contratempos, e entre outros teve o do aluguel da casa, cousa que corre tão veloz como os dias da vida do homem; e por isso o vulgo diz muito bem, que o mez da casa come com a gente no prato.

O proprietario de casa, com rarissimas excepções, é homem inflexivel e de coração impedernido; não o commove a miseria da viuva, o desespero do pae, a lagrima da virgem nem a supplica do desvallido; quer receber o aluguel da casa, e pouco se lhe dá que o inquilino esteja a morte estendido sobre um leito, ou desempregado ha seis mezes, sem ganhar vintem, para

prespegar-lhe uma penhora, as vezes em objectos, cujos valores não chegam para pagar o trabalho dos meirinhos e dos ganhadores, que levam os trastes para a porta do Forum.

Si o pobre morador lhe pede uma espera até ver si suas criticas circumstancias mudam, e promette esvasiar a casa para não augmentar a divida, elle não está por isso; e inexoravel, disfeitea o infeliz, deitando-o judicialmente na rua e sequestrando-lhe os cacos, embora dahi não resarça a sua divida, salvo quando elle é da bitola do Sr. Gatuno, que quer na deshonra das filhas indemnizar-se da divida do pae.

O proprietario da casa em que morava a viuva *Fonte de ouro*, era do numero desses sem coração, e por isso sem attender aos revezes, por que acabava de passar a malfadada senhora, chamou-a á conciliação para sequestrar-lhe os trastes pela divida do aluguel.

A desamparada viuva, vendo-se sem recursos, lembrou-se de escrever ao Sr. Gatuno, como amigo de seu finado marido, implorando que lhe emprestasse a quantia, em quanto ella alcançava a graça de um subsidio que havia impetrado ao governo.

O Sr. Gatuno aproveitando-se da condicção aterradora em que se acha a desolada viuva, escreveu-lhe dizendo, que elle estava prompto não só a pagar toda despeza do executivo, como a socorrer a familia com 50\$ rs. mensaes, com a unica clausula de que ella mandaria receber todos os mezes essa quantia por sua filha F. ....;

—Que monstro hediondo! ....

—A carta em que o Sr. Gatuno com a mais impudica safadez impoz a honrada senhora, tão humilhantes e ignominiosas condicções, existe em poder della, e pode ser vista e reconhecida a letra desse sinistro e pavoroso ente.

(*Continua.*)

—Ora Dr. isto é feio! Mettido em um carro com uma mulher meretriz.

—E o que tem lá isso?

—Tem muito para um homem de posição, para um deputado provincial & &.

—A minha posição não priva divertir-me.

—Priva-lhe a posição de casado.

—Está bom, lá por esse lado vá!

Mas sou ainda tão joven, devo divertir-me.

—Porém sua senhora não o merece, segundo julgo?

—E' verdade, sou um doudo!

—Que diabo de sarceiro foi um entre o Zé Carlos e o Domingues Lopes?

—Eu sei, homem; parece que andavam á maneira de cão com gato, e o resultado foi o Zé Carlos mandar o Lopes tomar fresco no chilindrô.

—Deixe-os; elles lá se entendem; é cré com cré e lé com lé.

### SONETO.

Que fazes tu, rapaz, tão apressado,  
Não persigas a moça tão ufano;  
Tu não levas amor, levas engano  
Com sombras de interesse refolhado.

E quando seja amor, é mui forçado,  
Amor que causa a bella tanto damno..  
Não sejas com a menina deshumano;  
Vê que podes depois ser agarrado!

Não percas por um vão contentamento  
O nome, que te faz viver contente;  
Modera em teu favor o pensamento.

Não penses que te quero fazer frente,  
Só quere te livrar de um casamento  
Q' ha de dar q' fallar a muita gente!...

### ANNUNCIOS.

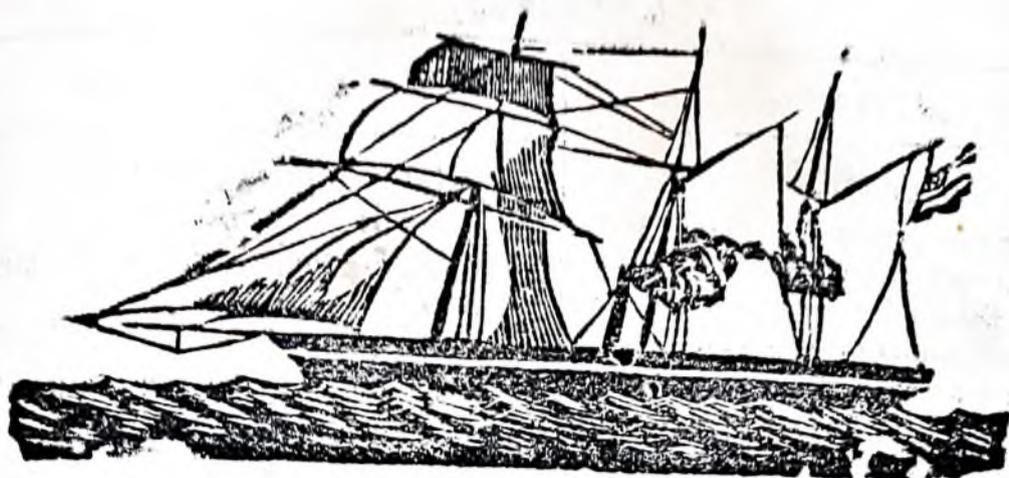
#### Atenção.

A 8\$000 o sacco de sobá de milho com 9/4 vende-se á Baixa de Sapateiros tulha n.º 9.

Na venda n.º 32 na rua Direita do Collegio, preciza-se fallar com o ex-fiscal Nicolau Talentino da Cesta, para negocio de seu interesse.

O Sr. Joaquim Moniz de Paula Araujo, furriel da guarda nacional, é rogado a vir a esta typographia.

Typ. de Moraes, Aristides Igrapiúna



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

25 DE OUTUBRO DE 1866.

SERIE 12.<sup>a</sup>—N.º 116

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 crias, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de outubro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. delegado de policia, pedindo-lhe providencias contra o procedimento de umas mulheres de má vida, moradoras á rua das Laranjeiras casa n.º 76 A, as quaes com gestos e palavras obscenas prohibem que as familias cheguem a janella. E para que tão desmandada gente não continue nesse escandaloso procedimento, recorre-se á reconhecida energia do S. S.

—Ao mesmo, chamando sua attenção para um grupo de moleques que se reune á tarde no adro de S. Domingos.

—Parabens! Parabens! Acabou-se a guerra!

—V. perdeu o juizo, homem?

—Lopez, foi preso no dia 21, com toda certeza,

—Este homem enloqueceu.

—Ja lhe disse; Lopez foi preso no Passo das Pedras pelo coronel Zé Munturo, e este trata de arrumar sua canastra para ir receber os 10:000\$ destinados, á quem prendesse o tyranno!

—Que boceta é uma que leva a-  
quelle carroceiro da limpeza?

—E' uma infeliz criancinha de um dia que tiveram a deshumanidade de deitar no monturo de S. Francisco.

—A depravação de costumes está muito enraizada em nossa terra! Que gente desnaturada! Havendo uma casa de expostos, ha mães tão sem coração que mandam deitar seus filhos no monturo!

O que será feito agora da innocente criança?

—Creio que vão leval-a ao subdelegado, o qual sem duvida a mandará para a Santa Casa.

—Infeliz! Ja no berço te persegue o infortunio.

—Ja não é so Thomaz Perné e seus companheiros que vivem á custa dos homens de farda. Na guarda cidadan ha uma harpya destas!

—Que sanguesuga é essa?

—Um official do *balaio*. Usa da innocente especulação de emprestar 4\$200 para receber 5\$ no dia do soldo que é de 15 em 15 dias. Não é um giro de negocio muito licito?

—Principalmente praticado por um superior para com subalternos.

—E fallam do *Eloy* que não é tão usurario como este demonio!

## VARIEDADE.

**A mulher no sentido burlesco.**

A mulher é um pequeno animal doce e maligno, metade capricho, metade rasão; é um composto harmonico em que se encontra algumas vezes muita dissonância.

A sabedoria e a razão são incompatíveis com o espirito de uma mulher que só tem na cabeça a ambição.

A mulher é a confusão do homem, um animal inconstante, um cuidado continuo, um combate sem tregua, uma pena diario, um continuo naufragio da vida, uma batalha pernicioso, um fardo insupportavel, e uma humana e natural escravidão.

A mulher é uma santa na igreja, um anjo nas ruas, um diabo em casa, uma coruja nas janelas, um cão na porta, uma cobra em um jardim, etc.

A mulher é um animal timido, mas que não deixa de se fazer temer, só combate para ser vencida, e pede quartel quando cessa de defender-se.

Quereis bem conhecer uma mulher? Imaginae um lindo monstrosinho, que encanta os olhos e que transforma a razão, que agrada e que repugna; que no exterior é anjo e no interior harpia.... ajuntae-lhe uma cabeça de faina, a lingua de uma serpente, os olhos de um cascavel, o humor de um gato, destreza de um macaco, as inclinações nocturnas de uma coruja, o brilho do sol e a desiquidade na luta; envolvei tudo em alvissima pelle, ajuntae-lhe braços, pernas, etc., e tereis uma mulher completa.

A mulher é o chefe do peccado, a arma do diabo, o desterro do paraizo, e a corrupção da primeira lei antiga que o ceu deu aos homens.

A mulher é o orgão do demonio. Vive por interesse e na vaidade.

Uma mulher é uma machina parlante que põe todo o universo em movimento.

As mulheres são as perfeitas operarias e artistas de todas as maldades que fôr possível inventar-se.

A mulher é um animal que se aborrece.

A mulher é o paraizo dos olhos, o inferno das almas, o purgatorio das algibeiras e o motu continuo do pensamento.

Deve-se julgar a mulher desde o calçado até o penteado inclusivo.

A mulher é um manjar digno dos deuses quando o diabo não o tempera.

(Extr.)

## A PEDIDO

— Que projecto monstro!

— Qual?

— O da sociedade 16 do mez que passou.

— O que tem?

— Tem cousas em seu regimento dignas de eterna memoria.

— Aponte uma.

— Condicação 82 — § 3.º — Não receberão beneficios da sociedade:

Os que receberem suficientes de outra sociedade ou corporação, a que pertençam.

— Isto é bom, é o mesmo que dizer — o meu visinho já lhe deu um vin-tem vossê não precisa mais.

— A condicação 22 tambem não é má!

Na condicação 21 — § 2.º tambem não ficou nada a desejar.

— Então escreveram muito?

— Esc everam de mais; mas domingo conversaremos.

Vae-se embora o *Corta-ferro*  
Que tanto *ferro* cortou,  
*Ferro* seu, e *ferro* alheio  
No monte fora jogou.

Onde acharia elle espada.  
Que a sua estava empenhada?  
Bifou de algum companheiro  
Por meio de velhaçada.

Fica agora Latronopolis  
De menos com um tratante!  
Parabens, que essa besta  
Vae ficar de nós distante.

— Um attentado altamente criminoso acaba de commetter-se nesta cidade, contra o qual está em brados clamando a desafronta da lei para a equidade, criterio e energia do Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

Foi cruel e horrorosamente chicoteada e espancada na noite de 21, a parda Maria Herculana de Jesus pelo portuguez Joaquim Marques Nogueira da Silva.

Qualquer que seja a desculpa que se pretenda dar ao acto barbaro e criminoso desse portuguez, nada o pode

absolver de tão iniquo e cannibal procedimento.

Si o portuguez Marques Nogueira encontrou a miseravel no corredor da sua casa com um seu escravo, si não leve o preciso criterio para ver que alli quem lhe desrespeitava era seu escravo, e não a infeliz, que podia ter ido alli illudida, commettendo somente uma falta para com os preconceitos da sociedade, podia desagrarar-se prendendo a desgraçada; concedemos mesmo, que por accesso de cholera lhe desse algumas pancadas, o que ja era uma arbitrariedade, porém castigal-a por uma maneira tão estúpida e atroz, é um excesso de perversidade e denota instinto de mau coração.

A infeliz ficou em estado miserabilissimo, toda chagada, e no dia 22 ás 4 horas ainda não tinha sido curada!

No entanto o portuguez Nogueira que é dono ou socio de um trapiche, preso em flagrante não se recolheu á prisão logo, depois de receber a ordem de prisão, disse que no outro dia se apresentaria a authoridade, e a policia, contentou-se com isso.

Essa sorte de condescendencia é bem má!

Para que mentem dizendo que a lei é egual para todos?

Si a mulher morresse, o portuguez Marques Nogueira iria se entregar a policia? E' o que está por ver.

Para a honra e probidade do illustado Sr. Dr. chefe de policia appella-se, na esperança de que a lei será desafrentada. Não desminta S. S. o justo preconceito de caracteres honestos e incorruptiveis de que gozam muitos membros de sua familia.

Além do mais que por ahí espalham, diz-se que prestada a fiança, o portuguez sahirá para a rua e o processo ficará envolto em mysterio e a justiça menos-presada.

A expectativa publica está lançada para S. S. neste facto da mais requintada e hydionda crueldade.

— Effeitos do Passo da Pátria. Um

de cabeça quebrada e o outro na cadeia!

— Isso é nada. Inda havemos de ver cousa mais fina. Ja viu casa onde se bebe e joga em que não hajam *perluvios*?

— Entretanto os proprietarios dizem na policia que é calumnia de seus desafectos o que dizem por ahí; que aquella casa é o tabernaculo da ordem e dos bons costumes!... que lá so entram rapazotes que sabem o que fazem...

— E que sem terem rendimentos perdem lá dinheiro todo dia, e alguns quantias avultadas. Si não fosse exarcebar desgostos eu publicava os nomes de muitos que lá vão e das quantias que deixam.

— O meio de vida é excellente. Em quanto houver papalvos no mundo, os *sabidos* estão como querem.

— O guarda da *infancia* no trem de paz de Latronopolis viu se embaralhado na manhan de 12 do corrente.

— A razão?

— O magano sahiu para dar seu giro do costume por casa das conhecidas, e depositou as chaves n'um lugar que ja era de praxe. Um esturdio lembrou-se de prespegar-lhe com uma boa peça e bifou lhe as chaves Demanhan quando veiu do *pulo* em sua maciota para abrir as portas achou-se em branco, e eil-o apertado sem saber o que fazia; gritou ate por el-rei de *França*.

— E o *endireitador* soube disso?

— Creio que não; a cousa arranjou-se la mesmo entre os cujos.

— Ja uma vez-me disseram que esse maganão de cabresto as vezes que lhe toca pernoitar, empurra-se.

— Dizem que com o susto ficou doente e que por isso vai pedir alguns mezes de licença para tratar-se.

— E conseguirá?

— E' provavel. Tem padrinhos....

— Aquella *meia* casa vac muito desmoralisada.

Sr. Gatuno. — Diz o *risão* — Faça bem não olhes á quem — Pois bem, nós dizemos o contrario, porque a ex-

perencia e factos recentes nos levarão a assim proceder.

Na occasião em que pediamos para não continuares a ser victima do azorague do muxingueiro, pagaste esta generosidade com a acção mais torpe, mais infame; outra cousa não podiamos nem deviamos esperar de ti, miseravel Gatuno, por que um homem immoral, crapuloso, devasso, infame, ladrão, bajulador, e tudo quanto ha de abjecto e immundo, jamais pode ser reconhecido, sim, por que tua cara ja ha muito se acha estigmatizada com o ferrete da infamia, e por conseguinte não pode haver mais pecha, não podem haver mais palavras que te façam chegar o rubor a essa cara sem verniz, carcomida pelo vicio e pela depravação dos costumes.

Não nos occuparemos mais de patentear ao publico os teus actos depravados, a tua vida crapulosa e devassa; não iremos revolver as cinzas de tuas victimas seduzidas, deshonradas e lançadas neste mundo de desgraças, por que teus feitos ja tem sido aqui por paes e mães acabrunhados pela deshonra manifestados ao publico; iremos devassar e patentear a teus companheiros as folhas destes livros que te servem de escora a teu corpo femineo, para que todos bem patentes vejam tuas ladroerias; depois narraremos a tua comedia de suicidio perante certo magistrado, por que a todo transe queres extorquir o pão de teus companheiros, por que o ouro que tu adquires com as ladroerias mais escandalosas não chegam para saciar tuas devassidões; iremos publicando documentos de teu punho para que todos fiquem conhecendo de quanto tu es capaz; iremos finalmente relatando os actos que fores praticando illegalmente para que todos quantos passarem em frente de teu covil, verdadeira cova de Caco, horrorizados te apontem e digam—Eis ahí a escoria dos homens, eis ahí o prototypo das desmoralisação.

Não te persuadas que é despeito que tomamos por teu acto infame—não, por que nós não queriamos essas interinidades, como talvez saibas, mas

por tua ingraticão, miseravel capacho, por que em quanto Deus nos der vista e braços para trabalharmos com honra, não nos abaixaremos a pedir-te, nem a alguem, favores de que nos resulte algum proveito.

(Continúa.)

—E' um olho-vivo dos diabos aquelle sargento!

Pois o homem não achando mais o que *gamar*, não foi roubar uma panela de mocotó no Caminho Novo do Taboão, em companhia do João e do Avelino?

—Faz muita honra ao batalhão do *Chaveiro do céu* o tal sargento; o Sr. capitão dos *Seixos* deve ufanar-se de commandar um inferior daquella biltola!

—Eu creio que uma *pedra* tem mais vergonha do que aquelle biltre!

—Nunca vi sevandija igual. E' mesmo uma *pedra* á respeito de verniz.

—A policia é quem quer assim; por que consente que quanto larapio e reu de policia ha, ande ousado a commetter falcatruas sem lhes tomar contas.

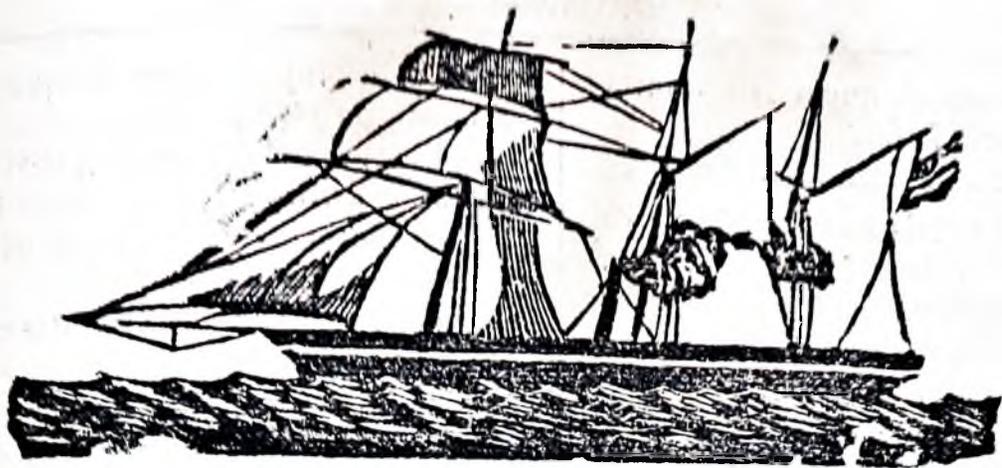
—Diga-me, Sra. Constança como é que Vm. uma senhora que está com os pés na sepultura e que em breve tem de comparecer na presença do Altissimo, tem animo de usurpar o que é de seu irmão, obrigando-o a pedir esmollas? Isso não é de quem tem 68 annos!

Em quanto foi moça os desvarios e fogo da mocidade a desculpavam, q e praticasse assim, porém hoje que está no calçado velho, que passou para o batalhão das reformadas, seu procedimento é abominavel.

Querer antes que os estranhos se lo-cupletem, do que seu irmão, daquillo que tambem é delle! . . .

Emende-se; não esteja entregando sua alma a Satanaz; e nem vá atraz das prozas do Evaristo quo o que quer é se armar.

Sr.<sup>a</sup> Constança, apesar da sua idade, não esta livre da *sotyra* mordaz do *Lius* se continua a usurpar os bens de seu irmão em proveito do Vasconcellos.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

27 DE OUTUBRO DE 1866.

SERIE 12.<sup>a</sup>—N.º 117

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordi a n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 eries, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de outubro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. inspector do arsenal de marinha, pedindo-lhe que dê suas ordens afim de que os trabalhadores e serventes desse arsenal, sejam pagos com mais pontualidade e não 10 e 12 dias depois de vencida a quinzena, devido isso, como nos informam, ao pouco cuidado do apontador em apresentar a competente folha em tempo, por estar talvez occupado em outras cousas.

Espera-se da dedicação e zelo de S. S. pela boa regularidade do serviço, que taes faltas não se continuem a dar, como aconteceu ainda na ultima quinzena que foi paga no dia 24.

—Capitão, bem disse V. Ex. que ha cousas que só vendo acreditava.

—E' verdade; mas o que ha?

—E' que informaram mal a V. Ex. de que o governo negara uma passagem para Cachoeira ao voluntario Galdino, pelo contrario elle teve 10\$ rs. para isso.

—Nesse caso onde ha erro so desmancha, fica o dito por não dito.

—E em lugar de uma censura, merece um elogio S. Ex. o Sr. presidente.

—Tambem concordo.

—Prodigio estupendo da natureza! Phenomeno ainda não visto!

Uma gata pariu cachorro!

—V. é um visionario! Anda a acreditar em bruxas.

—Foi facto visto por muita gente. A gata da Sra. Maria José, moradora na loja do sobrado de azulejos ao largo d'Ajuda, pariu quatro gatinhos e um cachorro, que só não tinha de cachorro as unhas; sendo para notar que os outros mostravam para seu irmão o antagonismo que separa as duas raças; ficavam todos arrepiados quando o cachorrinho se lhe aproximava, á excepção de um gatinho aleijado que estava em perfeita intimidade com elle.

—E esse aborto da natureza ainda está lá?

—A mulher deu pela cousa dias depois, quando os bichinhos abriram os olhos e começaram a andar; ficou estupefacta e de bocca aberta, com tão assombroso e raro caso.

Encasquetou-se-lhe depois que aquillo era o diabo em figura de cachorro; que era castigo do ceu e mandou fdeitar os animalzitos fora.

—Isto está mo parecendo bulla falsa.

—Não fui eu só quem viu, muita gente do criterio lá foi.

—As cousas mais serias nesta terra tomam-se em ar de graça!

Todos os dias estão se dando sinistros por causa de descuidos nas boticas, e elles a se reproduzirem!

—Temos algum recente?

—Contaram-me o seguinte:

Um doutor receitou n'um mesmo papel diversos remedios para um enfermo e entre elles um para friccionar o corpo; mandaram aviar na botica a receita, e o boticario com a pressa ou descuido, pegou n'um rotulo que dizia —para tomar ás colheres— e caseou no vidro do remedio que era para fricções!

Quando chegou o remedio, a familia que não sabia, foi prespegando com a dóse e o pobre enfermo metheu no luxo um remedio que era para se lhe esfregar as costas!

—Que brincadeira!

—Para o Sr. ver. E estes factos succedem constantemente.

—E si o homem morrer, quem é responsavel?

—Isso é que é preciso indagar dos pastores.

### VARIÉDADE.

Um individuo foi visitar um hospital de doudos. O primeiro que encontrou tinha ar triste e resignado.

—Porque é que o metteram nesta casa? perguntou-lhe com bondade.

—Por causa de uma questão.

—Que questão?

—O mundo dizia que eu estava doudo, e eu dizia que o mundo é que estava doudo; e, como o mundo é mais forte do que um só homem, encerraram-me nesta casa.

(Extr.)

### A PEDIDO

—Muxingueiro!

—Prompto.

—Vae a rua do *Tira-bonés*, agarra o gallego *Xico* da taberna, e metto-lhe o focinho na cloaca para não ter o desaforo de attribuir aos mais aquillo que so elle é capaz de praticar,

—Tenho informações de que esse seboso é um trampolinas.

—Esse breado sevandija que vive na sua tasca a roubar, teve o atrevimento de imputar á um pobre e honesto homem o roubo de um pinto!

—Gato ruivo do que usa nisto cuida.

—O gallegorum deve conservar por 15 dias o focinho na cloaca, e depois o obrigarás a ir pedir perdão ao homem, do insulto que lhe fez.

—Estou sciente, capitão.

—Olhe que este *Asmodeu* em toda parte ha de fazer das suas!

—Quem é, *Carrinhos*?

—Esse demonio mesmo.

—Fez alguma das delle?

—Pois o Dr. *Gordinho* não teve a doudice de convidal-o para uma reunião...

—Alto lá! o Dr. não o convidou; a besta por intrometida apresentou se la, e o Dr. por cavalheirismo deixou-o entrar, bem contra sua vontade.

—Ah, si o Sr. ja sabe, é superfluo contar-lhe.

—Sci que elle, persuadindo-se que estava no campo, e não n'uma casa respeitavel, embebedou-se como uma cabra e tantos pinotes deu com sua perna *torta* que espedaçou dous ricos vasos estimados em mais de 200\$ rs. cada um, encommodando a todos com o baque!

—Que desmancha prazeres do diabo!

—O safado nunea se viu enfrontado n'aquillo, e até alli quiz mostrar que é o genio do mal.

—E vir como elle terrava na janella para da rua se saber que tambem foi a função?

—Ora se vi! Isto deve servir de emenda ao Dr. pa a nunca mais consentir cousa tão ruim em sua casa.

—Muxingueiro!

—Prompto!

—Vae metter a taca sem dó naquello atrevido bregeiro que tem a pouca vergonha de metter-se na loja de um sobrado á rua do Pão-de-ló, a bolir com as moças de defronte, e quando ellas olham para elle, encosta-se á um can-

to e põe-se a virar macaco fazendo trejeitos e momos.

—É preciso que V. Ex. me dê os signaes do cujo para eu não me enganar.

—Tambem não o conheço. Dizem-me que é um tafal de boa altura, barbado, que costuma andar de paletot e colete *malhado*, isto é, mesclado.

—Ah! já sei; é um sujeito de colete *malhado*, elle é *branco*.

—Pois agarra esse biltre e mette-lhe o calabrote de rijo, para não ser patife e immoral.

—Hei de executar com prestesa.

### Pergunta innocente.

Pergunta-se ao Sr. Domingos José Antonio Rebello, prior da V. O. 3.<sup>a</sup> do Carmo, quaes as bemfeitorias que tem feito, para o seu retrato estar á direita do antigo bemfeitor daquela Ordem o capitão mor Innocencio José da Costa?

Será pelos grandes serviços prestados com a venda das casas e reforma do compromisso?...

O curioso.

## PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 26 DE OUTUBRO,  
A'S 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes da junta dos corretores.

Cambios.

*Honradez* sem mancha—deturpada.

*Simplicidade* de 1.<sup>o</sup> sorte,—em effeito.

*Sizudez* para—refugada.

Idem, trincada de *machiavelismo*—procurada.

Descontos.

Tem-se feito alguns sobre propostas de casamentos.

Fizeram-se algumas transacções sobre a caixa *Conveniencias Eleitoraes*.

Saques.

Fretou-se o salucho rafeiro *Bebé* para conduzir uma partida de *bajulação* até a cidade do *Avillamento* a uma *migalha* por tonelada.

Joaquim Malcreado, presidente.  
Gatuno, secretario.

### Revista do mercado.

A praça de Latronopolis na presente

semana, esteve, como nas anteriores animada.

Os especuladores deram pasto á larga, as suas tranquiherrias commerciaes.

Em *desordens* e *bebedeiras* o mercado esteve quente. A venda de maior vulto foi a da carga do brigue *Oderico* vindo do *Passo da Patria*.

Entrou um carregamento de *gamações* no brigue *Saccu-bolsos* de consignação da companhia do Olho-vivo que está sendo retalhada pelos membros da mesma companhia.

Negociou-se o carregamento de *empalmções* do galeão escamoteador *Pedra* procedente de *Tuboa-grande*.

Appareceram ofertas para a compra do carregamento do brigue rispido *Nogueira* vindo da ilha de *Caldereiros*, constante de *espancamentos*, *brutalidades* e *tyrannias*.

Appareceram alguns *disturbios assuadas* e *recriminações* que foram vendidas em leilão.

Nestes generos obtiveram maiores preços os vindos da cidade *Terceira Ordem*, pela galera *Veneravel*.

Foram muito procuradas as *algazarras*, vindas da mesma procedencia na barca *Eleição*.

O carregamento de *preferencias* chegado no *Matadouro*, está depositado no trapiche superior *intendencia* por não achar compradores.

No mesmo deposito acha-se uma partida de *factores* para ser vendida a quem mais der, tendo preferencia os *amigos*.

Foi a leilão por intermedio do corretor Silva uma partida de *incoherencias*, *dubiedades* e *crenças renegadas*, parte do carregamento do brigue *Alameda* vindo de S. Francisco.

### Movimento do mercado.

*Bebedeiras*.—As da fabrica *Vasconcellos* melhoraram de preço. As da *Carijó* conservam-se firmes.

*Credulidade*.—Quem possui algum resto deste genero, procura desfazer-se delle, por que é constantemente illudido pelos monopolistas.

*Condecorações*.—Depois da enxurrada que veio ao mercado, ficou tão depreciado, que é tido em nenhuma conta. Quem possui alguma a tem como genero inutil.

*Criterion*.—Frouxo. As existencias são diminutas.

*Equidade*.—Actualmente é difficil de encontrar este genero no mercado. O pouco que ha é de qualidade intermedia.

*Economias*.—A que ha, é baldeada de *esperdícios*.

*Libertinagem*.—Todo consummo é quasi feito pela mocidade.

*Ocações.*—Abundancia das *immercidas*. As *merecidas* ha poucas, e essas mesmas são misturadas de *interesse* pelos especuladores do genero.

*Roubos.*—Immensos. Os productores estão animados; os de melhor qualidade são importados pela companhia do olho-vivo.

*Simplicidade.*—Por este genero, que não ha, impingem os monopolistas *esperteza*.

*Sandices.*—Abarrotado. As existencias são avultadas.

*Subtrações.*—Comprou-se uma partida para abastecimento do trem de paz de Latronopolis.

*Testamentos.*—Os *falsos* estão paralisados.

## IMPORTAÇÃO.

### MANIFESTO.

Brigue *Agosto pequeno*, capitão *Dias* vindo de *Lima*.

50 barris papeis pintados, de amarello, e verde, 2 cunhetes *desfloramentos*, 125 quartolas bens de dous orphãos, 15 almudres cinza de autos queimados.

## EXPORTAÇÃO.

### DESPACHOS MARITIMOS A 23.

#### *Para fora de Latronopolis.*

Cidade do *Deleixo*: barcaça *Camarista*; preguiça, desmaz-lo, inercia, atrasos, porcaria e pouco cuidado.

Ilha da *Carranceria*: charrua *Relação*; colchas velhas, lanternas de folhas do Flandres, velas de sebo de 10 rs. para *illuminação*.

### GENEROS DESPACHADOS EM 23 DE OUTUBRO.

#### *Para dentro de Latronopolis.*

*Gravatá*: galeota *Hermelinda*, J. B. da *Cura*, 2 caixotes *illusões*, 4 fardos enganos, 12 embrulhos *falsidades*.

S. *Francisco*; enter *Rosa*; *Magalhães* e *C.*, 600 gazuas, 46 roubos *phantasticos*, 2 volumes *papeis pintados*.

Cidade de *Encher a pança*; brigue *Xico*, J. S. Almeida 3 volumes *esquecimento* de um passado honroso, 2 ditos *trocás* por um futuro de opprobrio, 1 caixa *amor* a uma candidatura.

## MOVIMENTO DO PORTO.

### ENTRADA.

Cidade da *Judea*—em 8 dias brigue *val-tudinario* *Caldas cap*, *Mané Qelé*, passageiro um velho *gaiteiro*; carga—*momos* e *tregeitos*, *arreganhos* de *carranca*, *bebidas* *excitantes*, *ademanes* de *velho*, *indiscripções*, *basofias*, 10 latas *pós* de *caroço* de *abacate*, 50 *arrateis* *cantharida*.

### SANIDA.

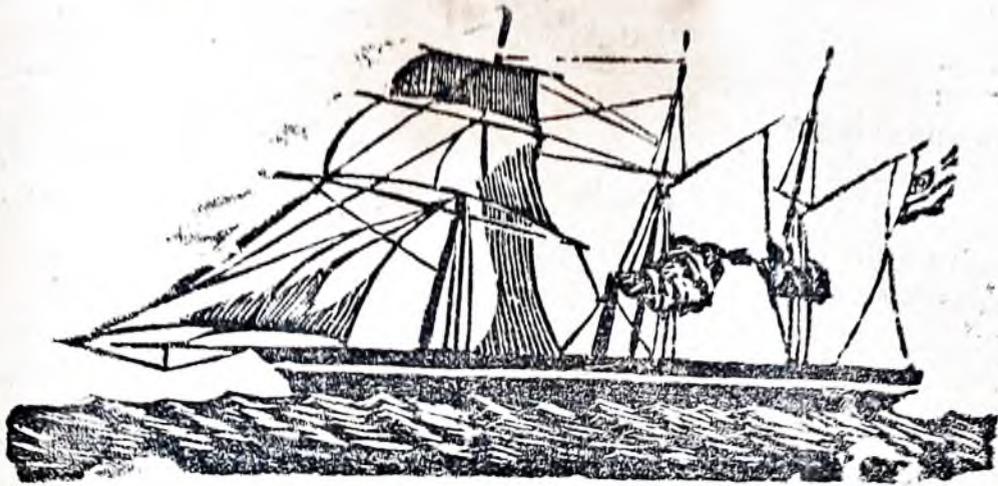
*Malreca'opolis*—chaveco *Corta-ferro*, eq. 6, capitão *Souza*, passageiros *Augusto*, *Felisberto* e outros; carga *espadas* *empunhadas*, 25 *maços* *baralhos* de *cartas* para o *jogo* da *direita* e *esquerda*, 3 *sacos* *grosserias* e *mau humor*, 7 *balaios* *tratantices*, 2 *caixinhas* *joias* *gamadas*.

## ANNUNCIOS.

Fugiu no dia 24 de junho do anno passado, a escrava acabocolada por nome Anna, com os signaes seguintes: idade, pouco mais de 40 annos, baixa, desdentada, cabellos grandes e um tanto corridos, muito prosista, pés inchados ou um só, é muito apegada ao caximbo; costuma intitular-se forra, e por onde anda pede esmola, quando se lhe applicam por S. Gregorio, se enfeza; quem pois a levar aos seus senhores, os Castilhos n'alfandega, será recompensado. Outro sim protesta-se proceder criminalmente contra quem a tiver acoutada, e haver-se os dias de serviço, d'esde que ella fugiu.

D. Anna Joaquina Rios de Souza, seus filhos e genro, agradecem cordialmente a todas as pessoas, que se dignaram acompanhar ao ultimo jazigo o cadaver de seu sempre chorado marido, pae, e sogro José Pereira de Souza, e pedem o favor de assistirem a missa do setimo dia no Convento dos Religiosos Franciscanos no dia 29 do corrente mez, ás 8 horas da manhan, pelo que desde já protestam seu eterno reconhecimento.

Eduardo Gomes Mascarenhas, administrador da casa da viuva do finado Vicente Joaquim d'Araujo Ribeiro, oferece-se para armar os funeraes ou missa commemorativas do passamento dos bravos da patria que tem succumbido nas fileiras do exercito paraguayoz; abeneficio das familias dos mesmos, desempenhando satisfatoriamente qualquer pedido, por muito menos do que qualquer outro, podendo para esse fim ser procurado na rua direita da Misericordia n.º 31 ou em sua loja de cera na mesma rua n.º 10.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 31 DE OUTUBRO DE 1866. SERIE 12.<sup>a</sup>—Ns. 118 e 119

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de outubro de 1866.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar um cano, que se acha arrombado na rua d'Ajuda, ao pé da venda do Coquejo, bem como um buraco na Preguiça, onde um devoto que acompanhava Nossa Senhora do Terço partiu a perna.

—Capitão, a nossa *Correspondencia Encyclopedica* é um pouco extensa, não pode ir neste numero.

—Pois então deixe-a para o outro.

—Falleceu o Illm. conego Lino Reginaldo Alvim, deão da Sé metropolitana.

Era um sacerdote que fazia honra a sua classe.

—Deus lhe dê a mansão dos justos para seu descanso eterno.

—Sucumbiu tambem hoje ás 2 horas da madrugada, depois de alguns dias de terriveis soffrimentos, o tabellião Manuel Lopes da Costa.

—No dia 27, um escravo do Dr. Rouen, andava a galopar n'um cavallo,

e pisou um preto na rua d'Alfandega.

—A facilidade com que se consente que se pratiquem certas cousas, é que dá motivo a tudo isso. Como se permite que naquella rua que está sempre apinhada de gente, se ande á galope!

—Porém ainda havendo prohibição, não se ha de andar atraz dos infractores.

—Isso é em outros logares, não alli, que ha uma guarda constantemente.

—E si for o cavallo do commendador Juliano, o burro do vereador sicrano, a besta do doutor tal, o jumento do capitalista F., ou seu escravo que vá montado nelle, vae se prender?

—Agora isso, sim.

—Vê o olho-vivo como anda de cabeça em pé estes dias? E' roubos por toda parte!

—Aproxima-se a festa, a companhia está accelerada.

—Foram a venda do José Antonio G. da Cruz, á rua da Ordem 3.<sup>a</sup>, bifaram os cobres que acharam e alguns penhores, e sabiram a sua vontade. Felizmente o homem é destes prevenidos e nunca deixa os cobres na venda. Ainda acharam 20\$ rs. porque era para um pagamento que tinha de fazer o caixeiro de manhan.

—E sabo-se quem é o author?

—E ainda que saiba-so?

—Está ahí a policia.

—Ora a policia! A policia manda que o homem dê uma queixa contra os suspeitos, como si elles fossem tão imbecis, que deixassem as provas do roubo em casa para ella encontrar.

—E' muita ingenuidade!

Eu acho que á policia é que incumbe indagar particularmente onde foram vendidos taes e taes objectos, á quem foram offerecidos, e assim chegar ao conhecimento de quem é o ladrão. Por que quanto a vestigios elles não são tolos para deixal-os em casa.

—A prova está que quando vão a esses logares não se utilisam dos generos, porque podem mais facilmente ser descobertos, é só do dinheiro.

—Outra policia ja os tinha descoberto. A gente do olho-vivo toda joga; entre o roubo foram moedas de prata com argollas e elles haviam de ir jogar n'alguma parte; a policia conhece todas as casas de jogo; eis um bom canal.

—V. sabe? o vendelhão que tenha d'aqui em diante mais cuidado, para não se ver exposto a soffrer outra peça dos sujeitos; pois que diz o adagio—queijo encetado, vae acabado.

—E' uma deshumanidade! Levam aquellas pobres pretas todas as noites a dormir no largo de S. Bento expostas ao tempo. Deve ser bem desalmado o Sr. dellas!

—São pretas que vem de Itapagipe vender roletes á noite. Dizem que ellas tem ordem do Sr. de não voltarem para não serem roubadas no caminho, e como não têm casa onde fiquem, dormem allí, expostas ás chuvas e ao sereno, e ás 5 horas vão para casa.

—Faz dó! Dormem assentadas com as gamellas entre as pernas!

—Eu, si fosse a policia, intervinha no negocio, obrigava o senhor a ter um quarto alugado na cidade, onde as infelizes fossem descansar quando acabassem de vender.

—Vão ver que nem tempo para descansar lhe hão de dar quando chegam em casa.

—Eu era capaz de dizer, se não temesse offender, que essas escravas eram o fructo de dinheiro mal ganho, ou que custou pouco.

—Até agora ainda apparecia de vez em quando uma patrulha por alguma rua mais transitada; agora desapareceram completamente.

—E parece até que os soldados que ha são preguiçosos, porque negam-se a qualquer serviço á bem da ordem.

—E até se fazem surdos!

Na noite de sabbado, ás 11 horas, dous sujeitos espancavam-se em regra no Terreiro, um quebrou uma grossa bengala nas costas do outro. Cançou-se de apitar e o destacamento não ouviu!

Por fim os sujeitos tomaram por seu barato e correram, quando viram que o povo se aproximava delles.

—E dizem que vivemos n'um paiz constitucional!

—E liberrimo!

—Onde um individuo requer com todas as formalidades que se lhe dê um documento, e tem por despacho—requeira em termos!

—E que tem isso de mais? Nada.

—E' que o Sr. não comprehende o *requeira em termos*, o que significa.

—O que é?

—Significa que o individuo deve dizer no requerimento, que uso vae dar a elle; si fôr por ex., para provar uma isempção de servir, nunca terá despacho.

—Petarolas!

—Petarolas, não, os factos ahí estão; os requerimentos neste sentido ao commando das armas, nunca tiveram outro despacho, e para se obter um documento desta ordem allí, era preciso comer candeias de sebo.

—Tambem lhe affianço que, se taes factos se deram, não eram por culpa nem do fallecido commandante das armas, nem do actual. Era força maior.

—Lá isso não sei.

—Os bolceiros em nossa terra com-

mettem quanto abuso ha, e ficam impunes!

—Nos Estados-Unidos, paiz da liberdade e ondo por consequencia a lei não é chimera, não acontece assim.

Veja o que aconteceu o que é narrado pelo *Correio de Ultramar*:

«O tenente coronel Grant, vencedor de Richmond, e talvez futuro presidente dos Estados-Unidos, acaba de ser preso em Washington por ter conduzido uma carruagem com uma velocidade exagerada.

«O general propoz pagar a multa, pois não tinha vontade de ir preso. Sem embargo, o policial declarou-lhe que não estava authorisado para receber as multas, e preciso foi que cedesse o general e se apresentasse na estação proxima para render homenagem á lei commum.

«Um facto analogo viu-se no tempo de Lincoln. O cocheiro do presidente levou sua carruagem até um dos lados da avenida, e um policial atravessou e ordenou que o seguisse ao posto de policia.

«O cocheiro negou-se á isto, porém Lincoln mandou sentar o policial a seu lado e foi a estação, onde pagou a multa.»

—Eis aqui dous bellos exemplos de egualdade perante a lei!

## A PEDIDO

Recommenda-se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia tres rapazotes perfeitos reus de policia, sem officio nem occupação, moradores na Travessa do Cruzeiro, que vivem alli a fazer desordens e insultar a visinhança, principalmente á noite, que munem-se de cacetes, e fazem proezas.

Um delles, a garantia que tem, é ser guarda de artilharia, e os outros nem isso são. Porém constituirá isempção o ser guarda nacional a um individuo que não tem meios para sel-o, e que faz da farda seu salvaterio, envergando-a diariamente para dar á vontade largas a seu pessimo procedimento?

Esse individuo um dia destes, foi preso de pés no chão e em mangas de camisa atirando pedradas, porém o soldado deixou-o tomar a farda, e no outro dia indo a presença de S. S. foi solto.

Parece que n'uma epocha em que se manda recrutados para o Sul, homens que de lá voltaram na qualidade

de officiaes, embora de voluntarios, não estão isemptos maltrapilhos da ordem destes que se aponta a S. S.

—Que diabo do assuada é uma, alli na rua Direita de Palacio, em certas noites?

—Dizem que é um baile de mascaras em miniatura, que ha.

—E' preciso a policia ir assistir uma noite.

—Capitao, mande a certo escriptorio, ás *janellas da Ribeira*, intimar a um velhote que la tem que deixe-se de gatimanhas com a visinhança, do contrario se mandará fazer ver ao Sabino.

—Que trapaceiro miseravel! Sujando-se com ridicularias!

—A' gente do olho vivo tudo serve, meu charo!

—Ora qual! Pois um homem que aspira ao sacerdocio, emporcalhando-se com ninharias!

—Ninharia ou não, diga-me o que é,

—Um sujeito assigna um jornal e marralheiro de chapa, nunca paga a assignatura, ajuntando quatro e seis series. A redacção fecha os recibos n'uma carta e lh'os remette. Depois de ter o portador cançado as pernas em idas e voltas, o nosso *duraco* abre a carta tira os dous recibos de data mais moderna, torna a fechar os outros e entrega eom 2\$ rs., dizendo que vá em outro dia receber o resto. Volta o portador e ninguem faz reparo na esperteza do *meio padre, meio secular*; passados 15 dias, vae-se de novo receber, e o *finorio* diz que não deve, que é impossivel, que já pagou recibos mais modernos do aquelles que lhe apresentam!

O cobrador pede-lhe que lh'os mostre, elle responde que não guarda, mais que vao procurar a ver si os acha. No outro dia quando vae o cobrador elle diz muito ancho —perdi uma noite em procurar, mas achei, e apresenta os recibos de data posterior! Isso não é um roubo crasso?

—Quem é esse marroco?

—Não lhe digo; elle intitula-se do *padre*, ponha-se agora a *vacillar* á ver si se desbro quem é.

—Não posso.

—Elle anda atrapalhado com a subtracção que lhe imputam de certa peça harmoniosa, da casa do oração de Nossa Senhora da *Doença*.

—Ah! ja sei é um que não chupa nada.

—E que se inculca de maçon pelos botequins e tascas.

—A muito que o muxingueiro ja o devia ter visitado.

—Tem escapado até hoje, mas desta vez não lhe vale a sua devoção com S. *José*.

—Acho muito ridiculo aquelle subdelegado, apesar de ser de districto dos *campos*, constituir-se cobrador de casas em sua freguezia, andar pelas portas dos inquilinos á perguntar quem tem dinheiro.

—Pois si o homem valeu-se da sua posição de subdelegado para empolgar a mamata, como é que Vm. extranha?

—Porque acho que aquillo faz perder a força moral da authoridade, e não se coaduna com a devida posição.

—A cousa não é essa; o bom é ver as graças que elle diz aos moradores: por exemplo—tem dinheiro? sinão tem eu brigo—eu sou homem de briga—tomara já achar um inquilino que queira me dar uma facada, para instaurar-lhe um processo; e outras cousinhas deste jaez. Isto é de uma authoridade que se respeita e tem consciencia do que vale?

—O homem entende que por ser de freguezia de fora, deve empregar o valimento de seu cargo para arranjar pepineiras, o que alcança facilmente, por que as partes acreditam que elle sendo authoridade tem recurso para dar andamento e solução a qualquer negocio.

—Eu achava bom que mandassem o tal subdelegado dos *campos* comer *limas*, que as tem boas em seu quintal.

Testemunha da pontualidade e pro-  
bidade com que o Sr. alferes Salustia-

no Souto de Miranda, desempenha o lugar de apontador do arsenal de marinha da Bahia, não nos podemos furtar ao desejo de dirigir um elogio ao empregado zeloso e honesto, que sabe cumprir com dedicação seu dever.

Desculpe o Sr. Souto de Miranda se com estas linhas filhas de espontanea justiça vamos ferir sua modestia.

Sirvam ellas de estimulo a tantos que por ahi vivem a comer o dinheiro do paiz mal e indevidamente.

*Um operario.*

### Pergunta curiosa.

A' vista do artigo 84 da lei provincial n.º 730 de 18 de dezembro de 1858, poderá a camara cobrar legalmente 3\$ rs. por licença para vender farinha fora do celeiro publico?

*O Duvidoso.*

(Continuação.)

—Sr. *Madeira da Suecia*, é tempo de contar-lhe uma historia.

Desculpe si for um pouco longa.

Em 18... descobriu-se para longe de Latronopolis uma terra, que em seu seio encerrava metaes preciosos, em excessiva abundancia.

A exaggeração pintou aquelle manancial de preciosidades com deslumbrantes cores para os espiritos avidos de riqueza.

Um homem alli, tornava-se millionario naquellas *lavras* de diamantes em poucos dias; o tudo estava em saber *girar*, e ter os olhos um pouco abertos, isto é, vivos.

Attrahidos com a descripção de tão incommensuravel riqueza, e pela facilidade de adquiril-a, affluiram para elle centenaes de especuladores, guiados pela cobiça de enriquecer a vapor.

Entre a malta de aventureiros que pressurosos correram a engolhar-se nesse oceano de diamantes que estendia-se em *lençoes* por muitas leguas, destaca-se um espirito eminentemente repleto da mais sordida e hedionda ambição, que constituo o horrore da nossa historia.

Conseguindo illaquear a boa fé de alguns commerciantes de Latronopolis, pôde arranjar um abono de fazendas no valor de uns 8:000\$ rs. mais ou menos; e partiu para o logar das *laderas*.

Genio moldado no cadinho da avareza, na mente pousava-lhe um unico pensamento — ganhar muito dinheiro, fosse como fosse.

Sabia que para chegar mais depressa ao almejado fim, era preciso muitas vezes abandonar a estrada da boa-fé, e internar-se no atalho da falcatura, e trilhar o desvio da trapaça, e que ligado á prohibidade, lhe seria muito longa e duvidosa a jornada, e que para adiantar era preciso dar ás mãos e associar-se a ganancia poderosa auxiliar para taes commettimentos.

Tudo isso sabia elle por longa experiencia de uma vida agitada nestes vaivens da especulação.

Com a alma regorgitando em semelhantes ideias partiu de Latronopolis em demanda do logar desejado, logar que a sua desmarcada cobiça lhe pintava em sonhos, como um *paraiso de brilhantes*.

Chegado ao premeditado destino entregou-se ao trafego especulativo com encarniçamento empregando todos os meios por mais torpes que fossem para fazer fortuna á todo transe.

Ninguem em Latronopolis teve mais noticias do aventureiro, por que elle teve a cautella de não escrever a ninguem, participando o seu estado.

Os credores depois de muito esperar, sem terem novas nem mandados do trapaceiro, julgaram que o diabo tinha levado aquella alma avarenta, e perderam a esperanza de haver o importe de suas fazendas.

No entanto esse espertalhão ia por todos os meios licitos ou não, arrecadando moeda e guardando com insaciavel gana.

Todo trato, toda transacção lhe era boa, com tanto que lhe deixasse lucro sofrivel.

Descia ás mais abjectas especulações afim de adquirir moeda.

O que elle queria era abreviar o caminho, chegar primeiro que os outros.  
(*Continúa.*)

—Que maneira de castigar uma criança!

E' uma barbariedade!

—Aquillo é de mais! Nunca vi dar pancada tão desabridamente!

—Pôr o pobre molequinho nú, amarral-o e surral-o desapiedadamente, como se batessem em pau!....

—Safa! que *escholastico* villão é o tal Sr. *Joaquim*.

—Nem por o moço morar no becco onde se faz *Hostias*, o Corpo de Christo!

—Si o *Motta* fosse vivo não consentia que praticasse tamanho rigorismo.

—Estou quasi mandando o *Silva* denunciar a policia.

—Era bom. Estou que, si ella soubesse, havia de fazer alguma cousa.

—Pois vou fazer isso.

—Capitão, si V. Ex. não tomar providencias energicas á respeito do *trem do mar* de Latronopolis, não sei o que será daquella splunca latronis.

—Formule suas accusações.

—Ainda mais? Não bastam as que tem chegado ao conhecimento de V. Ex.?

—Quanto mais melhor.

—Por agora, referirei a V. Ex. a injustiça que sofre um pobre homem por causa da ladroeira dos patifes.

Ha naquella *toca* um *marcador* grileiro como o diabo. Na *marcação* que faz, altera sempre os dias dos trabalhadores; quem trabalha seis dias, elle marca nove, etc.

—Tanto melhor para os serventes.

—Si o proveito fosse delles. No dia do pagamento, os homens recebem o cobre conforme a folha dada pelo marcador, porém este depois com uma folha particular vac exigindo delles o accrescimo que receberam e guardando no seu bolso, servindo os pobres homens de *moços do cego*. Um destes, estando um dia nos *azeites*, quiz se metter a gato e cassuar com o seu *marcador*. Tinha trabalhado seis dias, porém na folha estava como doze e assim

lhe pagaram. O *marcador* veio a elle, e disse-lhe:

«—V. tinha 6 dias e recebeu 12.

«—Sim, Sr.

«—Pois então dê cá o que tem de mais.

«—Sr., eu recebi o que me deram.

«—Mas V. não sabe que não pode receber mais do que trabalhou?

«—Sr., eu recebi o que estava na feria.

«—Porém. . . . . V. não sabe. . . . .

«—Eu não sei de nada; sei que recebi o que me pagaram.

«—Bem, leve, que V. ha de perder mais.

Deste dia datou a perseguição para o homem. Nunca mais foi marcado para servir sinão duas vezes em duas *meiadas* de mez.

—Vm. não sabe que os gulosos que querem comer so se engasgam? Si elle fizesse uma concordata com seu patrão dividindo a pexinxá, estava livre disso.

—A doutrina deve ser applicada ao *marcador* que arranja o grilo, faz do servente instrumento e depois come elle so.

—Emfim tudo aquillo é uma corja de bandalhos que não ha força de taca que os faça tomar geito. (*Continúa.*)

### Uma pergunta.

Pode um *commandante* de batalhão tirar praças de um outro, e remettel-as para o contingente, somente porque esse outro batalhão está debaixo de sua inspecção?

Pode até metter nas fileiras de seu batalhão os guardas do outro corpo?

Por que motivo?

—Será por que esse batalhão está *sem cabeça*?

*Curioso.*

Sr. Redactor do *Alabama*.—No dia 24 do corrente, veio no seu periodico um artigo contra mim, no qual se diz eu pertencer a companhia do Olho-vivo. Sendo tal artigo de João Coelho Flores, guarda do contingente a quo pertencço, e do numero dos mais remissos, fiado em quo seu relógio dá hora sem pestanejar, isto é, que tem relógio sem cabello, não obstante ser um re-

lógio já velho; e fiado também em ser casado, não tendo consciencia do que eu devia fallar a verdade ao meu superior, pelo que zangou-se contra mim. O Sr. Flores nenhum credito deve merecer, porque era meu amigo antigo, e ainda no dia 25, acceitou o meu jantar na guarda do Forte de S. Pedro, e em tal occasião dirigiu-me brindes, dando-me provas de amizade, e tanto que me informou as causas que o induziram a casar-se. Já vê o publico que o tal Flores é um dos *Seixos*, quanto ao serviço nacional; que não merece fé porque a me considerar da companhia do Olho-vivo não devia relacionar-se tanto commigo, e ainda depois de ter escripto em publico uma falsidade contra mim, acceitou o meu jantar, visitou-me, e passou commigo a mor parte do dia; si era tão meu amigo de certo pensava como eu, e certamente era um dos *sucios*—arranje-se com elles, por que eu não uso do falso que me imputa. Sr. Flores, informe-se melhor do facto da panellinha do mocotó, ou si está bem informado, não falte a verdade, por que tal peça não foi feita por mim, e sim em casuada por outros com consentimento da dona-da casa.

Dê horas, Sr. Flores, melhor que lhe ha de ser outra ora, como a da noite de 25 do corrente, em que foi prezo, enganando ao Sr. Dr. chefe de policia, dizendo ter sido recrutado.

*João Avelino de Souza Pedra.*

—Adeus Sra. Chica do caffè.

—Sr. com quem é isso? olhe para si não me venha offender.

—Não sabia que tanto se offendia de assim chamal-a, quando toda cidade como tal a conhece.

—Peior, não quero historias vá contal-as a Martinha Boi que bem lhe pode assistir, ou lhe dar quem lhe assista.

—Ouvi dizer que a Sra. era fina jogadeira da banca, vinha convidal-a para jogar algumas partidas commigo.

—Não Sr., Tenho já banqueiros certos e quo com gosto perdom seu dinheiro e não fazem cara do choro, nem

se zangam, antes ficam satisfeitos.  
—Eu tambem faria o mesmo, estarei por tudo quanto quizer, o que quero é me divertir, não me importo de perder o que aqui trago, vamos jogar uma partida.

—Não Sr. já estou compromettida com varios assignantes, que são certos todos os dias.

—Quem são esses assignantes? por ventura eu não posso entre elles fazer tambem minha perna.

—Não Sr., já lhe disse estou compromettida, não me veixe.

—Quem são essas personagens, permita que lhe pergunte.

—Não são personagens, que delles não dou fé prefiro a outra gente.

—Quem são os taes freguezes?

—Não lhe dou satisfações.

—Diga sempre quem são.

—E' *Mané, S. Martinho* lhe dê muita vida e saude para gozar do bem que lhe fiz, e eu da franqueza que elle me dá.

—Então elle lhe deixa parar franco?

—E' verdade; e tenho o direito de jogar com todos que me apparecem, por que elle me consente, e quando acaba de bater sua sola, então vem continuar o jogo quando eu já tenho apontado a muitos, e o Sr. bem sabe que quem graças faz graças merece, e assim como elle me dá todo dia por meu, eu com o que lucro guardo para elle bons petiscos, patos fritos, chouriços, etc.

—Elle não se zanga de achar o resto dos outros, quero dizer, da Sra. já ter jogado com outros?

A Sra. faz-me um favor?

—Si estiver ao meu alcance será satisfeito.

—Desejo conhecer esses seus affeicoados jogadores de banca.

—Olhe são rapazes do bom tom, conheço Nicoláu, Marcos barbeiro, Justino, Felipinho, Viva pureza e Marcos de Nazareth etc. etc.?

Está satisfeito?

—Agradecido.

—Agora faça-me o favor retirar-se que elles não tardam que já passa das horas que elles tem de costume vir.

—Bem, desta forma estou despedido?

—Já disse, faça o favor retirar-se,

depois não diga que eu o enganei, elles só gostam de ver aqui gente de sua eguala.

—Desta forma me retiro para sempre, esqueça-se do meu dito.

—Ha mais tempo.

—Barulho por causa de cachorro! E' o resultado de tanto cachorro na rua!

Ontem, 29, as 5 horas estava o cadello do Sr. João Diogo, padeiro á Saude, ás dentadas com o cachorro de um africano seu visinho. O negro zangou-se e matou o cachorro do padeiro.

Este resentiu-se, rascou com o africano, o qual sem preambulos passou a enchada na cabeça do seu contendor que o poz em estado de levar a breca.

—Veremos si agora toma algum calor.

—Nenhuma authoridade appareceu no conflicto; inspector, soldado, nada.

Si não é o povo o neg o empurra-va-se.

## VARIÉDADE.

Um pelotiqueiro na cidade de Praga na Bohemia, tendo promettido mostrar o diabo a seus expectadores, o fez mostrar da maneira seguinte: Subindo ao cadafalso armado no meio da praça, e cercado de uma numeravel turba de curiosos, que queriam ver o promettido diabo, levantando todos uns gasnates enormes, e attentos conservando as boccas abertas, puxou o pelotiqueiro da algibeira uma bolsa vazia, e despejada, levantando em alto, a virou e revirou de dentro para fora, e de fora para dentro, e perguntou ao charo auditorio seu; se via alli naquella bolsa algum diuheiro? Todos a uma voz disseram que não. Pois isso é que é o diabo lhes tornou o pelotiqueiro.

## Porque é que as mulheres fallam tanto

Dizem os rabinos que a palavra *Eva* deriva-se d'outra que se intitula *conserver*. A primeira mulher tomou esse nome, por que, quando Deus creou o mundo, cahiram do céu doze cestos cheios de tagarellice, e ella apanhou nove, em quanto seu marido apenas apanhou tres.

Parece-nos que, depois que fundaram os governos representativos, vieram mais alguns outros, que foram todos apanhados pelos parlamentos.

## A' ESQUADRA BRASILEIRA.

## Acrostico.

D enodada pha **L**ango brasileira,  
 O teu nome n **O** Brasil será sempre lembrado;  
 M ostrastes aos **P**equenos paraguayos  
 P ara quanto **E** capaz nosso soldado.  
 E m cima de teu **S** mastros fluctuava  
 D ourado e sem **P**re rico pavilhão;  
 R ompeste o comb **A**te, fortes bravos,  
 O inimigo ar **R**ojaste pelo chão.  
 S oubeste comb **A**ter em prol da patria  
 E ntre balas, peri **G**os, entre a morte;  
 G anhaste um tri **U**mpbo em Riachuelo;  
 U m hymno se c **V**ntou de sul a norte.  
 N o Lopes uma h **A**pothese pregaste,  
 D ando fundo a se **O**s barcos, desabrido  
 O tyranno ja esp **E**rando essa victoria.  
 M uitos cabos á **H**umaitá tinha trazido.  
 V victoria de **E**m combate glorioso  
 G ravada em a **M**emoria nos está;  
 Nosso *lambarum* **T**remblante e magestoso  
 V de de em breve **T**r pouzar no Humaitá.  
 N unca mais o Pa **A**guay pretenderá  
 I nfringir noss **V**s leis, nossos tratados,  
 M editando — la **N**a sua consciencia.  
 O imperio d **O** Brasil tem bons soldados.  
 (Aur. Cear.)

Viajavam juntas 3 pessoas, um  
 pedante, um barbeiro, e um cal-  
 vo; ajustaram entre si, que cada  
 um velasse 4 horas, em quanto  
 os dous dormiam. Tocou o 1.<sup>o</sup>  
 quarto ao barbeiro, o qual tanto  
 que viu os companheiros profun-  
 damente adormecidos com o can-  
 çasso, deitou-se á cabeça do pe-  
 dante, e muito ao de leve foi-lhe  
 rapando toda; passadas as 4 horas  
 acordou-o. Despertando o pobre  
 homem, bocejou, espreguiçou-se  
 e começou a coçar a cabeça, e  
 achando-a lisa como a palma da  
 mão, exclamou: Olhem que peda-  
 ço de bruto é o mestre barbeiro!  
 Em vez de me acordar a mim,  
 acordou o calvo.

Um general, á quem uma bala  
 d'artilharia levou uma perna de  
 pau em certa batalha, poz-se a  
 rir ás gargalhadas, dizendo: Desta  
 vez logrei o inimigo, pois trago  
 alli outra na minha bagagem.

A um sujeito que asseverava  
 que si havia aceitado certo em-  
 prigo, fóra contra a sua vontade,  
 disse um gracioso: «pois si isso  
 assim é, largue-o por sua vanta-  
 de.»

(Extr.)

## ANNUNCIOS.

Fugiu no principio do corrente mez  
 a escrava crioula Maria Pitó, pertencente ao Sr. Francisco Pereira da Costa, de Itaparica, a qual se achava em poder de seu genro abaixo assignado; e tem os signaes seguintes: baixa, de 30 annos pouco mais ou menos, fula, com as maçans do rosto levantadas, falta de um dente na frente, ou de um lado, olhos grandes, e tem signaes muito visiveis no pescoço de scrophulas: quem a levar ao mesmo abaixo assignado n'al-landega será recompensado. Protesta-se proceder contra quem a tiver acoutado, e haver os dias de serviço, a rasão de 1\$000. Bahia 24 de outubro de 1866.  
*Aguedo Feliciano de Castilho.*

O Sr. Joaquim Muniz de Paula Araujo, surriel da guarda nacional, é rogado a vir a esta typographia.

Christovão Fernandes Velloso, car-teiro do correio, pede a todos os seus assignantes o favor de pagarem os portes de suas correspondencias vindas da Europa, pois elles ja se acham pagos no correio.

Eduardo Gomes Mascarenhas, administrador da casa da viuva do finado Vicente Joaquim d'Aranjo Ribeiro, offerece-se para armar os funeraes ou missas commemorativas do passamento dos bravos da patria, que tem succumbido nas fileiras do exercito brasileiro: abeneficio das familias dos mesmos, desempenhando satisfatoriamente qualquer pedido, por muito menos do que qualquer outro, podendo para isso lim ser procurado na rua direita da Misericordia n.º 31 ou em sua loja de cera na mesma rua n.º 10.